UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação

Denise Paro

A DECODIFICAÇÃO DA NOTÍCIA A PARTIR DO LEAD

BAURU
2005

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO
CAMPUS DE BAURU
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

Denise Paro

A DECODIFICAÇÃO DA NOTÍCIA A PARTIR DO *LEAD*

BAURU
2005

Denise Paro

A DECODIFICAÇÃO DA NOTÍCIA A PARTIR DO *LEAD*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Área de Concentração em Comunicação Midiática, da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da UNESP/Campus de Bauru, como requisito à obtenção do título de Mestre em Comunicação, sob a orientação da Profa. Dra. Maria Inez Mateus Dota.

Bauru
2005

Ficha catalográfica elaborada por
DIVISÃO TÉCNICA DE BIBLIOTECA E DOCUMENTAÇÃO
UNESP - Bauru

Paro, Denise
A decodificação da notícia a partir do lead / Denise Paro. - - Bauru : [s.n.], 2005.
144 f.

Orientador: Maria Inez Mateus Dota.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, 2005.

1. Análise do discurso. 2. Redação de textos jornalísticos. 3. Jornalismo. I – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação. II - Título.

Número de chamada
Clas. T/UNESP
PHA P267d
Tombo nº 1271

Denise Paro

A DECODIFICAÇÃO DA NOTÍCIA A PARTIR DO *LEAD*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, da Universidade Estadual Paulista, Campus de Bauru, para obtenção do título de Mestre em Comunicação.

BIBLIOTECA - UNESP - CAMPUS BAURU

Banca Examinadora:

Presidente: Profa. Dra. Maria Inez Mateus Dota
Instituição: Unesp/Bauru

Titular: Prof. Dr. Maximiliano Martin Vicenti
Instituição: Unesp/Bauru

Titular: Prof. Dr. Danilo Rothberg
Instituição: Universidade do Sagrado Coração (USC)

Bauru, 04 de março de 2005.

Dedico este trabalho a todos
pesquisadores da mídia

AGRADECIMENTOS

Ao Daniel Machado, pelo incentivo, apoio, compreensão e carinho para a realização do curso de Mestrado e a conclusão da dissertação.

À professora Maria Inez Mateus Dota, pelo exemplarismo profissional, apoio e orientação prestada.

Aos meus pais, Clóvis Paro e Virce Tozzi Paro, incentivadores dos estudos e da decisão de se fazer o mestrado.

Às colegas de graduação e de profissão, às jornalistas Cristina Loose e Lenize Villaça, sempre companheiras nos momentos bons e nos difíceis.

Aos funcionários da seção de pós-graduação da FAAC, Silvio Carlos Decimone e Helder Gelonezi, pela atenção prestada.

A todos os meus colegas da Conscienciologia que são incentivadores da reflexão e dos estudos da mídia sob o enfoque do paradigma consciencial.

PARO, D. **A decodificação da notícia a partir do *lead***. 2005. 142 f.
Dissertação (Mestrado em Comunicação). Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, UNESP, Bauru, 2005.

RESUMO

Com base na Análise do Discurso e nos estudos do jornalismo, analisam-se notícias factuais publicadas nos jornais ***Folha de S. Paulo*** e ***O Globo***, escritas a partir da técnica do *lead.* São utilizados o interdiscurso, o intertexto e o não-dito para avaliar o discurso das matérias e aferir a manifestação da ideologia na linguagem. Conclui-se que as notícias elaboradas com o *lead* não contextualizam as informações, deixam lacunas no texto e passam ao leitor uma versão superficial dos fatos.

Palavras-chave: Análise do Discurso; jornalismo; *lead.*

ABSTRACT

Founded on Discourse Analysis and on Journalism Studies, hard news published in ***Folha de S. Paulo*** and ***O Globo*** is analyzed. The interdiscoursivity, the intertextuality and the non said are used to evaluate news discourse and to rate the manifestation of ideology in language. The conclusion is that the news based on the lead does not contextualize the information, leaves some gaps in the text and offers the reader a superficial version of the facts.

Key words: Discourse Analysis; journalism; lead.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

LISTA DE ANEXOS

Anexo A	**Refém é morto no 2o. dia de rebelião no Rio**
Anexo B	**Refém é morto pelas costas**
Anexo C	**Reforma agrária não será feita no grito, diz Lula**
Anexo D	**Lula: 'A reforma agrária não será feita no grito'**
Anexo E	**Líder do MST é baleado ao tentar invadir terra em PE**
Anexo F	**Sem-terra fazem 14 invasões e líder é baleado**
Anexo G	**Armas são roubadas da Aeronáutica no Rio**
Anexo H	**Paiol da Aeronáutica invadido**
Anexo I	**Corpo é levado em carrinho de mercado**
Anexo J	**Mais um corpo num carrinho**
Anexo K	**Marcha pró-aborto reúne multidão nos EUA**
Anexo L	**Mais uma guerra para Bush**
Anexo M	**Aluna mata colega a facadas em escola**
Anexo N	**Aluna de 16 anos mata colega por vingança**
Anexo O	**Argentina anuncia veto "virtual" à carne**
Anexo P	**Argentina veta carne brasileira**
Anexo Q	**PT pune 12 por voto contra mínimo**
Anexo R	**PT dá punição branda a rebeldes do mínimo**
Anexo S	**Oviedo volta, jura inocência e é preso**
Anexo T	**Oviedo é preso ao voltar ao Paraguai**

unesp

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS 4

RESUMO 5

ABSTRACT 6

LISTA DE ANEXOS 7

1 INTRODUÇÃO 8

2 A ANÁLISE DE DISCURSO 12

2.1 Desenvolvimento da Análise de Discurso 15
2.2 Discurso 17
2.3 Formação Discursiva 18
2.4 Intertextualidade 20
2.5 Interdiscursividade 22
2.6 Não-dito 24

3 VISÃO IDEOLÓGICA DO DISCURSO 26

3.1 Ideologia na Mídia 34
3.2 Ideologia e Discurso 43
3.3 Opinião 45

4. O JORNALISMO E A PRODUÇÃO DE NOTÍCIAS 47

4.1 O *Lead* e a pirâmide invertida 55
4.2 Tipos de *Lead* 61
4.3 O jornal no contexto econômico 63

5 ANÁLISE DE NOTÍCIAS: *FOLHA DE S. PAULO* E *O GLOBO* 69

5.1 Morte em presídio 70
5.2 Reforma Agrária 77
5.3 MST 82
5.4 Roubo de armas 86
5.5 Morte em favela 90
5.6 Aborto nos EUA 95
5.7 Violência na escola 98
5.8 Relações Comerciais Brasil-Argentina 101
5.9 O PT no governo 106
5.10 Volta de Oviedo ao Paraguai 109

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS/RECOMENDAÇÕES 113

REFERÊNCIAS 118

ANEXOS 122

unesp

1. INTRODUÇÃO

1 INTRODUÇÃO

As transformações na forma de emitir e receber notícias são uma das mais rápidas registradas na sociedade neste preâmbulo do século XXI. Mal nos acostumamos à idéia de escrevermos em computadores e já somos atropelados por transmissões velozes de dados e informações em tempo real, independente da distância entre vilas, cidades, estados e países.

As tecnologias da informação são as campeãs de audiência nos debates acadêmicos e no mercado da comunicação. No entanto, no meio jornalístico pouco se discute a respeito do conteúdo e qualidade das informações que circulam por esses canais ultravelozes ou chegam de uma cidade a outra em segundos para serem veiculadas na *Internet,* em redes de televisão e também, no dia seguinte, estarem estampadas nas páginas de jornais vendidos nas ruas. Essas informações, ao longo dos dias, dos tempos e dos séculos, sutilmente contribuem para moldar nossa visão a respeito do mundo e de nós mesmos.

Talvez o impacto da parafernália de máquinas tenha seduzido o homem e, ao mesmo tempo, reduzido o debate a respeito do conteúdo do que vem sendo comunicado.

Essa é justamente a proposta desta pesquisa. Resgatar a discussão da qualidade das informações transmitidas pela indústria da comunicação.

Para efetivar esta meta, partimos para o estudo do jornalismo impresso, especificamente das notícias factuais, ou seja, publicadas a partir de fatos ocorridos no dia-a-dia. Esse formato de informação ocupa a maior parte dos noticiários de televisões, rádios e dos jornalismos digital e impresso. Nada melhor do que a análise da própria linguagem para aferir de forma segura o conteúdo do que vem sendo difundido pelos jornais. A linguagem é a instância maior de representação da ideologia, através da qual é possível mensurar fundamentos das idéias difundidas pelos meios de comunicação que vêm contribuindo de uma certa forma para moldar a sociedade.

unesp

A fim de embasar esta pesquisa, vamos recorrer à disciplina da Análise do Discurso, cujo corpo teórico alia fundamentos da lingüística, sociologia, filosofia e psicanálise. Estamos adotando a intertextualidade, o interdiscurso e o não-dito para analisar os discursos. A Análise do Discurso está sendo usada como aparato teórico-metodológico e relacionada às teorias do jornalismo.

Metodologia

O objeto desta pesquisa são as notícias factuais escritas a partir da fórmula do *lead*, as seis perguntas (*O que? Por que? Quando? Onde? Como? Quem?*) que se tornaram clássicas no jornalismo mundial.

O objetivo é verificar se essas matérias escritas a partir do *lead* proporcionam condições para o leitor ter uma visão crítica dos fatos, por meio da contextualização dos assuntos, ou apenas relatam os acontecimentos, reproduzindo um recorte ideológico através das lacunas deixadas no texto.

A análise das notícias será feita com 20 matérias veiculadas em dois jornais de circulação nacional: a ***Folha de S. Paulo***, de São Paulo, e ***O Globo***, do Rio de Janeiro. Para isso, nos atemos a um *corpus* de três meses, no período de abril a junho de 2004. As matérias referem-se a diversos assuntos publicados em ambos os periódicos no mesmo dia. A seleção dos textos seguiu os seguintes critérios: destaque das matérias nos jornais; variedade de assuntos e editorias, tais como, política, geral e internacional.

Optamos pela escolha de dois jornais de circulação nacional pelo fato de estes terem projeção em todo o país e atualmente representarem alguns dos periódicos mais influentes na mídia impressa brasileira.

Para fazer a análise, selecionamos os principais trechos das matérias a fim de analisar a intertextualidade, o interdiscurso, o não-dito e a manifestação da ideologia no discurso dos

unesp

jornais, considerando, para isso, os estudos do jornalismo. Após fazer a análise do discurso nas duas matérias de assuntos semelhantes, apresentamos uma conclusão sobre os textos, indicando as lacunas deixadas pelo autor. O trabalho está focado na produção das matérias.

Inicialmente, apresentamos um panorama da Análise do Discurso, disciplina que fundamenta teoricamente esta pesquisa. Partimos da gênese da Análise do Discurso, recuperando os episódios e as disciplinas que a embasaram, tais como a retórica e a Análise de Conteúdo, até a apresentação dos pressupostos elegidos para a análise das notícias: a intertextualidade, a interdiscursividade e o não-dito.

No item 3, aprofundamos as noções de ideologia e opinião no contexto da mídia. Mostramos o surgimento do termo ideologia e seus diversos significados ao longo da história e sua relação com o jornalismo.

No item seguinte fazemos um apanhado sobre o contexto atual do jornalismo e as influências do sistema sócio-econômico e da cultura jornalística na produção de notícias, a fim de mostrar de que modo essas instâncias afetam o discurso. Também apresentamos a técnica de redação do *lead.*

No item 5, prosseguimos com a análise das matérias. O objetivo é aferir o discurso dos jornais ***Folha de S. Paulo*** e ***O Globo,*** pontuando as peculiaridades de cada um para, assim, chegarmos a uma conclusão a respeito das duas matérias publicadas pelos jornais sobre o mesmo tema.

Ao final, apresentamos uma análise conclusiva e recomendações, na tentativa de encontrar caminhos para aprimorar a qualidade da mensagem jornalística no dia-a-dia.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

2. A ANÁLISE DE DISCURSO

2 A ANÁLISE DE DISCURSO

A evolução dos estudos no campo da lingüística colocou o discurso na condição de intermediador entre o lingüístico e o extralingüístico, valorizando o ambiente sócio-histórico e ideológico que permeia o exercício da língua. Essa abordagem permitiu uma mudança na reflexão sobre a relação do emissor e do receptor com a linguagem. O enunciado deixou de ser considerado apenas um mero produto "midiológico" resultante de formações textuais inflexíveis e passou a co-habitar interações sociais cristalizadas ao longo do tempo, moldadas por *inputs* e *outputs* de uma troca sistêmica entre o meio social, o enunciador e o co-enunciador.

As mudanças nas abordagens lingüísticas remontam a um encadeamento de descobertas com tradições relacionadas desde a cultura grega. Tais episódios são recuperados pela hermenêutica (interpretação de textos), filologia – disciplina que ligava a exegese, a gramática e a história na produção de comentários críticos de textos antigos – e, ainda, a retórica.

A retórica surgiu como um conjunto de técnicas voltadas à criação de discursos jurídicos, deliberativos (políticos) e epidícticos – discursos de elogio ou censura. Nascida no século 5 a. C. nas colônias gregas da Sicília, apresenta-se como arte, técnica e produção de discursos persuasivos, constituindo-se de três partes: as provas, a elocução e a disposição. As provas são modos de persuasão e relacionam-se à trilogia aristotélica *ethos*, *pathos* e *logos*. O *ethos* é classificado como parâmetros relacionados ao orador; o *pathos,* parâmetros relacionados ao auditório e o *logos,* parâmetros relacionados ao tema do discurso.

A elocução – *lexis* – significa verbalizar o pensamento, passando do conceitual ao lingüístico por meio da seleção de palavras e figuras. A disposição – *taxis* – corresponde ao encadeamento das partes constitutivas da exposição e demonstração do assunto, considerados os principais momentos do discurso.



As bases da retórica são usadas em inúmeras disciplinas atuais e estão bastante presentes na mídia por meio da publicidade. A partir da expansão dos meios de comunicação de massa no Brasil, na década de 60, a publicidade passou a usar as ferramentas da retórica em larga escala.

Para Pinto (1999, p. 12) a Análise do Discurso, focada nos estudos pela disputa da hegemonia da fala na sociedade, "não deixa de ser, de certa forma, uma reflexão sobre a teoria e a técnica da retórica como prática social". Os sofistas também usaram a retórica para substituir a procura do conhecimento e da verdade pela construção de simulacros verossímeis, segundo Pinto. A produção desses discursos era centrada mais na emoção do que na razão. Essa característica da retórica, para o autor, é outro ponto de similitude com a análise de discursos.

A noção de polifonia – argumentos usados em um discurso, mas trazidos de outros – disseminada por Mikhail Bakthin, também está presente na Análise de Discurso e ligada à retórica, assim como o dialogismo – condição na qual um texto "dialoga" com outro, ou seja, é construído a partir de um debate com outros. A Análise de Discurso ainda herda da retórica os argumentos éticos e patéticos – voltados à comoção do público. Essas características são consideradas pelos analistas como efeitos de sentido do texto.

A Análise de Conteúdo, desenvolvida pela pesquisa norte-americana nos anos 30 por meio de estudos relacionados à sociologia e à psicologia, por Bernard Berelson e Harold Lasswell, é outra disciplina que também antecede a análise de discurso. O método é voltado ao tratamento da informação semântica dos textos, aliada ao uso de técnicas estatísticas e de comparações. Nesse sentido, privilegia-se a transcrição do conteúdo dos textos, o que vem sendo um dos aspectos mais criticáveis da Análise de Conteúdo, pelo fato de acabar descontextualizando o enunciado das marcas externas, inviabilizando, assim, a característica

unesp

de discurso. A partir de então, a análise do texto acaba sendo um outro discurso produzido pelo pesquisador.

No entanto, partindo dos pressupostos da evolução das pesquisas na área, os estudiosos da Análise do Discurso propõem um aperfeiçoamento da Análise de Conteúdo, agregando principalmente noções das ciências sociais e da linguagem. A partir dessa proposta começaram a surgir as primeiras noções do que viria a ser a Análise de Discurso.

2.1 Desenvolvimento da Análise do Discurso

Desvendar as armadilhas da linguagem a partir da percepção dos significados implícitos é uma das principais propostas da Análise do Discurso. A disciplina vai além dos fundamentos da lingüística estruturalista, na qual o foco de estudo do texto limita-se a uma abordagem imanente, excluindo, dessa forma, o contexto e a exterioridade do enunciado. O estruturalismo trata a prática e o evento discursivo como estruturas unitárias e fixas, similar a um modelo de causalidade mecânica. Ao contrário, a concepção dialética foca prática e eventos na condição de um mecanismo contraditório, os quais possuem uma relação complexa e variável com as estruturas discursivas.

Criada a partir de concepções dos formalistas russos, os quais passaram a tratar o texto enquanto lógica de encadeamentos transfrásticos – que vão além da frase – a Análise do Discurso ganhou novos suportes teóricos com o passar do tempo. A partir dos anos 50, agrega contribuições de estudiosos, a exemplo do norte-americano Zellig Harris, responsável pela iniciativa de colocar a Análise do Discurso na condição de disciplina, embora desconsiderasse a significação e o contexto sócio-histórico de produção dos discursos. Idéias de R. Jakobson e E. Benveniste a respeito de enunciação também contribuíram para a formação da disciplina.



Benveniste (1966 apud BRANDÃO, 1993) enfatizou a relação entre locutor, enunciado e o mundo, que se tornou o centro das reflexões sobre a Análise do Discurso.

Desse núcleo de estudos surgiram as vertentes européia e anglo-americana que hoje tratam da Análise do Discurso. A linha européia considera as condições de produção do discurso como fator primordial aos estudos, extrapolando os limites da lingüística imanente, ou seja, que não lança mão das contextualizações. Nesse sentido, ganham importância os conceitos de ideologia, com base em Althusser, e discurso, na linha de pensamento do filósofo Michel Foucault.

Michel Pêcheux, considerado um dos mais proeminentes estudiosos da área, usa as bases teóricas desses dois pensadores para elaborar conceitos da Análise do Discurso, na vertente francesa.

A abordagem anglo-americana, originada na Inglaterra e incorporada nos Estados Unidos, leva em conta fundamentos da sociologia, da psicologia e da etnologia, porém considera o indivíduo imune ao contexto social. Essa corrente entende a fala enquanto instância originária inteiramente do indivíduo, desvinculado das influências do meio social e vê a teoria do discurso na condição de extensão da lingüística. Também se interessa por análises de conversações, discursos de sala de aula e discursos terapêuticos, entre outros. Apesar de essas características predominarem, há autores anglo-saxões, a exemplo de Norman Fairclough, Allan Bell e Roger Fowler que se baseiam na realidade social para desenvolver suas pesquisas.

A Análise do Discurso norte-americana prima por privilegiar a disciplina enquanto extensão da lingüística pelo fato de considerar frase e texto na condição de elementos isomórficos, ou seja, com o mesmo tipo de relação combinatória.

Sob o percurso da tradição européia de estudos, a qual fundamenta este trabalho, a Análise de Discurso passa a ser estudada não só com suporte da lingüística, mas também afim

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

às disciplinas da história, sociologia, psicologia e filosofia e na condição de formação ideológica. Nessa estrutura também cabe o papel do indivíduo – o eu – que utiliza o aparato lingüístico para se expressar e sofrer influência da ideologia.

2.2 Discurso

Diferente da seqüência estabelecida pela comunicação entre emissor, mensagem, referente, código e receptor, o discurso é concebido distanciando-se da noção de simples transmissão de informação. Na língua, segundo Orlandi (2000, p. 21), não há separação entre emissor e receptor. Eles realizam simultaneamente a significação. Palavra em movimento, o discurso é considerado um efeito de sentidos entre os locutores.

Para Fairclough (2001, p. 91), o discurso "é uma prática de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significados". Ele ainda diz que as mudanças no uso da linguagem representam uma parte importante de mudanças sociais e culturais consideradas amplas. Os discursos não só refletem ou representam entidades e relações sociais, mas também posicionam as pessoas enquanto sujeitos sociais. O autor também enfatiza a característica de confluência dos discursos. Diferentes discursos misturam-se em condições sociais particulares para produzir um novo e complexo discurso.

Com base nos pressupostos desenvolvidos por Louis Althusser, Pinto (1999, p. 17) diz que os discursos são considerados práticas sociais determinadas pelo contexto sócio-histórico, mas que também são partes constitutivas daquele contexto.

Foucault (2004, p. 8) relaciona o discurso ao poder. Uma das hipóteses de estudo dele é a de que "em toda a sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo números de procedimentos que têm por

função conjurar seus poderes, perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade".

Dessa forma, o jornalismo pode ser considerado um filtro dos discursos, controlando, selecionando e distribuindo as informações de acordo com interesses particulares. A técnica de redação do *lead*, no sentindo que comenta Focault, está inserida nos procedimentos voltados para formatar os fatos, constituindo uma forma de controle da notícia.

A atividade jornalística está presente neste contexto também ao dar sentido aos discursos. Para Sousa (1999, p. 34), os meios de comunicação jornalísticos contribuem para que fatos, idéias e temáticas de significação sejam atribuídos a um determinado sentido, embora o sentido final dependa do receptor e das mediações sociais, tais como escola, família e grupos sociais que o indivíduo integra.

Sousa (1999, p. 88) também salienta que "as organizações, as instituições e os poderes têm um forte poder conformador dos discursos jornalísticos e que estes fazem uso de padrões culturais pré-existentes".

2.3 Formação Discursiva

Todo discurso está inter-relacionado a outros. Os enunciados não são estáticos, fechados, mas sim constituídos e influenciados por idéias anteriores, pré-concebidas.

Partindo desse pressuposto, introduz-se a noção de formação discursiva, a qual "define seu domínio de saber articulando um conjunto de formulações aceitáveis (isto é, ela determina 'o que pode e dever ser dito')", BRANDÃO (1998, p.126). Ao mesmo tempo em que delimita "o que pode e dever ser dito", a formação discursiva elimina idéias, determinando "o que não pode / não deve ser dito".

unesp

O conceito de formação discursiva é objeto de estudo de Foucault e Pêcheux. Para Foucault, a formação discursiva é vista enquanto "sistema de regras que tornam possível a ocorrência de certos enunciados, e não outros, em determinados tempos, lugares e localizações institucionais" (FOUCAULT, 1972, apud FLAIRCLOUGH, 2001, p. 65).

Pêcheux relaciona a formação discursiva à formação social. Na visão dele, em toda formação social, entendida por uma relação entre classes, há "posições políticas e ideológicas, que não são feitas de indivíduos, mas que se organizam em formações que mantêm entre si relações de antagonismo, de aliança ou de dominação" (PÊCHEUX, 1971, p. 102 apud CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004, p. 241). Essa formação ideológica abarca uma ou várias formações discursivas interligadas e é a responsável por determinar o que pode e deve ser dito em determinada conjuntura. Ainda segundo Pêcheux, isso explica o motivo pelo qual os sentidos das palavras mudam quando se passa de uma formação discursiva à outra.

Por isso, apesar de manobrar as delimitações do discurso, uma formação discursiva não é fechada e dialoga com outras, em um movimento dinâmico que vai moldando as idéias com o tempo.

Charaudeau e Maingueneau (2004, p. 242) mencionam o fato de a formação discursiva manter uma relação estreita com a identidade enunciativa de discursos específicos, a exemplo do comunista, administrativo e científico.

Em seus estudos, Foucault (2004, p. 37) explica as bases das formações discursivas, tomando como exemplo a unidade dos discursos sobre loucura. Segundo ele, "a unidade dos discursos sobre a loucura não estaria fundada na existência do objeto 'loucura', ou na constituição de um único horizonte de objetividade". Segundo Foucault, os objetos do discurso são recortados por medidas de discriminação e de repressão. Dessa forma, eles diferenciam-se no que Foucault chama de prática cotidiana, na jurisprudência, na casuística religiosa, no diagnóstico dos médicos. Assim, para Foucault (2004, p. 37), "a unidade dos

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

discursos sobre a loucura seria o jogo das regras que definem as transformações desses diferentes objetos, sua não-identidade através do tempo, a ruptura que neles se produz, a descontinuidade interna que suspende sua permanência".

2.4 Intertextualidade

A ligação de todo enunciado a discursos anteriores fez surgir a noção de intertextualidade e interdiscursividade na disciplina da Análise do Discurso. Os enunciados têm por característica absorver textos passados, tanto escritos quanto orais, que irão se transformando ao longo do tempo.

A intertextualidade, introduzida por Júlia Kristeva com base nas idéias do dialogismo de Bakthin, é entendida como a construção múltipla de textos, observada na presença explícita de outros discursos em um só discurso.

Kristeva, citada por FAIRCLOUGH (2001, p. 134), diz que a intertextualidade implica "a inserção da história (sociedade) em um texto e deste texto na história". Quanto à primeira afirmação, Kristeva evidencia que o texto absorve e é construído de textos do passado. Ela também enfatiza a característica do texto em responder, reacentuar e retrabalhar textos passados. Dessa forma, contribuiu com a história e processos de mudanças mais amplos, ao antecipar e tentar moldar textos posteriores.

Fairclough (2001, p. 135) relaciona a intertextualidade à hegemonia. Segundo ele, a possibilidade de transformar textos anteriores e reestruturar convenções existentes (gêneros, discursos) ínsita à intertextualidade, é socialmente limitada e restringida pelas relações de poder. Para explicar essa possibilidade, segundo o autor, é necessário recorrer a uma teoria de relação de poder.



Os analistas de discursos franceses introduziram a noção de intertextualidade manifesta para denominar textos explicitamente presentes no texto sob análise. A intertextualidade manifesta é identificada por relatos, aspas ou citações de outros autores. Em relação ao uso de aspas é necessário fazer algumas observações. Elas podem colocar sobre quem fala (o eu externo) a responsabilidade do discurso relatado ou sustentar uma posição própria.

Essas marcas podem aparecer no texto por meio, por exemplo, do chamado discurso indireto – cuja característica proporciona margem à ambigüidade, pois não se sabe ao certo se as palavras mencionadas foram originadas do autor do texto ou de outras fontes. Mas há também o discurso direto, no qual a pretensão do autor recai sobre a reprodução fiel das palavras de outro. Nesse aspecto, Fairclough alerta para detalhes em relação à contextualização do discurso representado, tais como a escolha do verbo representador ou o verbo do ato da fala.

Outros aspectos textuais inerentes à intertextualidade que devem ser considerados na análise são a pressuposição, a negação, o metadiscurso e a ironia. Relacionada a textos anteriores do próprio autor ou a textos de outros, a pressuposição pode servir enquanto elemento para manipulação do receptor. Geralmente expostas como proposições já estabelecidas ou dadas, a exemplo do que coloca Fairclough (2001, p. 155), as pressuposições podem estar acompanhadas da partícula "que", ou de artigos definidos.

Já a negação é representada por frases negativas geralmente com o objetivo de causar polêmica. As frases negativas estão contidas de pressuposições cujo teor pode levar o receptor à interpretação contrária ao sentido da frase. Fairclough cita, em sua obra, a frase "Eu não matei o informante", na qual pressupõe a existência de outro texto dando conta que a pessoa já havia assumido o crime.



O metadiscurso está ligado à utilização de outros textos em um texto, diferenciado-os por meio de paráfrases ou certas expressões, a exemplo de "espécie de", "tipo de". Dessa forma, o autor consegue distinguir até mesmo seu próprio texto dentro do texto.

A ironia é identificada quando há uma dissonância entre o significado do texto e o contexto no qual ele está inserido. Essa contradição pode ser percebida no tom de voz dos falantes, no caso de enunciados orais, ou no uso de aspas, quando se trata de textos escritos.

A intertextualidade pressupõe a existência de uma cadeia complexa de textos. Em um discurso político, transformado em matéria jornalística, por exemplo, podem estar presentes fontes, instituições, meios de comunicação em uma só cadeia. Apesar disso, Fairclough (2001, p. 167) alega que as cadeias intertextuais são limitadas pelo fato de as instituições e as práticas sociais serem articuladas de modos particulares, restringindo o desenvolvimento das cadeias. Ainda segundo Fairclough, os tipos de texto diferem-se conforme os tipos de redes de distribuição e cadeias intertextuais e, conseqüentemente, as transformações nele provocadas.

No jornalismo, a intertextualidade pode ser identificada na presença de declarações de entrevistados entre aspas. O uso das citações das fontes não é aleatório. As escolhas lexicais do autor do texto sempre têm o propósito de produzir um determinado sentido à notícia.

2.5 Interdiscursividade

O conceito de interdiscursividade surgiu a partir da intertextualidade. Os analistas franceses, com base em estudos de Bakhtin, o qual fala da possibilidade de os textos absorverem convenções discursivas, mencionaram essa característica constitutiva dos textos.

A interdiscursividade é também conhecida como intertextualidade constitutiva por recorrer a outros textos, que, ao contrário da intertextualidade, não aparecem de forma explícita. Fairclough (2001, p. 159) afirma que a interdiscursividade é formada por ordens de

unesp

discurso. Segundo Pinto (1999, p. 53), o termo, proposto por Michel Foucault, diz respeito "a gêneros de discursos produzidos no interior de uma instituição social ou de uma comunidade discursiva, quer para divulgação externa, quer para circulação interna". A fim de tornar o conceito mais claro, Pinto cita o exemplo da ordem de discurso de uma empresa jornalística, formada por gêneros dos noticiários, tais como, o econômico, político, além de editoriais, anúncios, colunas de opinião e entrevistas.

Os elementos constitutivos das ordens de discurso, segundo Fairclough, são diversos, tratando-se do que ele chama de gêneros, estilos e discursos. Nesse sentido, o autor define gêneros como "um conjunto de convenções relativamente estável que é associado com, e parcialmente representa, um tipo de atividade socialmente aprovado". No gênero, ainda segundo o autor, também estão contidos as etapas de produção, distribuição e consumo de textos. Nesta pesquisa trabalharemos especificamente com o gênero notícia, do jornalismo impresso.

Essas ordens de discurso, para Fairclough, podem ser tidas também ao modo de uma cadeia de textos pertencente à rotina, por exemplo, de uma instituição, na qual os textos são transformados até chegar ao produto final.

Para Charaudeau e Maingueneau (2004, p. 286), o interdiscurso é o "conjunto das unidades discursivas (que pertencem a discursos anteriores do mesmo gênero, de discursos contemporâneos de outros gêneros, etc.) com os quais um discurso particular entra em relação implícita ou explícita".

O interdiscurso tem uma estreita relação com as formações discursivas. Também é definido como "uma articulação contraditória de formações discursivas que se referem a formações ideológicas antagônicas" (COURTINE, 1981, p. 54 apud CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004, p. 286). No interdiscurso estão contidos os objetos e a coerência dos enunciados de uma formação discursiva.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

As matérias jornalísticas são encadeadas por interdiscursos, que por sua vez evocam discursos específicos. A expressão de sentido desses discursos remete a interesses próprios dos meios de comunicação de massa, pois a presença dos interdiscursos nas mensagens configura uma determinação a fim de confirmar algo que se pretende comunicar, passando a ser uma manobra ideológica.

2.6 Não-dito

Todo enunciado tem em sua formação conteúdos explícitos e implícitos. O não-dito, formações textuais com significados implícitos, integra algumas das pistas contidas nos enunciados para se chegar às formações discursivas e analisar discursos.

O lingüista O. Ducrot é um dos estudiosos da temática. Ducrot (1972 apud ORLANDI, 2000) diferencia em suas abordagens dois conteúdos implícitos que se opõem ao explícito – o pressuposto e o subentendido, relacionados ao não-dito. Com base na teoria da semântica argumentativa, o pressuposto é derivado da linguagem, pois o posto (o dito) traz o pressuposto, não-dito, mas presente, conforme explica Orlandi. O subtendido tem ligação com o contexto e não precisa estar conectado ao dito.

Segundo Orlandi, o interdiscurso, a ideologia e a formação discursiva são facetas da Análise do Discurso que abarcam o não-dizer. Orlandi (2000, p. 82) ainda diz "que há sempre no dizer um não-dizer necessário. Quando se diz 'x', o não-dito 'y' permanece como uma relação de sentido que informa o dizer de 'x'. Isto é, uma formação discursiva pressupõe uma outra".

Orlandi também enfatiza a relação entre o silêncio e o não-dito na Análise de Discurso. O silêncio pode ser identificado quando uma palavra apaga outras; ou pela censura – o que não pode ser dito conforme determinado momento, a exemplo de uma ditadura,



produzida por uma relação de poder. Orlandi (2000, p. 84) enfatiza a importância do analista observar que "o que não é dito, o que é silenciado constitui igualmente o sentido do que é dito".

O pesquisador holandês Teun A.Van Dijk (1998, p. 43) aborda em seu trabalho a relação do implícito e explícito com ideologia e opinião. Para ele, a presença ou ausência de uma informação padrão pode ser interpretada semanticamente como clareza ou subentendido. Aí reside a influência ideológica: tornar explícitas as informações e as opiniões consideradas boas para o grupo ("Nós") e ruim para os indivíduos de fora do grupo ("Eles") e vice-versa.

A construção do *lead*, nesse caso, pode estar repleta de silêncios para manifestar uma determinada ideologia na medida em que o texto não responde a todas as perguntas. A falta de respostas aos questionamentos do *lead* e a questões fundamentais a respeito do contexto das matérias revela a superficialidade do jornalismo nesse atual momento.

O apanhado de reflexões somadas às características analíticas oferecidas pela disciplina da Análise do Discurso mostra o quanto o discurso é resultante de um contexto coletivo no qual as variáveis que influenciam a expressão de idéias são fundamentais para a composição e determinação das palavras.

Nesse sentido, a prática do jornalismo é norteada por eventos específicos que envolvem desde a visão de mundo de repórteres até o contexto de produção editorial das empresas de comunicação. Essas, por sua vez, estão submetidas a uma espécie de ditadura do mercado, a qual impõe determinados padrões, traduzidos pela linha editorial e adaptações ao esquema de produção industrial, que acabam sendo incorporadas à elaboração dos discursos antes que estes cheguem ao receptor.

Com base nestas condições, o jornalismo constrói sentidos que passam desapercebidos pelos leitores, embora sejam assimilados. Essas construções funcionam como perpetuação de ideologias.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

3. VISÃO IDEOLÓGICA DO DISCURSO

3 VISÃO IDEOLÓGICA DO DISCURSO

Por aliar a lingüística ao sócio-histórico, as performances da ideologia e do discurso são essenciais na Análise do Discurso. Linguagem e ideologia mantêm uma relação de interfusão. A linguagem está presente na ideologia enquanto a ideologia manifesta-se na língua.

Nesse aspecto, a exemplo do que coloca Orlandi (2000, p. 17), "a materialidade específica da ideologia é o discurso e a materialidade específica do discurso é a língua". A partir dessa premissa são estabelecidas ligações suficientes para compor a relação língua-discurso-ideologia, na qual o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia, dando sentido à língua. Essa afirmação tem base no pensamento de Althusser (2003, p. 104). Ele coloca que na condição de sujeito, o indivíduo assujeita-se à ideologia. "O indíviduo é interpelado como sujeito (livre) para aceitar, portanto (livremente) sua submissão, para que ele 'realize por si mesmo' os gestos e atos de sua submissão".

A exemplo do que diz Orlandi (2000, p. 47), "o sentido é assim uma relação determinada do sujeito – afetado pela língua – com a história". Segundo ela, a interpretação encarrega-se da relação do sujeito com a língua, com a história, com os sentidos. Partindo da concepção de Orlandi da não-transparência da linguagem, o contexto ideológico ganha importância no campo de estudos da Análise do Discurso. Portanto, faz-se necessário retomar características e acepções da ideologia.

A ideologia ganhou inúmeras definições ao longo do tempo. O conceito foi ganhando novos sentidos nos últimos anos com as mudanças ocorridas na estrutura social e o surgimento dos meios de comunicação de massa. Alguns autores consideram a visão da ideologia criada por Marx, uma das mais difundidas, desgastada e imprópria para explicar fenômenos da sociedade contemporânea.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Althusser (2003, p. 81) menciona que a expressão ideologia foi cunhada pelo filósofo francês Destutt de Tracy, Cabanis e seus amigos para designar "por objeto a teoria (genérica) das idéias". Chauí (1986, p. 22) retoma a afirmação de Althusser e diz que o termo aparece pela primeira vez em 1801, no livro de Destutt de Tracy, *Eléments d'Idéologie* (Elementos de Ideologia). Segundo ela, a pretensão do autor francês De Tracy era elaborar uma ciência da "gênese das idéias, tratando-as como fenômenos naturais que exprimem a relação do corpo humano, enquanto organismo vivo, com o meio ambiente". Para De Tracy, a ideologia ainda seria também a base da gramática, da lógica, da educação e da moralidade. Thompson (1995, p. 48), diz que o conceito de ideologia surgiu em um contexto voltado para o desenvolvimento dos ideais do Iluminismo, que marcaram o surgimento das sociedades modernas.

Com base em suas pesquisas, Chauí (1986, p. 24) esclarece que De Tracy e seu grupo foram partidários de Napoleão, apoiando o líder bélico no golpe de 18 Brumário pelo fato de o julgar um liberal que poderia dar continuidade aos ideais da Revolução Francesa. Na condição de cônsul, Napoleão nomeou inúmeros ideólogos como senadores ou tribunos. No entanto, os ideólogos decepcionaram-se com Bonaparte por ver nele um restaurador do antigo regime. Bonaparte passa a ser inimigo dos ideólogos e durante uma declaração feita em um discurso ao Conselho do Estado, em 1812, atribui todas as "desgraças" da França à ideologia, conotando o termo de um aspecto negativo. Segundo Chauí, Bonaparte inverteu a imagem que os ideólogos tinham de si mesmos. Eles, que se definiam materialistas, realistas e antimetafísicos, passaram a ser vistos como "tenebrosos metafísicos".

No entanto, Chauí chama atenção para o fato de que apesar de ser infundada com relação aos ideólogos franceses, a concepção de ideologia de Bonaparte não seria desconexa se fosse dirigida aos ideólogos alemães criticados por Karl Marx. Segundo ela, Marx acabou conservando o significado napoleônico ao considerar o ideólogo aquele que "inverte as relações entre as idéias e o real".

unesp

Na obra *Ideologia Alemã,* Marx e Engels empregam o termo ideologia para designar algo errôneo e criticar as visões dos jovens hegelianos. Na visão de Marx, segundo Thompson (1995, p. 50), os hegelianos "não conseguem ver a conexão entre suas idéias e as condições sócio- históricas da Alemanha nem dar à sua crítica uma força prática e efetiva".

Ainda segundo Thompson (1995, p. 54), o conceito de ideologia cunhado por Marx e Engels adquire, em um segundo momento, uma caracterização ligada à estrutura social e à mudança histórica. Essa concepção está mais evidente no prefácio a *Uma Contribuição à Crítica da Economia Política* (1859) na qual a ideologia está intimamente ligada às condições econômicas, às relações sociais e às relações de produção de classe.

Em sua obra, Althusser (2003, p. 81) cita a concepção de ideologia na visão de Marx que passa a ser um "sistema de idéias, de representações que domina o espírito de um homem ou grupo social".

Parafraseando Marx (CHAUÍ, 1986), a ideologia é uma inversão, um ocultamento da realidade. Isso ocorre porque há um distanciamento entre a produção das idéias (quem as produz) e as condições sociais e históricas em que são geradas. Não há forma de desvincular o mundo real, ou seja, a produção material das condições de existência, das idéias. Quando isso ocorre, materializa-se um falseamento daquilo que é verdadeiro. Essa base ideológica à qual se refere Marx está onipresente na linguagem, mostrando-se pelas contradições sociais, sendo usada, principalmente, para fazer com que o pensamento da classe dominante passe a ser a "idéia de todos".

Segundo Chauí (1980, p. 66) a ideologia se faz presente enquanto explicação teórica e prática, embora não explicite tudo para não expor as diferenças e as contradições sociais. Essa característica aparece no discurso, na visão de Orlandi, por meio de "lacunas", "silêncios" ou "brancos", que têm a função de preservar a coerência do sistema sócio-econômico.

Para Charaudeau e Maingueneau (2004, p. 267), citando Aron (1968), a partir dos anos 60 e 70 houve um consenso em definir a ideologia como um "sistema global de interpretação do mundo social".

Com base nas idéias de Marx, Althusser (2003, p. 68) formula uma concepção de ideologia na qual a classe dominante volta-se para manter sua dominação. Nesse contexto, fica evidente o papel do Estado, que usa os chamados Aparelhos Repressores (ARE) – governo, administração, exército, polícia, tribunais – e os Aparelhos Ideológicos (AIE) – religião, escola, família, Direito, política, sindicato, cultura e informação (imprensa, rádio e televisão, entre outros meios).

Althusser afirma que enquanto o Aparelho Repressivo do Estado está diretamente ligado ao domínio público, a maior parte dos Aparelhos Ideológicos do Estado pertence à esfera privada, inclusive os jornais.

O autor ainda diferencia a atuação dos aparelhos repressores e ideológicos. Segundo Althusser (2003, p. 70), o aparelho repressivo do Estado funciona predominantemente por meio da repressão física e secundariamente pela ideologia. Nesse contexto, ele coloca que não existe aparelho exclusivamente repressivo porque "o exército e a polícia funcionam também através da ideologia, tanto para garantir sua própria coesão e reprodução, como para divulgar os valores por ele propostos".

Nesse sentido, Althusser (2003, p. 70) esclarece o papel dos Aparelhos Ideológicos do Estado que funcionam em primeiro plano pela ideologia, embora também usem da repressão, apesar de atenuada, dissimulada ou simbólica. Alguns dos exemplos são o funcionamento da escola, igrejas, que, segundo o autor, "moldam por métodos próprios de sanções, exclusões, seleção não apenas de seus funcionários, mas também de suas ovelhas etc". É nesse mesmo contexto que entra o papel da censura.



Na relação entre as duas instâncias Althusser explica a ideologia. Enquanto os ARE utilizam-se da repressão, embora com base na ideologia, nos AIE há o predomínio da ideologia, no entanto, com o papel repressor implícito. Althusser (2004, p. 78) menciona ainda que todos os aparelhos ideológicos de Estado, quaisquer que sejam, têm o mesmo objetivo: a reprodução das relações de produção, ou seja, das relações de exploração capitalistas. Um dos exemplos, segundo ele, é o chamado aparelho ideológico da informação. O autor coloca que esse aparelho despeja pela imprensa, pelo rádio, pela televisão "doses diárias de nacionalismo, chauvinismo, liberalismo, moralismo, etc".

Em sua obra *Aparelhos Ideológicos do Estado*, Althusser, ainda faz a relação entre sujeito e Aparelhos Ideológicos. Segundo ele, a maioria dos sujeitos se entregam à ideologia, com exceção dos chamados "maus sujeitos", os quais provocam a intervenção de um ou outro setor do aparelho repressivo do Estado.

> Eles se inserem nas práticas governadas pelos rituais dos AIE. Eles 'reconhecem' o estado de coisas existentes (das Bestehende) que 'as coisas são certamente assim e não de outro modo', que é preciso obedecer a Deus, a sua consciência, ao padre, a de Gaulle, ao patrão, ao engenheiro, que é preciso 'amar o próximo como a si mesmo', etc. (ALTHUSSER, 2003, p. 103).

Para Althusser (2003, p. 106), é pelo estabelecimento dos AIE que a ideologia é "realizada e se realiza, que ela se torna dominante". Apesar disso, o autor pontua: a ideologia não nasce nos AIE, mas sim nas classes sociais em luta a partir de suas condições de existência, de suas práticas, de suas experiências de luta.

Althusser (2003, p. 106) relaciona a ideologia às lutas de classes porque, segundo ele, o Estado e seus aparelhos "só têm sentido do ponto de vista da luta de classes, enquanto aparelho da luta de classes mantenedor da opressão de classe e das condições da exploração e sua reprodução".

unesp

Mikhail Bakhtin (2002, p. 17) reforça a assertiva marxista ao relacionar a ideologia à superestrutura. Segundo ele, se a ideologia é uma superestrutura, as transformações sociais da base refletem-se na ideologia e, portanto, na língua que as veicula. "A palavra serve como 'indicador' das mudanças", ressalta.

Também compartilhamos, neste estudo, das idéias de Ricoeur (1977 apud BRANDÃO, 1993). Ele agrega à concepção ideológica de Marx o conceito no qual define ideologia como uma visão de mundo de uma determinada comunidade social em uma determinada circunstância histórica. Para Brandão, essa relação provoca um estreitamento entre linguagem e ideologia, partindo do pressuposto de que a ideologia se materializa na linguagem, sendo assim possível afirmar que todo discurso é ideológico.

Sendo o signo ideológico, para Ricouer a ideologia pode tanto representar algo incompatível com a realidade, a exemplo do que fala Marx, como operar o signo intencionalmente a exemplo do que ocorre nos discursos político, religioso, publicitário, nos quais o objetivo é passar uma visão de mundo, manipulando a linguagem para esse fim. Nesse sentido, conforme Brandão (1994, p. 27), "faz-se um recorte da realidade, embora, por um mecanismo de manipulação, o real não se mostre". Esse mecanismo ocorre porque intencionalmente há a omissão e o falseamento da realidade pelo fato de se não revelar as contradições sociais.

Orlandi (2000, p. 46), ao estreitar a relação entre linguagem e ideologia, enfatiza a não-existência de sentido sem interpretação. No entanto, a interpretação à qual ela se refere é apagada pelo mecanismo da ideologia, na medida em que o homem passa a ter uma relação imaginária perante suas condições materiais de existência.

Partindo dessa base, Orlandi (2000, p. 46) coloca a ideologia enquanto condição para constituição do sujeito e dos sentidos. "O indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

para que se produza o dizer". A ideologia, para Orlandi, manifesta-se como efeito da relação do sujeito com a língua e com a história, resultando na formação de sentido.

A linguagem, os sentidos e os sujeitos não são transparentes, pois estão submetidos a situações nas quais a língua, a história e a ideologia estão imbricadas.

Outro aspecto da ideologia relaciona-se à psicanálise, um dos pilares da análise de discurso. A assertiva é considerada pelo fato de a ideologia estar materialmente relacionada ao inconsciente, apesar de não ser absorvida por ele.

Thompson (1995, p. 76) rompe com a visão marxista da ideologia. Para ele, a ideologia está ligada às "maneiras como as formas simbólicas se entrecruzam com relações de poder". Por isso, o autor (1995, p. 90) considera ideologia "a maneira como o sentido, construído e transmitido através das formas simbólicas de vários tipos, serve para estabelecer e sustentar relações de dominação". Essa definição, segundo Thompson, preserva o sentido crítico negativo de ideologia desde Napoleão, mas o dissocia de erro ou ilusão, como difunde Marx.

Por relações de dominação, Thompson entende um tipo particular de relação de poder, algumas assimétricas e relativamente duráveis, como por exemplo, divisões de classe, gênero, etnia e estado-nação. Essas e outras relações são alimentadas e sustentadas por formas simbólicas que circulam no campo social. Thompson (1995, p. 380) ainda pontua, dessa forma, que a interpretação da ideologia deve dar conta da explicação criativa do significado e demonstrar como esse significado serve para estabelecer e sustentar relações de dominação.

Foucault elabora uma definição de ideologia ligada à formação do saber. Segundo Foucault (2004, p. 207), a ideologia está presente nas práticas discursivas e na articulação do saber. Por meio dela, determinam-se escolhas teóricas, fundamentam-se conceitos relacionados a um determinado saber.

unesp

Foucault menciona (2004, p. 207), por exemplo, que a economia política tem um papel na sociedade capitalista voltada aos interesses da classe burguesa. Nesse sentido, a economia política traz o estigma das origens da sociedade burguesa. No entanto, o autor alerta que é necessário analisar a formação discursiva para obter uma descrição mais fidedigna das relações entre a estrutura epistemológica da economia e sua função ideológica.

Foucault (2004, p. 208) ainda ressalta que "as contradições, as lacunas, as falhas teóricas podem assinalar o funcionamento de uma ciência (ou de um discurso com pretensões científicas)". Por isso, para esse autor, quando se trata de estudar o funcionamento ideológico de uma ciência, faz-se necessário questionar sua formação discursiva, perpassando o sistema de formação de seus objetivos, tipos de enunciação, conceitos e escolhas teóricas. "É retomá-la como prática entre outras práticas".

Dessa forma, Foucault sugere uma retomada das origens do discurso a fim de verificar se há influências e cerceamentos presentes nas escolhas teóricas que formaram o enunciado.

Neste trabalho optamos pela definição ideológica de Thompson, a partir da premissa de que os sentidos formados pela mídia e pelo jornalismo sustentam relações de dominação. Adotamos também as teorias de Althusser, no que diz respeito à manifestação dos aparelhos ideológicos do estado, para analisar a presença da ideologia nas matérias.

3.1 Ideologia na Mídia

A ideologia na imprensa está associada à conduta editorial do veículo de comunicação e à visão de mundo – ideologia pessoal – dos jornalistas. Essa assertiva tem como base o pensamento de Teun A. Van Dijk (1998, p. 23).

Segundo o autor, para se fazer uma análise apurada a respeito de opinião e ideologia na mídia é necessário recorrer à abordagem sociocognitiva. Esse modelo implica uma

perspectiva que abarca crenças e representações mentais dos indivíduos e a relação da ideologia da mídia às esferas social, institucional ou política. Van Dijk faz a distinção entre esses dois campos da ideologia porque a considera um fenômeno complexo, compartilhado socialmente por grupos e seus membros, a ser estudado sob vários aspectos. Por isso, para o autor, a diferenciação entre as análises mental e social é necessária para aferir as diferentes dimensões da ideologia.

Em seus estudos, Van Dijk (1998, p. 22) relaciona as representações mentais e as estruturas neurobiológicas do cérebro às crenças e sistemas ideológicos de crenças. Com isso, ele pretende evidenciar quais elementos da estrutura social, tais como grupos, instituições, poder e desigualdade, além da prática social do discurso no dia-a-dia e outras formas de interação entre pessoas como membros de um grupo, são sistematicamente relacionadas às dimensões das construções sociais das mentes dos indivíduos.

Na opinião de Van Dijk, somente uma teoria sociocognitiva integrada é capaz de explicar dois questionamentos relacionados à ideologia. O primeiro deles, como a ideologia social monitora a prática dos chamados atores sociais, a exemplo dos jornalistas, e também como as ideologias se formam e mudam através da interação do dia-a-dia o discurso dos membros do contexto social das relações de grupos e instituições, tais como a imprensa.

Para colocar a análise em prática, o estudioso recorre à discussão do conceito de ideologia. Evitando mencionar as inúmeras definições sobre ideologia, algumas delas já citadas neste trabalho, Van Dijk prefere agregar três novos conceitos ao estudo desse objeto: função social, estrutura cognitiva e reprodução e expressão do discurso.

Sobre a função social da ideologia, o estudioso comenta que não limita o papel da ideologia à reprodução e legitimação da classe dominante, pois, segundo ele, os grupos também possuem uma ideologia para formar suas bases de resistência. Van Dijk ainda pondera a noção de certo ou errado difundida em relação à ideologia. Para ele, a ideologia

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

pode ser bastante ou menos efetiva na promoção dos interesses de um grupo. Nesse contexto, Van Dijk considera a principal função da ideologia a coordenação de práticas sociais dos membros de um grupo e a proteção dos interesses dele.

O autor tece em suas proposições análises sobre a necessidade de relacionar conteúdos cognitivos, estruturas e estratégias da ideologia às funções sociais sustentadas por ela. A fim de verificar com mais precisão essa assertiva comenta, por exemplo, que "o que as pessoas fazem como membros de um grupo deveria refletir no que elas pensam como membros de um grupo, e vice-versa" (FISKE; TAYLOR, 1991 apud VAN DIJK, 1998, p. 24, tradução nossa). Nesse sentido, o autor coloca que as práticas sociais pressupõem inúmeras convicções ou representações sociais, entre elas, conhecimento, atitudes, normas, valores e ideologias.

Van Dijk faz questão de deixar claro que, para ele, ideologias são axiomas fundamentados na representação mental compartilhada por membros de um grupo social. Esses axiomas acabam sendo usados como pilar para o julgamento do governo social, no sentido de certo, errado, verdadeiro, falso.

Os conteúdos da ideologia, para Van Dijk, são polarizados no bem-mal, eu-outros, nós-eles. Segundo ele, essa disposição influencia nas opiniões e atitudes, a exemplo das ideologias racistas. Por isso, ele diz que a principal função cognitiva das ideologias é organizar atitudes específicas de grupos.

Em uma análise mais detalhada considerando ideologia e grupos, Van Dijk (1998, p. 25) ainda aponta que a ideologia reflete os critérios básicos que constituem a identidade social e definem os interesses de um grupo. Para aprofundar o estudo, o autor ressalta determinadas categorias construídas pelos grupos que podem representar a ideologia: condição de membro, atividades, metas, valores, posição e recursos.



Em relação aos jornalistas na condição de grupo, o autor afirma que as categorias da ideologia serão baseadas em informações sobre quem é reconhecido como um jornalista, o que jornalistas fazem, suas metas, seus valores e normas, suas posições com respeito a seus leitores ou autoridades e suas fontes de informação.

O autor ainda deixa claro que a ideologia, a exemplo de outras representações da mente, é social pelo fato de ser compartilhada socialmente. No entanto, é importante salientar que alguns indivíduos adquirem versões variáveis das representações sociais, isto é, alguns membros de um grupo podem ter sistemas ideológicos mais complexos e detalhados em relação a outros. Isso, no entanto, não significa que a ideologia não exista. Diante disso, Van Dijk propõe que a análise da ideologia seja feita por um viés abstrato de grupos e não a partir da cognição individual. O autor ainda faz outra consideração a esse respeito. Segundo ele, o fato de os indivíduos pertencerem a vários grupos os leva a ter inúmeras ideologias, cada uma com influências variadas em suas práticas sociais.

Douglas Kellner, em sua obra *A Cultura da Mídia*, também faz uma relação entre mídia e ideologia. Para Kellner (2001, p. 9), a cultura da mídia fornece material para que boa parte das pessoas formem suas idéias a respeito de classe, de etnia e raça, de nacionalidade, de sexualidade, enfim, de 'nós' e 'eles', no sentido de contribuir para construir uma cultura comum à maioria dos indivíduos em muitas regiões do mundo. Um dos provedores dessa cultura é a imprensa escrita, por meio dos jornais e revistas.

Kellner (2001, p. 11) ressalta a característica dos receptores da mídia, os quais permanecem boa parcela do dia ouvindo rádio e músicas, assistindo televisão, freqüentando cinemas ou lendo revistas e jornais. Nesse sentido, ele diz que a cultura da mídia "passou a dominar a vida cotidiana".

Em sua pesquisa, Kellner ainda enfatiza a forma pela qual a cultura da mídia induz os receptores a identificarem-se com as ideologias, as posições e as representações sociais e

políticas dominantes. Segundo ele, isso "não é um sistema de doutrinação ideológica rígida que induz à concordância com as sociedades capitalistas existentes, mas sim os prazeres propiciados pela mídia e pelo consumo".

Apesar da tendência existente de o receptor deixar-se levar pela sedução dos meios de comunicação e identificar-se com certas opiniões, atitudes, sentimentos e disposições da mídia, a exemplo do que aponta o autor, há possibilidades de o público resistir aos significados e mensagens ditas dominantes, e dessa forma, criar sua própria leitura. Para Kellner (2001, p. 11), a própria mídia fornece recursos para os receptores de informação aceitarem ou rejeitarem na formação de sua identidade em oposição aos modelos dominantes.

A acepção de ideologia construída por Kellner (2001, p. 78) abarca o multiculturalismo e vai além do conceito de Marx, que segundo ele, reduz a ideologia à defesa de interesses de classe e, por isso, torna-se predominantemente economicista. "Nessa concepção, 'ideologia' se restringe aos conjuntos de idéias que promovem os interesses econômicos da classe capitalista", analisa.

Esse modelo de ideologia tem sido contestado por ser reducionista e não considerar aspectos como o sexo, a raça e outras formas de dominação ideológica.

> Reduzir ideologia a interesses de classe deixa claro que a única dominação importante na sociedade é a de classe, ou a econômica, ao passo que, segundo muitos teóricos, a opressão de sexo, sexualidade e raça também são de fundamental importância e, na verdade, ainda de acordo com alguns, está inextricavelmente imbricada na opressão econômica e de classe. (KELLNER, 2001, p. 79).

Nesse sentido, Kellner chama a atenção para as lutas e os conflitos sociais e raciais que aparecem nas telas e nos textos da mídia e se constituem em um campo para o estudo crítico da cultura da mídia.

Para Kellner (2001, p. 81), a cultura da mídia, a exemplo de discursos políticos, contribui para o estabelecimento da hegemonia de certos grupos e projetos políticos. Segundo

o autor, esse mecanismo "produz representações que tentam induzir anuência a certas posições políticas, levando membros da sociedade a ver em certas ideologias 'o modo como as coisas são'. Como exemplo, ele cita: governo demais é ruim, redução da regulação governamental e mercado livre são coisas boas, a proteção do país exige intensa militarização e uma política externa agressiva. Para o autor, os textos culturais populares chegam a naturalizar idéias como essas, e acabam contribuindo para mobilizar o consentimento às posições políticas hegemônicas.

Kellner também enfatiza que a ideologia compreende, além de textos e discursos, figuras, imagens, posições teóricas e formas simbólicas. E segundo ele, é por meio de um conjunto de representações que se fixa uma ideologia política dominante.

Outro aspecto da ideologia abordado por Kellner (2001, p. 83) é a inferência na sociedade. A ideologia pressupõe, por exemplo, a idéia de que "eu" sou a norma, que todos são como eu. Nesse sentido, algo diferente a essa outra não é considerado normal. O autor ainda reforça dizendo que para a ideologia, o "eu" geralmente refere-se ao branco masculino, ocidental, de classe média ou superior. Essas posições percebem raças, classes, grupos e sexos diferentes dos seus no sentido de secundários e inferiores. Nesse aspecto, Kellner conclui que a ideologia diferencia e separa grupos em dominantes/dominados, superioress/inferiores. São hierarquias e classificações de interesse ao poder.

Em uma outra análise da ideologia, Kellner (2001, p. 143) cita Ernst Bloch, o qual menciona outra faceta da ideologia cujo teor remete a momentos emancipatórios capazes de projetar uma visão de vida melhor a ponto de contestar a organização e a estrutura da vida no capitalismo. Apesar disso, este ponto de vista, presente na cultura popular, literatura e nas utopias políticas e sociais, são descartados como ideologia por alguns críticos marxistas.

A noção polifônica estabelecida entre ideologia e texto também é abordada por Kellner. Segundo Kellner (2001, p. 148), os pós-estruturalistas franceses propõem novas

unesp

maneiras de ler os textos e fazer uma crítica à ideologia. Kellner diz que os estudiosos argumentam que os textos "devem ser lidos como expressão de várias vozes e não como enunciação de uma única voz ideológica, que precisa então ser especificada e atacada".

Nesse sentido, segundo ele, para se ler um texto é necessária uma visão polivalente somada a um conjunto de estratégias críticas e textuais capazes de revelar contradições, elementos contestatórios periféricos, as exclusões e os silêncios.

A partir dessa concepção, o autor chama atenção para o aprimoramento da leitura. Segundo ele, o que é periférico nos textos pode ser tão significativo quanto os pontos considerados nucleares em termos de posições ideológicas.

Outro aspecto relevante nos estudos de Kellner (2001, p. 149) é a abordagem feita em relação às contradições ideológicas. Segundo ele, as ideologias podem entrar em contradição entre si ou falhar ao demonstrar rachas, fissuras, pontos vulneráveis em relação à ideologia hegemônica.

Para Kellner (2001, p. 153), os textos da cultura midiática levam a uma compreensão da constituição psicológica, sociopolítica e ideológica de uma determinada sociedade em dado momento histórico. A leitura ainda permite identificar soluções ideológicas apresentadas diante dos problemas, além de prever tendências, possibilitar a compreensão de problemas e conflitos sociais e facultar a percepção das ideologias dominantes e das forças contestadoras emergentes.

Segundo Sousa (1999, p. 47), os estudiosos Shoemaker e Reese consideram os meios de comunicação de massa como aparelhos que absorvem elementos da cultura, os reenquadram e os difundem impondo uma lógica na criação de um ecossistema simbólico. De acordo com ele, esses autores avaliam que os conteúdos dos meios de comunicação podem funcionar como catalisadores nas ocasiões em que a cultura mude, adapte-se ou evolua. Mas

unesp

também, ao mesmo tempo, a mídia tem a capacidade de enfatizar características ruins da sociedade e disseminá-las, tornando difícil uma eventual mudança.

Ainda segundo Sousa (1999, p. 69), no caso do jornalismo as rotinas e as convenções da profissão, os valores e a estrutura organizacional são estruturas que acabam mantendo o sistema de controle e reprodução das ideologias dominantes. Com base em Shoemaker, Reese e Hall, o autor diz que isso leva a mídia a gerar construções simbólicas que fazem as pessoas perceberem a ordem existente como algo natural e imutável.

Sousa (1999, p. 70) ainda enfatiza que os meios de comunicação social serviriam a uma função hegemônica pelo fato de continuamente produzirem uma ideologia integrada aos valores e normas do senso comum. Dessa maneira, a mídia serviria para reproduzir e legitimar a estrutura e ordens sociais de forma natural e não coerciva. Essas mensagens de caráter ideológico ganham ressonância nos receptores, segundo o autor, por serem repassadas pela mídia, e os jornalistas, autores sociais vistos munidos de uma autonomia relativa.

O autor ainda destaca que os meios jornalísticos são considerados os principais veículos de comunicação através do qual a estrutura de poder se comunica com a sociedade. Ele enfatiza que essa comunicação é mediada e acaba propondo ao receptor determinadas interpretações a respeito das realidades que ele pouco conhece.

O contexto no qual se insere a imprensa hoje corrobora a perpetuação de determinadas condutas editorias que expressam a ideologia defendida pelos meios de comunicação.

Desde o período de surgimento dos primeiros jornais até os dias atuais, a infra-estrutura econômica foi responsável por mudanças no caráter ideológico das empresas jornalísticas.

Lage (2003, p. 13) retoma o surgimento do jornal-empresa e suas características. Para ele, apesar de reunir opiniões, esse tipo de jornal não tem caráter revolucionário porque "deve

remunerar o capital apreciável neles investido e tira sua renda basicamente da veiculação de bens materiais e ideológicos produzidos por entidades de caráter semelhante".

Genro Filho (1987, p. 27), diz que "a ideologia burguesa está embutida na justificação teórica e ética das regras e técnicas jornalísticas". Porém, o autor faz um contraponto, acrescentando que não se pode concluir que as técnicas jornalísticas são meros epifenômenos da dominação ideológica. "Essa conclusão não é legítima nem do ponto de vista lógico nem histórico", afirma Genro Filho.

Segundo Lage (2001, p. 44), o poder é uma instância geradora de conceitos. Esse mecanismo é perpetuado e reproduzido pelo jornalismo. Por isso, na visão dele, a crítica do discurso precisa estar atenta à construção do mito retórico, ou seja, o deslocamento de um signo lingüístico para significar outra coisa, gerando ambigüidades. Ele cita palavras tais quaismorena, escurinha, nega (ambigüidades raciais), empresários (não-capitalistas), classes produtoras (econômicas) como construções que, de certa forma, preservam a ordem social.

Sousa (1999, p. 114) comenta, com base nas pesquisas dos autores Murdock e Golding, que a ideologia manifesta-se "na consideração da notícia como uma mercadoria, nos critérios de noticiabilidade e nas práticas profissionais dos jornalistas".

Fica evidente o papel limitador da ideologia e da infra-estrutura inerentes às empresas jornalísticas nas condições de produção de notícias. Em um ambiente marcado pela competitividade de mercado, a notícia torna-se um mero produto elaborado nas mesmas condições de uma mercadoria qualquer à venda, apesar de o jornalismo ter um papel e uma função social característica de sua razão de ser.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

3.2 Ideologia e discurso

Ao fazer uma relação entre ideologia e discurso na mídia, Van Dijk diz que geralmente ideologias de grupo e atitudes específicas de grupos podem ser expressas diretamente no discurso. No entanto, quando se trata de opiniões, o argumento não representa apenas uma idéia de um grupo, mas também conhecimentos e avaliações pessoais sobre eventos, pessoas e situações específicas. O autor volta a colocar que as opiniões pessoais são derivadas de opiniões e atitudes compartilhadas socialmente. Elas são originadas das experiências pessoais e avaliações representadas nos chamados modelos mentais.

Para Van Dijk (1998, p. 27, tradução nossa) "modelos são a interface crucial entre o social e o pessoal, entre o geral e o específico e entre representações sociais e suas representações no discurso e outras práticas sociais".

Os modelos mentais, segundo o autor, representam as experiências do dia-a-dia das pessoas, tais como, observações e participações em ações, eventos ou discurso. Essas representações são pessoais, subjetivas e vinculadas ao contexto, ou seja, mostram o que os indivíduos sabem e pensam sobre eventos específicos e, ainda, consideram o fato de que tais ações são interpretadas subjetivamente.

As práticas que envolvem a comunicação, a exemplo de leituras de jornais, são alguns dos tipos de eventos mencionados por Van Dijk. Ele explica que lembranças, narração e processos de editoração envolvem modelos passados enquanto que intenções, planos, ameaças envolvem eventos futuros e ações. Com isso, o autor enfatiza que nossas práticas são monitoradas em termos de modelos mentais.

Por isso, para Van Dijk modelos são realmente a interface entre as representações sociais, incluindo ideologias, de um lado, e práticas sociais e discurso, do outro.

Para fazer a ligação entre ideologia e discurso, perpassando os modelos mentais, Van Dijk (1998, p. 27) resume a teoria proposta da seguinte forma: a ideologia organiza atitudes de grupos específicos. Essas atitudes podem ser usadas na formação de opiniões pessoais como as representadas nos modelos. Em suma, essas opiniões podem ser expressas em textos e conversas, representando, assim, de modo indireto, a expressão da ideologia no discurso. A manifestação direta da ideologia faz-se mediante as declarações.

Ele também reforça a consideração de que o fato de os modelos representarem o que as pessoas sabem e pensam sobre um evento ou situação permite a elas, de certa forma, controlarem o conteúdo e a semântica do discurso. Porém, por motivos pragmáticos, somente uma fração da informação contida nos modelos será expressa nos textos e conversas.

O contexto é importante para a produção e compreensão do discurso. Ele, de certa forma, regula o modo como a comunicação está sendo feita, isto é, os aspectos fonológicos, sintáticos, léxicos e demais variações de textos e conversas. A exemplo dos tipos de eventos comunicativos, o contexto pode influenciar na caracterização das opiniões, tais como suposições de crenças a respeito de outros participantes do evento comunicativo, seus papéis e credibilidade. O autor menciona, para ilustrar essa situação, a produção de um editorial, um ato comunicativo cuja opinião não se forma apenas sobre o que é dito, mas também a respeito de quem escreve ou do jornal.

Sousa (1999, p. 36) também faz uma relação entre o contexto e a produção jornalística. Segundo ele, os jornalistas podem recorrer a fontes com as quais compartilham pontos de vistas para que elas sejam objeto do discurso que eles próprios gostariam de dizer.

Com base no pensamento de Gramsci, Sousa (1999, p. 115) comenta que para o autor a comunicação jornalística torna-se uma das mais importantes forças de sustentação da ideologia dominante ao dar maior visibilidade a certos acontecimentos e certas idéias, além de estar inserida nos mecanismos de interpretação e significação.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

3.3 Opinião

A relação entre ideologia e opinião também está presente no trabalho de Van Dijk. Ele define opinião como convicções avaliativas, ou seja, que caracterizam um conceito avaliativo. O autor entende que convicções avaliativas são aquelas envolvendo um juízo sobre alguém ou alguma coisa, por exemplo, bom, ruim, bonito, feio, conforme o grupo ou a cultura. Van Dijk também deixa claro que alguns juízos são avaliativos indiretamente em situações específicas, tais como quando se acredita que alguém ou alguma coisa seja pequena ou grande, leve ou pesada, ou quando a convicção efetiva pressupõe um juízo de valor.

Nesse contexto, Van Dijk (1998, p. 29) aponta que na discussão ideológica, o critério da verdade e da falsidade é relevante. Ele ressalta a importância de distinguir convicções avaliativas e convicções efetivas. Para entender essa diferença é necessário reportar-se aos fundamentos dos critérios de julgamento. Quando eles forem apenas culturais ou formados por normas e valores de um grupo, a convicção é uma opinião. Por outro lado, se esses fundamentos são compartilhados socialmente sob um critério de verdade, considerando-se observações, conclusões válidas, pesquisa escolar, a convicção é efetiva, seja verdadeira ou falsa. Entretanto, o autor deixa claro que ambos os tipos de julgamento são social, histórica e culturalmente relativos. Nesse caso, os critérios de verdade podem variar de acordo com os diferentes períodos ou diversos grupos. O interessante nesse contexto é que para as convicções serem consideradas efetivas é necessária a aceitação, por parte de cada cultura ou grupo, dos conhecimentos aplicados. Van Dijk ainda salienta que quando os critérios de conhecimento favorecem um grupo específico, o sistema de conhecimento e os critérios de verdade podem estar fundamentados ideologicamente.

No contexto exposto, é possível perceber o percurso prático da ideologia entre a formação das idéias até a expressão por meio do discurso. No jornalismo isso ocorre

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

diariamente, configurando-se uma etapa da cadeia de idéias que são divulgadas para os leitores e cidadãos, contribuindo, assim, para sustentar visões de mundo e opiniões de inúmeros agentes sociais, desde os posicionados no poder até os que lutam contra eles.

Nesse sentido, fica evidente a importância da posição dos jornalistas enquanto grupo e os modelos mentais derivados da interação social.

4. O JORNALISMO E A PRODUÇÃO DE NOTÍCIAS

4 O JORNALISMO E A PRODUÇÃO DE NOTÍCIAS

O jornalismo é uma atividade dedicada à elaboração de notícias com base em fatos ocorridos na vida diária. Na condição de conhecimento integrante da Comunicação Social, possui peculiaridades, tais como uma linguagem específica e uma estrutura de produção vinculada ao contexto social e econômico de cada país.

A linguagem jornalística é uma construção fundamentada no registro coloquial, aceita socialmente nos padrões formais e, ao mesmo tempo, acessível a um maior número de pessoas. Por ter estas características, a linguagem jornalística, segundo Lage (2001, p. 39), incorpora neologismos de origem coloquial, tais como, *fusca*, *frescão* ou considerados de grande expressividade – *dedo-duro*, *pau-de-arara*, além de denominações de objetos novos – *leiser*, *orelhão* ou metáforas com intenção crítica – senador *biônico* e o que o autor chama de atualizações – *roqueiro, malufista.*

Pelo fato de ser norteada pela função referencial, aquela que reporta ao mundo exterior, ao contexto, a comunicação jornalística é tecida na terceira pessoa, exceto quando se trata de reportagens-testemunhos ou crônicas. Segundo Lage, a explicação de termos no jornalismo é acompanhada do aposto ou períodos intercalados para permitir a compreensão do conteúdo de forma melhor.

Lage (2003, p. 24) diz que a função fática, estabelecida por Jakobson, a exemplo da referencial, também aparece no jornalismo e é atribuída à diagramação, às manchetes e também às pesquisas de leitura, vendas ou audiências. Na função fática, é verificada a efetividade do canal de comunicação.

Os leitores ou receptores de jornais estão dispersos e não são identificados, dificultando a adoção por parte dos jornalistas de palavras adjetivadas e de cunho subjetivo. Assim, as informações mais precisas e concretas formam a base do enunciado jornalístico e imprimem no texto um efeito de realidade.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Outro componente de extrema importância no jornalismo é a notícia. Objeto do jornalismo, a notícia é um conceito polêmico e cercado de definições variáveis. Em parte, isso se deve à amplitude do tema e aos diferentes interesses gerados por um fato quando ele é considerado uma notícia.

Para Lage (2003, p. 16), no jornalismo moderno a notícia é o "relato de uma série de fatos a partir do fato mais importante ou interessante; e de cada fato, a partir do aspecto mais importante ou interessante". A notícia, segundo o autor, não é uma narração, mas uma exposição dos acontecimentos, daí a característica de priorizar na seqüência os eventos mais importantes.

Marcondes Filho tem outra visão a respeito de notícia. Para ele, notícia é:

> Informação transformada em mercadoria com todos os seus apelos estéticos, emocionais e sensacionais; para isso a informação sofre um tratamento que a adapta às normas mercadológicas de generalização, padronização, simplificação e negação do subjetivismo. (MARCONDES FILHO, 1989, p. 13).

Em seus estudos, Marcondes Filho (1989, p. 15) menciona a característica da política de produção de notícias, considerada por ele estimuladora do caráter de cultivar a passividade, a acomodação e a apatia nos receptores em razão da chamada dialética da atemorização e da tranqüilização noticiosa. Esse aspecto pode ser observado em informações divulgadas de forma preocupante que chegam a deixar o receptor incomodado e angustiado, e, ao mesmo tempo, informações com conteúdos de entretenimento, confortando-o.

O autor também relaciona a ideologia à prática jornalística sob o ponto de vista da notícia. Segundo Marcondes Filho (1989, p. 16), a "'ideologia do não-conflito' soma-se à prática de transformar o serviço noticioso em pura 'prestação de serviço' acrítica".

unesp

Outra característica da notícia presente nas análises de Marcondes Filho (1986, p. 41) é a fragmentação, considerada uma técnica mercadológica. Segundo o autor, a notícia é desvinculada de seu fundo histórico-social. Dessa forma "como um dado solto, independente, ela é colocada no mercado de informação; são destacados aspectos determinados (o sensacional, a aparência do valor de uso) e outros permanecem em segundo plano".

Para Sousa (1999, p. 97) os receptores que conhecem bem os assuntos abordados pela mídia conseguiriam integrar as informações veiculadas dos diferentes meios a que têm acesso, mas "para parte dos consumidores dos meios jornalísticos o real apresenta-se fragmentado e assim continuará".

A Teoria da Notícia ou *Newsmaking* é uma das bases utilizadas para explicar de que modo ocorre a produção das notícias. Segundo Wolf (1987, p. 216), a noticiabilidade está estritamente vinculada aos processos de rotina e padronização das práticas jornalísticas. Essa conduta diária serve para estabilizar as empresas jornalísticas a fim de lidar com sua matéria-prima, o acontecimento, cuja natureza é variável e imprevisível. As condições de produção das notícias no jornalismo interessam à Análise do Discurso pelo fato de estarem inseridas no contexto social.

Já Sousa (1999, p. 35) considera a notícia "um artefato construído pela interação de várias forças que podemos situar ao nível das pessoas, do sistema social, da ideologia, da cultura, do meio físico e tecnológico e da história". Ele menciona, com base nos estudos de Maria Dolores Montero, que a notícia compreende as esferas de produção, circulação e objetivação.

Ainda segundo Sousa, os critérios do valor-notícia mudam com o tempo. Por isso, assuntos que no passado não foram considerados notícias, atualmente podem ser relevantes. A seleção de notícias, segundo o autor, passa pelo processo conhecido no jornalismo como *Gatekeeper* – uma espécie de filtro para definir os fatos noticiáveis ou não.

unesp

Quanto à produção, o autor diz que as fontes de informação e o público acabam por influenciar o conteúdo da informação. Segundo ele, os meios de comunicação são um espaço de mediação, no qual a informação tem ressonância com as necessidades e gostos do público. Na circulação, os temas noticiados tornam-se elemento de debate público. Na objetivação, alguns elementos da informação consolidam-se no pensamento coletivo, tornando-se parte da realidade social. Esse mecanismo ocorre em longo prazo e não é determinante exclusivo dos meios de comunicação, dependendo de outras situações que dão sentido ao mundo real.

Para Lage (1979, p. 33), a notícia reflete crenças da coletividade munidas de contradições de classe ou de cultura.

Segundo Medina (1988, p. 72), os acontecimentos de consumo traduzidos por importância internacional têm um tratamento diferenciado por parte dos editores em relação às notícias do dia-a-dia. Os jornalistas esforçam-se em completar as matérias em busca de maior profundidade de humanização. Para ilustrar a assertiva, ela cita como exemplo a ocorrência de grandes incêndios, acidentes aéreos, quedas de governo e regimes, fatos que exigem uma cobertura mais extensa e interpretativa. Ao contrário, para Medina "na cobertura diária normal a informação de consumo é o fato imediato de significação primariamente emocional".

Os fatos que interessam serem noticiados diferem conforme a cidade, o estado ou o país. Há acontecimentos que despertam a curiosidade apenas em um vilarejo enquanto outros, em todas as partes do mundo.

A partir do desenvolvimento da sociedade industrial e da modernização das formas de impressão, a notícia passou a ser mais um produto comercializado produzido pelas empresas jornalísticas e agências de notícias.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Nesta pesquisa, a notícia, que aparece como objeto de trabalho, é traduzida pelas *hard-news*, ou notícias do dia-a-dia, escritas a partir da técnica do *lead* e publicadas em jornais diários. As *hard-news* são diferentes da reportagem, nas quais os assuntos não precisam ser novos e o estilo de redação não requer a exposição dos fatos do mais importante para o menos importante. A reportagem é um gênero fundamentado na interpretação e investigação.

As *hard-news* são produzidas sob uma rotina diária na qual os jornalistas ficam à mercê da pressão do tempo e geralmente contatam fontes habituais e oficiais em razão da limitação das condições de produção.

Para Traquina (2004, p. 25), "o trabalho jornalístico é condicionado pela pressão das horas de fechamento", além da hierarquia das próprias empresas relacionada ao fato de jornalismo ser visto como um negócio.

Apesar de considerar o jornalismo como atividade condicionada, Traquina ressalta a existência de um certo espaço que pode ser usado pelos profissionais na medida em que eles são participantes ativos na definição e construção de notícias. Isso pode ser verificado no momento de decidir quem entrevistar e nas escolhas das palavras para se escrever determinada matéria, segundo o autor.

No que diz respeito à construção da realidade a partir do jornalismo, Sousa (1999, p. 109) comenta que os principais problemas seriam a seleção de determinadas fontes e acontecimentos em detrimento de outros, a descontextualização dos fatos e sua recontextualização sob o formato de notícia, além do tempo limitado para os jornalistas abordarem a realidade.

Sousa (1999, p. 48) faz uma relação entre a psicologia cognitiva e o jornalismo com base nos estudos de Stocking e Gross. Segundo ele, o ser humano processa apenas uma pequena quantidade de informações a cada momento. Dessa forma, os jornalistas, ilhados sob a pressão do tempo, recorrem a um "uso adaptado de rotinas cognitivas que lhes sejam

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

familiares para organizar as informações e produzir sentido". Também tendem a selecionar informações que confirmem as próprias convicções, segundo o autor.

Nesse sentido, Sousa ainda evidencia que os jornalistas têm o hábito de recorrer a formas estereotipadas de pensamento, quando em situação de sobre-informação, fato que contribui para a padronização das notícias. Ele ainda vai além, dizendo que quando constrangidos pela rotina, os jornalistas tendem a elaborar notícias padronizadas, ao modo da técnica da pirâmide invertida e selecionar sempre o mesmo tipo de acontecimento como valor noticioso.

Para Sousa (1999, p. 49), essa condição provavelmente explica porque a imprensa diária vem perdendo leitores. "Fala-se sempre do mesmo e da mesma maneira, entediando e aborrecendo, sem atender às necessidades informativas dos leitores".

A pressão do tempo presente no dia-a-dia das redações também contribui, segundo Sousa (1999, p. 54), para os jornalistas escreverem os fatos em situações de incerteza, por falta de tempo hábil para coletarem e selecionarem os dados suficientes para a matéria. Essa situação impede maior profundidade da notícia, fazendo-os se aterem ao chamado primeiro plano *(foreground)* em detrimento do plano contextual de fundo (*background*), o que vem favorecer a ausência da consciência histórica.

A burocracia é outra característica passível de dominar a atividade jornalística. Com base em Traquina, Sousa (1999, p. 56) diz que as rotinas jornalísticas levam os profissionais a tornarem-se parecidos com os burocratas. Segundo ele, apenas a burocracia tem a capacidade de oferecer aos jornalistas fluxos constantes para se ter uma informação de credibilidade, diante da pressão exercida pelo tempo. Em razão disso, os repórteres tendem a consultar fontes acessíveis em horários compatíveis com os de seu trabalho. Esse mecanismo contribui para a institucionalização de determinadas fontes e a formação de laços de amizade que podem comprometer o trabalho.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

A relação rotineira entre os jornalistas e as fontes habituais, para Sousa, limita o sentido polifônico dos discursos jornalísticos e poupa os profissionais de realizarem investigações mais profundas a respeito das matérias.

Atualmente, os meios de comunicação eletrônicos e digitais, tais como o rádio, a televisão e a *Internet,* são os mais aptos a transmitir notícias com agilidade. Por isso, cabe aos jornais impressos cumprir o papel de compilar, aprofundar e investigar os acontecimentos já transmitidos por esses veículos, embora este papel não esteja sendo feito. Isso se deve ao advento das novas tecnologias de comunicação, que vêm provocando mudanças no jornalismo.

Segundo Marcondes Filho (1993, p. 96), o jornalismo atual difere da imprensa político-literária ou do jornalismo marcado pelo desenvolvimento empresarial no qual a luta ideológica entre as posições política de esquerda e direita era saliente.

Para ele, atualmente a imprensa trabalha sob ritmo de compressão. Nesse sentido, segundo o autor, a ordem é suprimir notícias longas. No entanto, quando essas matérias e de página inteira são publicadas nos jornais, o caráter de fragmentação não desaparece, apesar da impressão de que haja um tratamento mais denso e amplo do assunto.

Marcondes Filho também questiona as qualidades literárias do texto jornalístico. Segundo ele, o fato de os sistemas de computação fazerem as revisões ortográficas e as ordenações estilísticas contribui para o jornalista não precisar mais desse conhecimento para produzir seu texto.

Outro ponto abordado por Marcondes Filho (1993, p. 100) é em relação ao predomínio da imagem no jornalismo atual. Segundo ele, o jornalismo impresso, ao receber o impacto da concorrência televisiva, acabou adaptando-se ao novo hábito da sociedade: o da visualização, da precedência da imagem e de um certo desinvestimento social na capacidade textual. Um

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

dos exemplos, segundo ele, é o jornal norte-americano *USA Today,* conhecido como "televisão impressa".

Para Marcondes Filho (1993, p. 101) o jornalismo abriu mão de sua identidade, escrever as notícias, para tornar-se uma reprodução da televisão. Essa característica está relacionada ao resgate do público viciado em decodificar "muito mais imagens visuais do que verbais", segundo o autor.

Diante desse novo contexto, o jornal passa a ser mais um componente visual da comunicação:

> A diagramação ágil do jornal, jogando com alternância de famílias de tipos, com fotografias em cores, com valorização do movimento, com textos curtos, de alguma maneira realiza uma espécie de embelezamento (estetização) visual ideal no que diz respeito ao prazer visual em se 'ler' um jornal, mesmo que isto signifique um esvaziamento do que antes constituía a matéria jornalística. (MARCONDES FILHO, 1993, p. 101-102).

Esse novo ambiente de produção, voltado para a priorização da imagem, é mais um elemento constitutivo da superficialidade das notícias escritas a partir do *lead.*

4.1 O *lead* e a pirâmide invertida

Há várias versões a respeito do surgimento do *lead* – primeiro parágrafo da notícia escrito para responder às perguntas (*O que? Quem? Quando? Onde? Como? Por que?*). Para alguns autores, essa técnica de redação largamente usada no jornalismo mundial para escrever matérias factuais, ou seja, do dia-a-dia, tem relação com a retórica grega. Para outros, a gênese do *lead* vem do jornalismo norte-americano e inglês. A expressão inglesa *lead* surgiu do verbo *to lead* – conduzir, orientar, dirigir, guiar.

Karam (2000) atribui a origem do *lead* à retórica da antiguidade greco-romana. Segundo ele, na Grécia antiga, por volta de 400 a. C., os retores já construíam o discurso para

unesp

Para alguns autores, o *lead* surgiu em razão dos defeitos técnicos responsáveis por interrupções nas linhas telegráficas. Isso obrigou os correspondentes a transmitirem prioritariamente os fatos principais. Outra versão diz que o *lead* surgiu das dificuldades de comunicação dos correspondentes da Guerra da Secessão, no final do século XIX, nos Estados Unidos. Na ocasião, havia muitos repórteres e poucas linhas de telégrafo para a transmissão das matérias. Para facilitar o trabalho, foi estabelecido que cada jornalista poderia ditar apenas o parágrafo mais importante de sua matéria. Uma vez transmitido o primeiro parágrafo, seguia-se o segundo e o terceiro, surgindo então a pirâmide invertida, hoje a técnica de redação jornalística difundida pelo mundo. Segundo Sousa (1999, p. 81), a seleção e a síntese das informações presentes na pirâmide invertida ganharam força devido ao público vasto e ao pequeno número de pessoas alfabetizadas.

Na pesquisa de outros autores, a exemplo de Lustosa (1996 apud NOBERTO, 1969), o *lead* foi criado pelos jornalistas norte-americanos há quase cem anos para substituir o chamado estilo britânico, no qual as notícias eram escritas respeitando a ordem cronológica dos fatos, imitando a estrutura de um livro de ficção. No Brasil, esse estilo ficou conhecido como nariz-de-cera, conhecido como uma breve introdução ao texto a fim de criar um clima para o leitor ler a matéria.

O jornalista e pesquisador Genro Filho (1987, p. 189) sustenta que a primeira notícia escrita segundo a técnica da pirâmide invertida, na qual o *lead* situa-se no primeiro parágrafo em um estilo redacional que prima pela descrição do fato da forma mais objetiva possível, teria sido publicada no jornal norte-americano *The New York Times*, em abril de 1861. Adotando o mesmo modelo, os mais importantes periódicos latino-americanos passaram a seguir os passos do *The New York Times,* a partir da segunda metade do século XX, publicando notícias de agências norte-americanas escritas com essa técnica.



O jornalista Pompeu de Sousa, na época chefe de redação do *Diário Carioca*, foi quem introduziu a técnica da pirâmide invertida no Brasil em 1950, com o intuito de substituir o nariz-de-cera. Na época, o nariz-de-cera adotado pelo jornalismo brasileiro era uma mistura de opinião, informação e interpretação, ficando longe do estilo noticioso, segundo o próprio Sousa.

O termo pirâmide invertida é uma contraposição à pirâmide normal – usada no estilo literário – na qual o autor relata os fatos mais importantes no final para terminar o livro em clima de tensão e suspense, segundo Amaral (1969, p. 65).

Lins da Silva (1991, p. 110) menciona que o *lead* clássico chegou ao Brasil por meio de agências de notícias americanas. Segundo ele, essa técnica de redação foi criada pelos americanos porque o mesmo texto das agências era usado por jornais de todas as partes do mundo. Cada periódico avaliava de forma diferente a importância da notícia e os textos escritos sob a fórmula da pirâmide invertida poderiam ser feitos por meio de uma operação rápida, de baixo para cima, sem perder o núcleo da informação pelo fato dela ser hierarquizada, partindo dos fatos mais importantes aos menos importantes.

Para Amaral (1986, p. 53), "o *lead* foi um avanço na técnica e no estilo, mas reduziu muito a dimensão dos fatos". Nesse sentido, o autor coloca a existência de insatisfação por parte de leitores e profissionais diante da estrutura da notícia construída a partir do *lead*.

Lins da Silva (1991, p. 110) também comenta as críticas ao *lead* clássico na década de 80 nos Estados Unidos. Segundo ele, pesquisas de Donowen, Palmgreen e Duncan revelaram que o interesse do leitor pelo assunto não "é afetado pelo tipo de abertura de que possa se valer o jornal".

Sousa (1999, p. 59) também menciona em seus estudos que a rotina dos jornalistas e o modo de funcionamento das empresas jornalísticas contribui para que os *leads* de notícias sobre o mesmo assunto sejam semelhantes, mesmo quando veiculadas em diferentes jornais.

unesp

Traquina (2004, p. 59) diz que o formato da notícia mudou na medida em que ela começou a ser tratada como um produto. Segundo ele, as notícias tornaram-se *estandartizadas* ao tomarem a forma da pirâmide invertida, enfatizando o *lead*.

Para Eleazar Diaz Rangel, citado por Genro Filho (1987, p. 190), a estrutura da pirâmide invertida "não foi planejada para chamar o leitor à reflexão, mas apenas para informá-lo superficialmente, para adormecê-lo, fazê-lo indiferente e evitar que pense".

Genro Filho (1987, p. 191) comenta que as críticas à pirâmide invertida, referente a uma tendência a uniformizar os primeiros parágrafos das notícias e, assim, desestimular a criatividade, existem. No entanto, para ele, essa condição é resultado de uma perspectiva empirista patrocinada pela pirâmide invertida e o *lead* – pois acaba levando a maioria dos jornalistas, de uma certa forma, a pensar que se deve sempre responder de maneira monótona e mecanicamente às seis perguntas.

Genro Filho (1987, p. 191) ainda afirma que a pirâmide invertida não consegue dar conta de uma teoria da notícia, sendo apenas "uma hipótese racional de operação, uma descrição empírica da média dos casos, conduzindo, por esse motivo, a uma redação padronizada e não à lógica da exposição jornalística e à compreensão da epistemologia do processo".

A tese da pirâmide, segundo ele, pretende mostrar que a notícia é construída dos fatos mais importantes para os menos importantes. Para Genro Filho (1987, p. 191), sob o aspecto descritivo, o *lead* – enquanto apreensão sintética da singularidade da informação – consegue retratar o momento jornalístico mais importante. Porém, sob a perspectiva epistemológica, considerada por ele a fundamental, a pirâmide invertida deve ser revertida, pois "a notícia caminha não do mais importante para o menos importante (ou vice-versa), mas do singular para o particular, do cume para a base". Por isso, ele propõe a inversão da pirâmide.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Genro Filho (1987, p. 192) defende essa proposição ao afirmar que quando um fato torna-se notícia jornalística "ele é apreendido pelo ângulo da sua singularidade, mas abrindo um determinado leque de relações que formam seu contexto particular". Por isso, para o autor, é na totalidade dessas relações que são reproduzidos os pressupostos ontológicos e ideológicos que direcionam a apreensão.

Para sustentar sua opinião, Genro Filho propõe a representação da notícia por meio de quatro tipos de triângulos, cada um com uma característica, privilegiando diferentes graus de harmonia entre o singular e o particular dos fatos.

Para ele, uma notícia diária, factual – objeto de pesquisa desta dissertação – pode atingir certo equilíbrio entre a singularidade e particularidade e assim também obter o que Genro Filho chama de "certo nível de eficácia" jornalística, independente do seu conteúdo ideológico.

> Aqui entra em jogo não apenas o problema de uma linguagem adequada, mas, principalmente, o enfoque epistemológico que vai presidir essa linguagem e permitir sua eficácia. Há um grau mínimo de conhecimento objetivo que deve ser proporcionado pela significação do singular (pelo singular-significante), que exige um mínimo de contextualização do particular, para que a notícia se realize efetivamente como forma de conhecimento. (GENRO FILHO, 1987, p. 192).

É a partir dessa relação equilibrada entre o singular e o particular que, segundo o autor, a notícia poderá – conforme a abordagem ideológica – tornar-se uma apreensão crítica da realidade.

Mas o autor ainda pontua que mesmo quando a notícia tem uma certa harmonia entre o singular e o particular, há riscos dela se enquadrar na ideologia dominante. Como exemplo, ele cita a maioria das notícias dos jornais da chamada grande imprensa. Isso porque Genro Filho (1997, p. 193) considera a lógica jornalística fruto dos interesses burgueses e ao mesmo tempo "das necessidades sociais profundas" – no sentido de um conflito potencial com a mera reprodução ideológica das relações vigentes.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Com base nesses argumentos, Genro Filho sugere variações no que ele denomina de triângulo eqüilátero, que tem três lados iguais, usado para representar a estrutura da notícia diária. Dessa forma, o triângulo de uma notícia sensacionalista – excessivamente singularizada – seria um isósceles com a base menor que os lados. Por outro lado, um triângulo isósceles com a base maior que os lados é considerado a abertura de um ângulo de generalização maior do singular ao particular. Por isso, completa o autor, um jornal semanal ou programa de TV de periodicidade semelhante não deve pautar a redação das notícias na estrutura do triangulo eqüilátero.

Nesse sentido, Genro Filho diz que o contexto de particularização que constrói o fato jornalístico deve ser amplo e rico em conexões.

Apesar das críticas, há defensores do *lead.* Burnett (1976, p. 38) argumenta que no *lead* há liberdade e seu espaço é suficiente para abrigar o talento dos jornalistas. Zancheta Júnior (2004, p. 71), também comenta sobre a utilidade do *lead* no contexto da imprensa atual. Segundo ele, além de favorecer a leitura, o *lead* enquadra-se na apressada dinâmica editorial de hoje por permitir que a matéria seja cortada de baixo para cima, com a agilidade necessária para o fechamento do jornal.

Para Bahia (1990, p. 56), o *lead* não deve impedir o uso de outras técnicas de elaboração de textos mais inteligentes, criativas e acessíveis aos receptores das notícias. Segundo ele, o *lead* corrigiu os excessos sentimentais do texto jornalístico até os anos 50, mas provocou uma excessiva padronização da notícia, a qual os meios de comunicação buscam atenuar a partir do uso de textos mais livres e variáveis.

4.2 Tipos de *lead*

Os estudiosos do jornalismo enumeram diversas formas de escrever o *lead*. O norte-americano Fraser Bond (1969, p. 107) relaciona em seus estudos oito tipos de *lead*:

***Lead* condensado**: resume de maneira clara todos os fatos principais da notícia. Considerado mais fácil de construir, agrega o núcleo de todas as variações dos demais tipos de *lead*.

***Lead* de apelo direto:** redigido para estabelecer uma aproximação com o leitor. Pode começar de modo a introduzir o receptor da mensagem. Ex: Você já imaginou ...

***Lead* circunstancial:** Enfatiza as circunstâncias nas quais o fato ocorre. Geralmente usado quando o acontecimento tem caráter humano.

***Lead* entre aspas**: Usado em matérias que começam com a reprodução de discursos por meio de frases sucintas dos entrevistados.

***Lead* descritivo:** evidencia, na introdução do texto, uma descrição do fato. Pode-se descrever cenas e pessoas envolvidas.

***Lead* ativador de interesse:** Cria uma expectativa e desperta a curiosidade do leitor no começo da matéria. O restante do texto é estruturado em ordem cronológica, estimulando a leitura até o final. Usado em artigos curtos.

***Lead* numerado:** Usado quando fatos relacionados aos acontecimentos não demonstram importância maior que outro. Por isso, é feita a enumeração dos parágrafos.

***Leads* originais:** textos dotados de excentricidade que chamam a atenção do leitor sem perder a essência da informação.

Nem sempre as seis perguntas estarão respondidas no primeiro parágrafo do texto. Segundo Garcia (1992, p. 23), nos últimos anos foram criadas regras usadas para construir *leads* simples e diretos.



Ele menciona que as primeiras palavras da notícia deveriam responder "quem fez o quê, como, onde, quando e por que". Garcia ainda cita um exemplo para ilustrar: "João mordeu um cachorro ontem na Avenida Rio Branco porque tinha fome. Omite-se o 'como', porque as dentadas são presumidas. Para Garcia, quando as notícias são mais complexas admite-se deixar para o parágrafo seguinte algumas respostas ao *lead.*

Outra característica da redação jornalística é a do *sublead.* Criado no Brasil, segundo Bahia (1990, p. 54) é um recurso, um segundo parágrafo, que complementa o *lead* e mantém o principal da notícia, mas desnecessário como texto e necessário como estilo. O *sublead* se desenvolveu mais como padrão estético e não faz falta ao texto.

4.3 O jornal no contexto econômico

O ambiente econômico no qual o jornalismo está estabelecido é de interesse para a Análise do Discurso porque a disciplina considera o contexto sócio-histórico da produção de notícias para avaliar os discursos.

Nesse sentido, apontamos que a imprensa periódica nasceu em um berço burguês por volta do século XV, época de acumulação capitalista e expansão marítima de Portugal e Espanha para a América e Ásia. Há algumas variações nas datas de surgimentos dos jornais. Uma versão dá conta de que o primeiro apareceu na cidade belga de Antuérpia (1605), um periódico bimensal com o nome *Nieuwe Tijdinghe,* nascido de um boletim comercial. Outra sustenta que os primeiros jornais circularam na Alemanha: em Bremen (1609); Estrasburgo (1610), atualmente situada na França, e Colônia (1611).

Segundo Nilson Lage (2003, p. 10), as notícias dos primeiros jornais reportavam fatos relacionados à acumulação de capital mercantil, expedição a novos continentes, busca de

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

novos mercados, evidenciando a afinidade com o modo de produção capitalista, o qual se tornaria o sistema econômico vigente no ocidente mais tarde.

O custo de impressão era barato, possibilitando aos leitores pagarem o papel, a tinta e fornecer o capital inicial para rodar panfletos e folhas. Ao mesmo tempo, mecanismos de censura por parte da Igreja e do Estado proliferavam na tentativa de conter a disseminação das informações. Altos impostos e taxas de papel também chegaram a ser criados para impedir a livre expressão de idéias.

A Revolução Industrial, no século XIX, começou a mudar a realidade dos jornais a partir da mecanização do processo de impressão, tornando a prática jornalística uma atividade empresarial custeada principalmente pela publicidade. Nessa época, a imprensa ainda tinha características opinativas e ideológicas pela falta de matéria-prima informativa, pouca alfabetização, escassos recursos econômicos da população e presença de movimentos políticos-ideológicos. Segundo Sousa (1999, p. 80), esses fatores fizeram com que o artigo se tornasse uma forma de discurso jornalístico dominante.

Com base nas pesquisas de Alvares, Sousa (1999, p. 80) diz que a notícia passou a ser o centro das atenções do discurso jornalístico por volta dos anos 30 do século XIX, nos Estados Unidos, com o advento da imprensa popular, além do aumento da alfabetização e urbanização, do poder de compra e do surgimento das empresas jornalísticas focadas no lucro e não na doutrinação ideológica.

A Primeira e a Segunda Guerra Mundial fizeram o jornalismo ocidental tornar-se descritivo e generalista, culminando, segundo Sousa (1999, p. 82), na separação entre fato e comentário. Fortaleceram-se o jornalismo de declaração, contextualização, interpretação e de investigação. Por volta dos anos 60, surge o Novo Jornalismo, um modelo voltado ao privilégio da subjetividade inspirado principalmente no movimento *hippie,* protestos sociais, Guerra do Vietnã e movimentos alternativos. Nessa época também se registra a retomada do

unesp

jornalismo investigativo marcado pelo escândalo de *Watergate* – um caso de escuta ilegal feita por políticos ligados ao governo, ocorrido na sede do partido democrata americano. O fato foi objeto de cobertura do jornal *Washington Post,* repercutindo como exemplo da imprensa investigativa.

Os anos 80 foram outro marco de mudança no jornalismo mundial. O surgimento das novas tecnologias de informação privilegiou o uso da imagem e a valorização da fotografia nas páginas de jornais. Os infográficos passaram a ser veiculados em larga escala e a presença da *Internet* inaugurou a era do jornalismo *on-line,* que permite uma comunicação direta e maior interação com o receptor.

Conforme as pesquisas de Medina (1988, p. 51), no Brasil, a primeira folha impressa foi criada a serviço do império português: *A Gazeta do Rio de Janeiro* (1808), um periódico da imprensa régia elaborado por padres que, até 1821, segundo estudos de Zancheta Júnior (2004, p. 40), talvez tenha sido o único jornal a circular no Rio de Janeiro, em razão da censura.

Outro jornal de destaque no país foi o *Correio Braziliense*, publicado em Londres por Hipólito José da Costa. O periódico chegava clandestinamente ao Brasil e em suas páginas trazia textos criticando a coroa portuguesa e defendendo a independência, influenciando a política local até 1822.

Em 1821, após D. Pedro acabar com a censura, começam a surgir no país jornais independentes do poder imperial. Naquela época, a notícia limitava-se aos costumes, virtudes morais e sociais, novelas e trechos de autores clássicos ou anedotas, segundo Bahia (1972), citado por Medina (1988). Os jornais eram impressos em tipografias artesanais e dirigidos principalmente à elite.

As primeiras empresas jornalísticas surgem no Brasil em meados de 1890, tendo como pioneiros os jornais *Gazeta de Notícias* e o *Jornal do Commercio,* periódicos cariocas que já

unesp

circulavam na época do império e passaram por uma modernização com a aquisição de equipamentos, incluindo investimentos em rotativas e linotipos. Tempos depois surgia o *Jornal do Brasil*, também do Rio de Janeiro, e o *Correio da Manhã*, seguido do *Diário Mercantil*, de São Paulo, e *Correio do Povo*, de Porto Alegre e o jornal *A Província de São Paulo*, que passaria a chamar-se *O Estado de S. Paulo.*

Segundo Medina (1988, p. 47), os produtos das empresas jornalísticas que tinham a missão de faturar eram bastante diferentes dos jornais ligados a grupos políticos. Para Medina, o jornal-empresa "passa a considerar preferencialmente o gosto do leitor". O foco, segundo ela, respeita o que o público quer e não a opinião do grupo à frente da empresa jornalística. A partir daí começam a circular os chamados jornais noticiosos, dando origem também às abordagens sensacionalistas e às crônicas esportiva, policial e social.

Medina ainda salienta que esse tipo de jornal está estreitamente relacionado à urbanização e industrialização do Brasil. Nessa época, o Rio de Janeiro despontava como o centro do jornalismo brasileiro. Com o crescimento da industrialização, São Paulo também começa a fomentar, no início do século, a indústria cultural brasileira.

Os jornais em análise nesta pesquisa, ***Folha de S. Paulo*** e ***O Globo***, estão inseridos em um modelo ocidental de jornalismo, no qual, segundo Sousa (2004, p. 12), "a imprensa tem o direito de vigiar, reportar, comentar, interpretar e criticar as atividades dos agentes de poder". Em tese, de acordo com o autor, os jornalistas são limitados apenas pela lei, pela ética e pela deontologia.

O sistema ocidental de jornalismo foi inspirado na prática jornalística norte-americana e hoje vem sendo criticado em razão da concentração oligopólica da propriedade dos meios de comunicação e pelo fato de a publicidade ser a primeira fonte de rendimento das empresas. Essa característica contribui para as empresas evitarem ofender através de matérias os mantenedores da publicidade, tais como órgãos de governo e administração pública.



A internacionalização dos grupos econômicos de mídia é outro fenômeno recente a ser considerado. Para Sousa (1999, p. 91) essa nova organização das comunicações tem contribuído para "uma aproximação global das formas discursivas jornalísticas".

Para Sousa (1999, p. 63) os anunciantes, incluindo o próprio Estado, podem exercer pressões no processo de elaboração das notícias, principalmente se o governo for responsável por leis, regulamentos, licenças, impostos e ajuda financeira à mídia.

No Brasil, a situação não é diferente. Até o início dos anos 90, as concessões eram feitas com base em critérios políticos e de apadrinhamento. O quadro mudou e as concessões passaram a ser vendidas.

Nos anos 90, pelo menos 90% da mídia nacional estava em poder de 15 grupos familiares. A maioria tem rádio e televisão associados a jornais impressos pertencentes a empresas, políticos e igrejas. Segundo Zanchetta Júnior (2004, p. 28), a homogeneização da informação é uma das conseqüências dessa estrutura.

Ele ainda diz que boa parte da mídia está concentrada na região Sudeste do Brasil, por isso, apesar da tecnologia, "é inevitável que o olhar do país tenha a marca da região Sudeste". Essa concentração faz com que as notícias sejam veiculadas em diferentes jornais com base nos mesmos dados, abordagens semelhantes e até com o mesmo texto.

Pesquisa realizada em 1999 pela CNT/Vox Populi, publicada da revista *Imprensa*, indica que menos de 20% dos brasileiros têm acesso ao jornal. Com base em pesquisas, Noblat (2002, p. 16) indica que no ano 2000 cada grupo de mil japoneses adquiria 500 exemplares de jornal. No Brasil, no mesmo período, cada grupo de mil pessoas comprava 44 exemplares. O leitor de um determinado jornal possui empatia com o que é noticiado pelo veículo, fazendo o papel de *feedback* positivo ao que está sendo veiculado. A contestação das informações por meio de cartas à redação e o ato de deixar de ler determinado jornal são expressões de discordância em relação ao meio de comunicação.

unesp

Em se tratando de leitores universais, a circulação dos jornais impressos vem caindo ao longo dos últimos anos. Segundo a Associação Mundial de Jornais (WAN em inglês), a circulação mundial dos jornais caiu 0,12% em 2003. No Brasil, a realidade também não é diferente. Os jornais deixaram de vender em 2003 a média de 500 mil exemplares/dia. No ano 2000, os periódicos brasileiros vendiam 7,88 milhões; em 2002 um total de 6,97 milhões e em 2003 fechou em 6,47 milhões. Os dados foram publicados na ***Folha de S. Paulo***. As explicações para esse fenômeno, no caso do Brasil, vão desde a questão da qualidade dos jornais, perpassando dessa forma pela notícia, ao enfraquecimento financeiro das empresas e queda de renda por parte da população. Segundo o *ombudsman* da ***Folha de S. Paulo*** em 2004, Marcelo Beraba, autor da matéria, a exemplo dos jornais de outros países, as empresas jornalísticas tradicionais do Brasil precisam pensar em novos conteúdos, novos padrões de qualidade, além de novas estratégias para manter leitores e atrair jovens.

Nesse contexto debatido anteriormente, pode-se dizer que a estrutura do *lead*, apesar de facilitar a organização e a disposição das informações para o melhor entendimento do leitor, colabora, de certa forma, para a *estandartização* das notícias e a espetacularização dos textos pelo fato de os autores priorizarem a resposta às seis perguntas. Isso os leva a deixar de contextualizar os fatos e apresentarao leitor, assim, uma visão mais ampla do assunto, incentivando a criticidade.

Essa cadeia cerceadora reflete, na linguagem, instância que expressa e concentra todas as imposições ideológicas nas quais o jornalismo é submetido atualmente. Por meio das análises de notícias, é possível aferir o quanto essas condições estão refletidas na notícia e sendo divulgadas aos leitores.

unesp

5. ANÁLISE DE NOTÍCIAS *FOLHA DE S.PAULO* E *O GLOBO*

5 ANÁLISE DE NOTÍCIAS: *FOLHA DE S. PAULO* E *O GLOBO*

Jornal de circulação nacional criado em 19 de fevereiro de 1927, a ***Folha de S.Paulo*** tem formato *standard* e dá ênfase a assuntos nacionais, destacando notícias do estado e da cidade de São Paulo quando há repercussão no Brasil. O projeto gráfico e editorial do jornal reflete mudanças ocorridas nos últimos dez anos, privilegiando, nas páginas, fotos, infográficos e um texto mais objetivo, em uma era considerada a das imagens. Apontado como o maior jornal de circulação no país, a ***Folha de S. Paulo*** tem tiragem média de trezentos mil exemplares, mas aos domingos consegue atingir cerca de um milhão de exemplares (ano-base: 2004).

O Jornal ***O Globo*** tem setenta e nove anos de circulação nacional, privilegiando assuntos nacionais e do estado do Rio de Janeiro. Lançado em 1926 pelo jornalista Irineu Marinho, o jornal integra as Organizações Globo, da qual também faz parte a Rede Globo de Televisão. Considerado o segundo jornal com maior tiragem do país, atrás apenas da ***Folha de S. Paulo***, ***O Globo*** circula diariamente com cerca de 258 mil exemplares. Segundo pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Estudos em Comunicação (Ibec), ***O Globo*** foi considerado o jornal mais imparcial da grande imprensa, com 80,75% de isenção.

Nesta análise de notícias, serão consideradas as ferramentas do não-dito, da intertextualidade e do interdiscurso para averiguar os discursos das matérias factuais escritas a partir da técnica do *lead,* presentes em ambos os periódicos. Somados à fundamentação da Análise de Discurso e aos estudos do jornalismo, também se recorre aos conceitos de ideologia expostos anteriormente, para explicar os sentidos produzidos pelos textos.

5.1 Notícia 1 – *Folha de S. Paulo* – Anexo A



Título: **Refém é morto no 2º. dia de rebelião no Rio.**

Presídios *Agente penitenciário foi alvejado ao tentar fugir; amotinados desde anteontem, presos podem ter matado outros detentos.*

A matéria reporta-se à morte de um agente penitenciário durante uma rebelião no Rio de Janeiro. O texto está escrito com a técnica de redação do *lead*, do tipo condensado, e já no primeiro parágrafo responde às perguntas: *O que?* Um agente penitenciário foi morto. *Quando?* Na tarde de ontem. *Onde?* Na Casa de Custódia de Benfica, durante rebelião. *Quem?* Marco Antonio Borgati.

As respostas do *como* e do *por que* aparecem no terceiro parágrafo da matéria na qual o repórter menciona que o agente levou um tiro nas costas porque teria tentado fugir.

A angulação da matéria está assentada todo o tempo na disputa pelo poder. De um lado, detentos e familiares, de outro, autoridades públicas e reféns. Não há preocupação humana pela morte do agente penitenciário, pela perda da vida. A notícia é construída de modo com que haja uma certa banalização da morte, como se fosse algo rotineiro. Não desperta no leitor a importância da perda da vida e a responsabilidade do Estado no episódio.

Esse foco está relacionado à gênese capitalista da notícia jornalística, construída para exacerbar a tensão entre pólos opostos e estimular a venda de jornais.

Não-dito

Nos parágrafos iniciais, a matéria segue a estrutura das notícias factuais construídas com a técnica da pirâmide invertida, concentrando-se nas informações a respeito da morte do preso. Nos parágrafos seguintes, o texto foca o clima de tensão existente na penitenciária e a posição de autoridades públicas a respeito do fato. Nas demais partes, a matéria evidencia o clima de preocupação em torno da morte e a posição dos familiares dos detentos.



O não-dito aparece na matéria em razão da não-explicitação do problema do sistema carcerário brasileiro e das condições internas da cadeia, nas quais a conivência de policiais e autoridades facilita fugas e motins. Em nenhum momento a matéria menciona quem são os negociadores, indicando novamente a presença do não-dito. Os dados e as informações apresentadas no texto não possibilitam ao leitor ter uma visão geral do contexto. Não sabemos o quanto o governo investe no sistema carcerário e o porquê da não-adoção de um novo modelo que possa ocupar o tempo dos detentos e minimizar a ocorrência de fugas.

Intertextualidade

A passagem *"A próxima vai ser em Bangu. Tirem os alemão (inimigos) da cadeia. Água e óleo não se misturam"*, inscrita em uma faixa e presente no texto da notícia, mostra o poder paralelo que os presos exercem no sistema de carceragem brasileira. Um poder que só é possível de evidenciar devido à conivência das autoridades e a falta de comando e sistema funcional para a recuperação dos detentos. No entanto, como esse contexto não é claro na matéria, cabe ao próprio leitor chegar a essa conclusão, conforme seu repertório pessoal.

Esse poder é reforçado ao final do texto, quando é mencionado o apoio de traficantes na fuga dos presos que originou o motim. A seleção desse trecho do texto por parte do repórter evidencia que o jornal quer deixar claro o poder dos presos, apesar de não apontar os motivos.

Interdiscursividade

Ao mencionar no 3º. parágrafo do texto que o refém foi morto com um tiro nas costas porque teria tentado fugir, o jornal mostra vestígios do discurso bélico e não se compromete oficialmente com a informação, colocando toda a responsabilidade pela morte no próprio refém. A presença do tempo verbal no futuro do presente, *teria*, mostra a incerteza da

informação. Ao mesmo tempo, no olho, junto ao título da matéria, a edição usa o verbo *tentou*, afirmando que o preso fugiu, o que contradiz a própria matéria.

No 6º. parágrafo, a passagem *"o secretário de Administração Penitenciária [...] enviou fax ao seu colega Anthony Garotinho solicitando que a Polícia Militar invadisse a unidade e libertasse os reféns"* evidencia a presença do discurso autoritário do poder por parte do Estado, que usa a repressão para resolver os conflitos subjacentes à sociedade. Esta posição é sustentada por Louis Althusser, no item 3, ao mencionar a presença dos Aparelhos Repressores (ARE) para fins de manutenção das relações de reprodução, privilegiando a dominação de uma classe sobre outra. Ao invés de intermediar o conflito ou trabalhar para a prevenção dele, o Estado perpetua sua ação através da repressão, passando a idéia de que está fazendo algo para resolver o problema. Nesse sentido, o jornal na condição de Aparelho Ideológico do Estado reproduz o discurso repressivo.

No 9º. parágrafo, o trecho "*familiares dos presos ameaçaram linchar o presidente do Sindicato dos Agentes Penitenciários, Paulo Ferreira, depois que ele acusou os presos de terem matado o agente Borgati. Ferreira teve de ser protegido por policiais",* reforça as dúvidas e contradições a respeito da morte do refém e volta a evocar o discurso bélico.

A indignação dos familiares evoca o discurso da violência e mostra a tensão social presente em toda a matéria e a tendência do problema ser resolvido à força.

A foto na qual aparece a imagem identificando o Comando Vermelho deixa clara a pretensão do grupo de presos de explicitar o poder e a força diante da situação.

Notícia 1 – *O Globo* – Anexo B

Título: **Refém é morto pelas costas.**

A Guerra no Rio *Detentos amotinados executam agente durante negociação em casa de custódia.*

O texto começa com uma frase de impacto, já anunciando a tragédia na penitenciária. O *lead* é construído com o acréscimo de informações a respeito da situação que contextualizam o leitor sobre a situação da penitenciária, um ponto positivo da matéria. *"Terminou em tragédia o segundo dia de rebelião na recém-inaugurada Casa de Custódia de Benfica"; "[...] após quase 36 horas de motim – até agora o segundo mais longo no sistema penitenciário do Rio [...]".*

O texto reforça a execução do refém ao usar, no título, a frase *"é morto pelas costas"*, que, segundo as técnicas de investigação policial, evidencia a intenção de execução. As seis perguntas do *lead* são respondidas, exceto o *por que*, que está implícito. *O que?* Os presos mataram os primeiros dos reféns. *Onde?* Na Casa de Custódia de Benfica. *Quando?* No final da tarde de ontem. *Quem?* O agente penitenciário Marco Antônio Borgatte. *Como?* Com um tiro de escopeta disparado à queima-roupa.

Não-dito

Na resposta à questão *Por que?* é possível notar a presença do não-dito. No texto, o autor menciona que o agente foi baleado *"no momento em que a comissão negociava com os amotinados o fim da rebelião"*. O texto ainda segue: *"Moreira contou que, enquanto a comissão dialogava com os presos, eles puseram Borgatte de pé, o empurraram e atiraram contra ele e os negociadores"*. Apesar da justificativa, o motivo da morte do preso não ficou claro na matéria. Não se sabe se foi devido ao insucesso das negociações ou a uma possível reação do agente penitenciário. Além de não deixar claro o contexto da morte, a matéria do jornal, a exemplo da ***Folha de S. Paulo***, em nenhum momento questiona a responsabilidade do Estado na perda da vida do agente, contribuindo, dessa forma, para não abalar a imagem do governo.

Intertextualidade

No intertexto aparece o relato do filho da vítima afirmando que o pai já comentava a falta de segurança no local e previa a ocorrência da rebelião: *"Meu pai trabalhava na Casa de Custódia de Benfica desde a inauguração e sabia que não ia demorar um mês para ter uma rebelião. Ele sempre dizia que a área era cercada de favelas e que, por isso, não tinha segurança, disse Ângelo Borgatte"*. O espaço destinado ao filho da vítima mostra por parte do jornal a preocupação de ouvir o "outro lado", na tentativa de passar uma imagem crítica em relação ao governo.

A exemplo da ***Folha***, ***O Globo*** também recorre às frases nas faixas para expressar as reivindicações dos presos. *"A próxima vai ser em Bangu III"* insinua a posição de poder dos presos. Em uma outra faixa presente na foto da matéria: *"opressão, ditadura e esculacho foi nos anos 60. Não vão fazer desta Casa de Custódia o que houve no Carandiru"*, o jornal evidencia a reação da classe oprimida pelo poder dominante. Isso mostra a violência gerada pela repressão do Estado por meio dos Aparelhos Repressivos.

Em outro parágrafo, o qual menciona a declaração do presidente do Sindicato dos Servidores da Secretaria de Justiça, Paulo Ferreira, *"Isto aqui é uma catástrofe penitenciária, uma experiência maldita, um laboratório do inferno. Fizeram um presídio de tijolo e barbante"*, o jornal mostra um posicionamento crítico a respeito do presídio, apesar de não contextualizar na matéria os motivos que culminaram com essa situação.

Interdiscursividade

Na passagem do texto "*Ferreira também disse que vai convocar uma assembléia extraordinária da categoria, para discutir a situação de trabalho dos agentes"*, evoca-se o discurso político por parte dos agentes, em uma tentativa de melhorar a situação dos funcionários públicos. A informação coloca em evidência a pretensão dos agentes de se organizarem para discutirem sobre as condições de trabalho.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Nesse contexto, o jornal mostra a reação da outra classe oprimida pelo poder dominante: os agentes, cuja conduta é política.

O *box* com o título *"Outros motins que terminaram mal"* é um ponto positivo na matéria de ***O Globo*** pelo fato de trazer uma retrospectiva do assunto para o leitor ter uma visão cronológica do problema.

Conclusão da Notícia 1

Na matéria da ***Folha de S.Paulo***, o texto diz que o preso foi morto porque queria fugir. Em ***O Globo***, o motivo da morte está velado e fica implícito. Em ambas as situações, nota-se a manifestação da ideologia na linguagem, pois a causa da morte no primeiro texto é atribuída a uma reação do próprio preso e, no segundo, não fica clara, mostrando uma certa proteção à responsabilidade do Estado. No primeiro caso, a realidade é invertida porque a morte aparece como resultado de uma atitude do preso. Essa inversão é uma tentativa de sustentar uma relação de dominação por parte do Estado, a exemplo do que coloca Thompson no item 3, e esconder as contradições. Na matéria de ***O Globo***, o motivo da morte fica implícito, revelando o silêncio do texto mencionado por Orlandi, no item 2.6, o qual é resultado de relações de poder.

Em nenhum momento os textos mencionam o papel do Estado na prevenção das rebeliões e na melhoria nas condições de trabalho dos agentes penitenciários para minimizar os riscos da profissão. Isso implica uma falta de criticidade e responsabilidade social na informação a partir da ausência de avaliação do desempenho das autoridades e órgãos públicos.

O discurso de ambas as matérias, construídas sob a referência das perguntas do *lead*, respondem às seis perguntas, exceto em ***O Globo*** que não evidencia o motivo da morte. As matérias focam-se na tensão existente na penitenciária e entre as partes envolvidas: de um lado presos e familiares, de outro autoridades e agentes penitenciários.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

As duas matérias garantem espaço para a expressão dos principais autores envolvidos, no caso, os presos e as autoridades, permitindo a ocorrência de uma multiplicidade de sentidos. No entanto, não passam de meros relatos focados apenas no acontecimento factual, sem questionar a política carcerária brasileira ou mostrar opiniões de especialistas a respeito do modelo penitenciário, a fim de apresentar ao leitor uma visão mais global e contextualizada do fato. Ou seja, os discursos das matérias não tocam a fundo o que está por trás do fato e suas causas, apesar de responderem a todas às perguntas do *lead.* Nesse sentido, conclui-se que a resposta à maioria das perguntas do *lead* não é suficiente para aprofundar a problemática do fato.

5.2 Notícia 2 – *Folha de S. Paulo* – Anexo C

Título: **Reforma agrária não será no grito, diz Lula.**

Campo Minado *Após promessa do MST de infernizar, presidente afirma que há gente que ainda não se acostumou com a democracia.*

A matéria reporta a um discurso do presidente Lula sobre a reforma agrária durante a inauguração de uma termelétrica no Mato Grosso do Sul. As perguntas do *lead* são respondidas no início. *Quem?* O presidente Luiz Inácio Lula da Silva *O que?* Disse que a reforma agrária não será feita no grito. *Quando?* Ontem. *Onde?* Em Três Lagoas (MS) durante a inauguração de uma termelétrica. *Por que?* A reforma agrária vai ser feita respeitando a legislação vigente. A resposta ao *como* não está no *lead* e aparece no 9º. parágrafo, quando o presidente menciona que pretende fazer uma reforma agrária que dê aos assentados as condições de permanecer na terra, com infra-estrutura básica, acesso às linhas de crédito e à assistência técnica.

unesp

Não-dito

O não-dito evidencia-se no texto na resposta ao *como*. A matéria afirma que o presidente vai resolver o problema da reforma agrária assentando 400 mil famílias, mas não explica a fundo de que modo o processo será feito.

Intertextualidade

A palavra *no grito*, proferida por Lula, tem relação com o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), o qual o presidente pretende combater. Esse tipo de reivindicação popular, por parte do MST, está assentado nos mesmos mecanismos que um dia Lula usou na condição de operário e líder sindical para levar adiante suas idéias. O termo, dito pelo presidente e enfatizado pelo autor do texto, evidencia que o jornal quer mostrar uma contradição ideológica e política de Lula, hoje no papel de presidente e, ao mesmo tempo, reforçar e apoiar a postura do ex-líder sindical contra o MST. Nesse contexto, o discurso do jornal reforça o uso do meio de comunicação na condição de um Aparelho Ideológico do Estado, conforme coloca Althusser, pelo fato de reproduzir uma idéia de que a reforma agrária não pode ser feita do modo que o movimento social reivindica, mas sim de acordo com a disposição do governo. Essa construção textual reforça as disposições da classe dominante contra as classes populares.

No 4º. parágrafo, ao falar *"palavras, mesmo tiradas de contexto, seja de trabalhador, seja de empresário, radicalizando o processo, não ajudam, porque está cheio de gente que ainda não se acostumou com a democracia e com justiça social"*, revela um discurso autoritário de Lula o qual a ***Folha de S.Paulo*** faz questão de evidenciar em razão do atual momento histórico, no qual a imprensa, assentada nos preceitos neoliberais, coloca em xeque o passado esquerdista de Lula para passar uma imagem de criticidade ao leitor. No entanto, ao mesmo tempo, o jornal ressalta o autoritarismo do presidente contra o MST em razão de interesses próprios pelo fato de ser contra a ação do movimento.

unesp

A parte do texto *"A reforma agrária não vai ser feita no grito dos trabalhadores ou no grito dos que são contra. Ela vai ser feita respeitando a legislação vigente e no clima de harmonia que norteia o comportamento de meu governo"*, indica que o jornal quer evidenciar o lado autoritário de Lula e reforça ainda mais a premissa de que o presidente pretende fazer a reforma agrária ao seu jeito, sem interferência do MST, que sempre foi uma ponte de apoio ao seu partido. Nesse caso, o jornal mais uma vez deixa claro o comportamento político ambíguo do presidente e o controle governamental efetivado para barrar as ações do MST.

Interdiscursividade

A palavra *no grito*, citada anteriormente, além de caracterizar o intertexto, também evoca o discurso de um movimento social.

Na passagem do texto "*Afirmou que a meta de assentar 400 mil famílias será cumprida até 2006 e mandou um recado aos líderes do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) pedindo que eles parem de falar tanto e deixem o governo fazer sua parte*", o jornal traz vestígios do discurso autoritário de Lula por meio do qual o presidente impõe o silêncio ao MST e pressupõe que o governo fará a reforma agrária a seu modo, sem a necessidade da intervenção do movimento. Ao elaborar esse trecho, o jornal mostra um discurso que faz coro com a atual formação discursiva do PT, a qual se coloca contrária às reivindicações dos movimentos sociais. O PT mantém uma postura dissonante do MST, apesar de ter se utilizado do mesmo mecanismo de reivindicação para projetar o próprio partido junto às classes trabalhadoras e conquistar a simpatia do próprio MST antes de chegar ao poder.

Notícia 2 – *O Globo* – Anexo D

Título: **Lula: "A reforma agrária não será feita no grito".**

Presidente pede paz e amor aos ministros: "Em 15 meses, fiz mais pelo Brasil do que muita gente em 500 anos".

O *lead* é construído no início do texto. *Quem?* O presidente Luiz Inácio Lula da Silva. *O que?* disse que a reforma agrária não será feita no grito e que ele não aceitará pressões dos trabalhadores sem-terra [...] nem dos fazendeiros, que são contra a intensificação dos assentamentos. *Onde?* Em Três Lagoas (MS). *Quando?* Ontem.

Não-dito

O primeiro parágrafo do texto não responde com clareza às perguntas *Como?* e *Por que?* Apenas no 6º. parágrafo, o texto revela que a reforma agrária será feita tranqüilamente e pacificamente. No entanto, não especifica que estratégias serão usadas.

Intertextualidade

A frase no olho *"em 15 meses fiz mais do que muita gente fez em 500 anos"* reporta ao discurso do descobrimento do Brasil que Lula usa para se promover. Por meio da frase, o jornal produz um sentido de que Lula está trabalhando e fazendo muito mais que outros presidentes.

No 7º. parágrafo, o jornal evidencia o discurso autoritário de Lula no trecho *"[...] Está cheio de gente neste país que não se acostumou a conviver com a democracia, com a justiça social e com as coisas que precisam ser feitas aqui. Portanto, ninguém precisa ter medo da reforma agrária".* A seleção do discurso por parte do jornal, retirado das próprias palavras de Lula, mostra uma tentativa de evidenciar aos leitores a postura autoritária do presidente e enfatizar, por interesse próprio, a necessidade de democracia para mostrar a posição radical do MST.

unesp

Interdiscursividade

No olho, a construção *"pede paz e amor aos ministros"* evoca o discurso dos anos 60 dos *hippies,* associado à imagem de contestação e incorporado pelos partidos de esquerda. A escolha lexical das palavras por parte do jornal ***O Globo*** relaciona a imagem de Lula à esquerda.

No trecho do texto, no primeiro parágrafo, "*que ele não aceitará pressões dos trabalhadores sem-terra, que ameaçam invasões no 'abril vermelho'*", fica evidente a concepção de que os sem-terra estão tomando as propriedades, pelo uso do verbo *invadir*. O termo *abril vermelho,* fruto de uma formação discursiva originária do MST, indica a afinidade ideológica com posições radicais de esquerda, que está sendo reforçada pela imprensa na condição de negatividade pelo fato de a empresa jornalística concordar com o discurso do presidente e evidenciar à opinião pública o extremismo do MST.

Conclusão da matéria 2

Ambos os jornais não aprofundam ou questionam como o governo pretende fazer a reforma agrária e atêm-se à reprodução do discurso do presidente contra as iniciativas do MST, a partir do *lead.* A estrutura da notícia construída sob a fórmula do *lead* limita-se a responder o mote da matéria – A reforma agrária não será feita no grito – fazendo com que os textos fiquem centrados na disputa verbal entre Lula e o MST, desfocando da importância da reforma agrária.

Os jornais destacam a postura contrária do presidente em relação ao MST porque apóiam o comportamento de Lula em relação ao movimento social. Ao mesmo tempo, a matéria de ambos os periódicos evoca o passado esquerdista de Lula, mas no sentido produzido fica evidente que os jornais apóiam o modo com que o presidente está se

unesp

comportando em relação ao MST por interesses próprios das empresas jornalísticas, inseridas em um contexto político neoliberal.

Isso evidencia um apelo sensacionalista*, pelo fato de a imprensa priorizar a guerra ideológica e não questionar evidentemente a prática da reforma agrária, suas necessidades e mecanismos de implementação. O apoio explícito de ambos os jornais ao autoritarismo de Lula mostra que os periódicos estão elaborando um sentido para sustentar as relações de dominação de classe e o poder diante do movimento social. Essa estratégia é fundamentada na concepção de ideologia de Thompson, conforme o item 3.

5.3 Notícia 3 – *Folha de S. Paulo* – Anexo E

Título: **Líder do MST é baleado ao tentar invadir terra em PE**.

Campo Minado *Movimento promoveu invasões a sete propriedades rurais no Estado.*

A matéria trata de um sem-terra baleado. A construção do *lead* responde às perguntas principais. *Quem?* Um dos líderes do MST. *O que?* Foi atingido. *Como?* Por um tiro. *Onde?* Na Fazenda Dependência, em Passira. *Quando?* Ontem.

Não-dito

A resposta do *por que* está implícita no texto. O autor não menciona diretamente que o tiro foi efetuado em razão da entrada na propriedade pelo fato da informação ser subentendida no texto.

* Sensacionalismo: notícia com sentido de exagero.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

A construção *"nova onda de invasões"*, no primeiro parágrafo, pressupõe a existência de "invasões" anteriores promovidas pelo MST.

O trecho do texto *"Um dos líderes do MST foi atingido por um tiro durante conflito ocorrido em uma nova onda de invasões promovida ontem pelo movimento no Estado"* sugere que a responsabilidade do líder ter sido baleado é apenas do MST, pois o episódio só ocorreu porque o movimento "invadiu" a propriedade, desencadeando o conflito com os capangas. Nesse trecho observa-se a manifestação ideológica por meio das lacunas e silêncios do texto porque não se evidencia em nenhum momento o que está por trás da invasão. O sentido produzido é de que o tiro, disparado por pistoleiros, foi resultado de uma ingerência do MST. Mas sabemos que há um conflito de classes entre proprietários e trabalhadores rurais, além de desigualdades sociais que motivam o MST a reivindicar o direito à terra.

Intertextualidade

No trecho do texto *"Entramos na fazenda, e eles jogaram os cavalos em cima"*, o jornal deixa clara a posição do MST de negar a invasão da propriedade. O verbo *entrar*, conjugado pelo próprio coordenador de acampamento do MST João Rufino Gomes, revela que o movimento mantém a postura de estar ocupando a propriedade e não tomando a força.

Na passagem *"Já estávamos do lado de fora, na estrada, quando atiraram em nós"*, o jornal evidencia que os tiros não se justificam porque o grupo não estava mais dentro da propriedade. Ao mesmo tempo em que faz esta afirmativa, o discurso da ***Folha*** também produz o sentido de que o movimento deixa implícito que se estivesse dentro da propriedade o tiro poderia se justificar.

unesp

Interdiscursividade

O uso da construção *Campo Minado* no olho do texto já remete ao discurso bélico, mostrando que o jornal pretende reforçar a associação do MST à luta armada. A palavra *minado* remete à formação discursiva de conflito e guerra por parte do MST.

No primeiro parágrafo, o uso do verbo *invadir* remete ao discurso autoritário, por meio do qual o ato do MST é considerado uma tomada da terra à força. O verbo *invadir* aparece no título e em todas as passagens do texto que se referem à presença do MST na propriedade. Em nenhum momento o autor usa o verbo *"ocupar"*. Essa característica mostra a posição ideológica do jornal ou do repórter, inseridos em um ambiente ideológico como comenta Van Dijk no item 3.1, em enquadrar a atitude do MST como ilegal e abusiva. Em todo o conjunto textual, o discurso da ***Folha de S. Paulo*** e as escolhas lexicais reforçam o lado negativo do MST, deixando claro a posição contrária da empresa jornalística ao movimento social.

Notícia 3 – *O Globo* – Anexo F

Título: **Sem-terra fazem 14 invasões e líder é baleado**.

Ocupações ocorreram em Pernambuco; MST acusa seguranças de fazenda de atirarem em seu coordenador.

A matéria de ***O Globo*** constrói o *lead* a partir da identificação imediata do sem-terra. *Quem*? Um dos coordenadores do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) em Pernambuco, Charles Afonso de Souza. *O que?* Foi baleado. *Onde?* Na Fazenda Dependência. *Como?* À bala.

Não-dito

As respostas às perguntas *Por que?* e *Quando?* estão implícitas no texto. O motivo do disparo foi a entrada na propriedade, no dia em que outras 14 fazendas foram ocupadas pelo MST, mas o jornal não destaca o fato porque a informação está subentendida.

Intertextualidade

O trecho do texto retirado da entrevista concedida pelo superintendente do Incra, João Farias, *"Mas a estratégia adotada a partir de março, com a jornada, mostra que eles estão buscando mesmo o confronto. Fazem pressão para os proprietários se atemorizarem e serem forçados a negociar com o Incra"* produz o sentido de que o jornal quer firmar a posição do governo de que a estratégia do MST é a responsável pelos confrontos, isentando a responsabilidade do Estado na questão da desigualdade social e na promoção da reforma agrária.

Interdiscursividade

No texto aparecem os verbos *invadir* e *ocupar* para mencionar a ação do MST, evidenciando uma contradição do jornal. O verbo *invadir* remete ao discurso dos proprietários rurais cuja visão é de que a propriedade está sendo tomada. O verbo *ocupar* está relacionado ao discurso e à posição ideológica do MST. Para o movimento, a posse da terra é um direito. Embora haja essa ambigüidade no discurso, o texto de ***O Globo*** produz um sentido de repúdio à ação do MST.

Conclusão da Notícia 3

As duas matérias focam-se no conflito em si, ou seja, na ocupação da propriedade. O texto de ***O Globo*** cumpre melhor esse papel por apresentar uma visão mais global ao leitor da

ação do MST, com número de propriedades ocupadas, e a posição do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) em Recife, embora não dê espaço semelhante para mostrar a posição do MST. Ambas as matérias não problematizam a situação social da terra e não mostram, por exemplo, quem são os sem-terra, de onde eles vieram, se são agricultores e realmente precisam da terra ou servem como massa de manobra do movimento. Outro ponto praticamente inexplorado nos textos é o questionamento a respeito do MST. Por que entram em propriedades produtivas mediante a medida provisória antiinvasão do governo federal? Isso pode estar ocorrendo porque o governo não vem cumprindo seu papel na reforma agrária. Qual a expectativa de reforma agrária do MST? É outra pergunta que os jornais impressos não se preocupam em responder, a fim de aprofundar o debate a respeito do tema. Neste sentido, percebemos que a fórmula do *lead* contribui para prender o foco da matéria apenas no acontecimento factual, sem que ela tenha uma contextualização sócio-histórica a exemplo do que comentam Ciro Marcondes Filho e Adelmo Genro Filho no item 4.

5.4 Notícia 4 – *Folha de S. Paulo* – Anexo G

Título: **Armas são roubadas da Aeronáutica no Rio.**

Violência *Depósito foi invadido por cinco homens armados, que levaram fuzis, munição e até uma Kombi; comando foi afastado.*

A notícia começa com o *lead* tradicional, tipo condensado. *Quem?* Cinco homens armados. *O que?* Roubaram 22 fuzis HK-33, uma pistola Taurus 9 mm com 15 cartuchos, quatro carregadores com 40 munições cada um e uma Kombi. *Quando?* Na madrugada de ontem. *Onde?* No Depósito de Aeronáutica do Rio de Janeiro. *Como?* Os invasores entraram no depósito por dois portões e renderam, sem atirar, cinco militares que faziam guarda.

A resposta ao *como* não está no primeiro parágrafo da matéria. A pergunta é respondida nos 5º. e 6º. parágrafos.

Não-dito

O *por que* não é respondido no *lead*. As possíveis explicações para o motivo do roubo estão nos últimos parágrafos da matéria, a partir do intertítulo Investigações Policiais. Nesse trecho do texto, é colocada a possibilidade de a ação ter sido desencadeada em razão das operações nas fronteiras ou de apreensões em armamentos de favelas. Esta informação deveria estar presente nos primeiros parágrafos da matéria para passar ao leitor uma informação mais global e contextualizada sobre o assunto, dando condições para termos uma interpretação mais profunda do fato. A maior parte do texto ocupa-se em descrever o roubo e não abre possibilidades para uma crítica mais efetiva das Forças Armadas e da Segurança Pública. Nesse sentido, a omissão da resposta ao *por que*, mesmo que a explicação dos motivos do roubo não passe de possibilidades, mostra a lacuna no texto, que pode ser considerada manobra ideológica.

Intertextualidade

Na passagem do texto atribuída à Aeronáutica "*as informações existentes estão sendo tratadas com sigilo, a fim de garantir o sucesso do processo em andamento*" notamos a preocupação do jornal em abrir espaço para a posição da Aeronáutica. A informação produz sentido de que a corporação está trabalhando no caso, apesar de não poder se manifestar no momento. Nesse caso, o discurso do jornal não contesta o papel das Forças Armadas.



Interdiscursividade

Ao final do texto, ao mencionar a explicação *"A Polícia Civil do Rio e a Polícia Federal investigam se, em conseqüência das operações policiais nas fronteiras e de apreensões de armamentos em favelas, os traficantes de drogas teriam decidido atacar quartéis das Forças Armadas para reforçar seus arsenais"*, o jornal usa um discurso bélico e justifica aos leitores que o roubo das armas pode ser resultado da ação repreensiva da própria polícia, ou seja, isenta o Estado da responsabilidade do roubo, porque ele teria sido estimulado pelo trabalho da polícia nas fronteiras brasileiras. Nesse aspecto, o discurso do jornal evidencia que o uso do Aparelho Repressor do Estado, no caso a polícia, vem dando resultado, desviando a atenção do leitor para o aumento do poder por parte dos marginais.

Notícia 4 – *O Globo* – Anexo H

Título: **Paiol da Aeronáutica invadido.**

Quadrilha rouba 22 fuzis, uma pistola e uma Kombi de quartel na Avenida Brasil.

Antes do *lead*, a matéria de ***O Globo*** relaciona a polêmica do apoio dos militares na segurança pública do Rio com o roubo das armas, um ponto positivo da matéria. O *lead* começa com a resposta do período em que ocorreu o fato. *Quando?* Na madrugada de ontem. *Onde?* em Bonsucesso. *O que*? Assalto. *Quem?* Cinco homens armados. *Como?* Renderam cinco soldados e roubaram 22 fuzis HK-33 com quatro carregadores – cada um com 40 cartuchos – uma pistola 9 mm com 15 balas e uma Kombi.

Não-dito

A exemplo da matéria da ***Folha de S.Paulo***, o texto de ***O Globo*** não indica as possíveis causas para explicar o motivo do roubo. A resposta ao *por que* é subentendida no

sentido de os traficantes procurarem armas para si próprios. Porém, ideologicamente, esse discurso implícito mostra um acobertamento da informação sustentada pelo jornal, pois o roubo tem um significado polissêmico, ou seja, pode ter ocorrido em razão do poderio dos traficantes no Rio de Janeiro; por uma possível conivência de membros da Aeronáutica e para desestabilizar as forças armadas em um momento no qual o governo estuda a hipótese de usar o exército para combater o tráfico no Rio de Janeiro. Essas possibilidades estavam na pauta da opinião pública na época da veiculação da matéria, mas o jornal não as usou para formular perguntas aos entrevistados, protegendo a imagem das Forças Armadas e do governo.

Intertextualidade

O uso da declaração indireta do chefe da Polícia Civil, Álvaro Lins, dizendo que a *"ação dos bandidos significa que o tráfico está sem armamento"*, mostra, por parte do jornal, a tendência em justificar o roubo porque a polícia está desarmando os bandidos. A escolha dessa declaração na matéria, aliada à ausência de questionamento em relação ao papel das Forças Armadas, mostra que o jornal concorda com a postura da polícia e, ao mesmo tempo, produz um discurso favorável ao governo.

Interdiscursividade

Na abertura do *lead "Enquanto o governo do estado pede apoio dos militares para atuar na segurança pública do Rio, as Forças Armadas voltam a se tornar alvo de bandidos"*, o jornal, por meio do discurso bélico, relaciona o episódio do roubo à tentativa de o governo do estado colocar o exército nas ruas para conter a criminalidade. O trecho é polissêmico, levando o leitor a uma multiplicidade de sentidos, desde o questionamento da organização das Forças Armadas até o poderio dos bandidos, um ponto positivo no texto, bem no início do *lead*, característica pouco usual na mídia impressa. Apesar de no início do texto o

discurso ser mais contextualizado, no decorrer da matéria as informações tornam-se meros relatos do fato, sem explicações profundas.

Conclusão da notícia 4

A matéria escrita a partir da estrutura do *lead* cumpre bem o papel de informar o leitor sobre o fato. Ambos os textos mostram detalhes do roubo e a posição dos ladrões e soldados da Aeronáutica, além de mencionar a ocorrência do blecaute e o uso da lanterna por parte dos bandidos. Nesse aspecto, a estrutura do *lead* facilita a leitura, embora não aprofunde os motivos e possibilidades que estão levando os bandidos a desafiarem uma estrutura aos moldes das Forças Armadas. O fato de a resposta ao *por que* não estar clara indica a tendência de ambos os jornais em não apresentar uma visão crítica do fato ao leitor.

Os dois textos relatam bem o fato em si, com infográficos e *boxes* mostrando os mais recentes roubos de armas. Porém, não relacionam o roubo ao papel das Forças Armadas no Brasil, ao poderio dos traficantes e à corrupção na corporação. Somente o texto do jornal ***O Globo***, no início, vincula o roubo à intenção do governo em usar o exército para combater o crime. Isto indica uma tentativa de manter um discurso mais polissêmico em relação ao da ***Folha de S. Paulo***. Nesse sentido, o silêncio, as lacunas de ambos os textos mostram a proteção das empresas jornalísticas às Forças Armadas, mantendo, dessa forma, a relação de poder por parte do Estado, o que configura uma manifestação ideológica, segundo Thompson, no item 3.

5.5 Notícia 5 – *Folha de S. Paulo* – Anexo I

Título: **Corpo é levado em carrinho de mercado.**

RIO *Pai diz que teve de transportar cadáver do filho de 14 anos porque a polícia não subiria o morro; policiais vêem armação de traficante.*

Na abertura da matéria o repórter já relaciona o problema ao tráfico de drogas antes do *lead*. "*A guerra do tráfico no Rio produziu ontem mais uma imagem de barbárie*". *Quem?* O menino Célio Reis Timóteo. *O que?* Foi assassinado e teve o seu corpo levado em um carrinho de supermercado até o pé do morro. *Como?* Com tiros de fuzil. *Onde?* No morro do Zinco (zona central). *Quando?* Ontem. *Por que?* A resposta ao *por que* aparece no terceiro parágrafo do texto: porque o pai sabia que a polícia não subiria ao local de madrugada.

Não-dito

A matéria não expõe, em nenhum momento, o aliciamento de adolescentes pelos traficantes, uma das causas da violência que atinge os jovens nos morros do Rio de Janeiro e não destaca com veemência o poder dos traficantes que impedem o acesso da polícia ao local durante a madrugada. Sem a evidência dessas condições, que estão por trás da morte do garoto, o texto não cumpre seu papel de proporcionar uma visão mais crítica e ampla ao leitor, atendo-se apenas às respostas ao *lead*, deixando de contextualizar a matéria, a exemplo do que cita Genro no item 4.1.

Intertextualidade

O uso da afirmação do pai do garoto de que teve que carregar, em companhia de um outro filho, de oito anos, o corpo de Célio porque *"sabia que a polícia não subiria no local de madrugada"*, por se tratar de uma área de risco, produz o sentido de que o morro está sob controle do tráfico e nem mesmo a polícia, cujo papel é combater a violência, pode entrar na área. A frase remete à formação discursiva atual de desmoralização da polícia.

unesp

Na frase seguinte, o jornal diz que a *"polícia civil suspeita, no entanto, que o corpo tenha sido carregado por traficantes do morro do Zinco, que teriam orientado Timóteo a contar outra versão"*, expõe a versão policial do fato, e produz uma significação de que a polícia não quer associar sua imagem ao temor e ao despreparo para subir nas áreas de risco do morro.

Na passagem do texto *"Assessoria de imprensa da Secretaria de Segurança Pública do Rio confirmou que a orientação é que, em casos como este, os peritos e os bombeiros da Defesa Civil entrem em áreas de conflito protegidos pela Polícia Militar"*, o jornal mostra a preocupação de enfatizar a razão das autoridades.

Interdiscursividade

O título da matéria *"Corpo é levado em carrinho de mercado"* evoca o discurso capitalista-mercadológico e produz o sentido de que o corpo é tratado na condição de mera mercadoria. Nesse caso, o discurso do jornal evidencia a situação alarmante e preocupante da violência no Rio de Janeiro em razão do poderio dos traficantes, a ponto de impedir um pai de velar com dignidade o corpo do filho.

Notícia 5 – *O Globo* – Anexo J

Título: **Mais um corpo num carrinho.**

Sem ajuda da polícia e dos bombeiros, pai retira sozinho cadáver do filho de favela.

Antes de construir o *lead* da matéria, o jornal retoma o caso de um corpo carregado em um carrinho de mão recentemente, indicando que a cena já está se tornando comum no Rio de Janeiro, permitindo maior contextualização do fato ao leitor. Também fala sobre a guerra do tráfico que dura mais de seis meses, um ponto positivo na matéria.

unesp

Em seguida, o autor da matéria começa o *lead. Quem?* O biscateiro Alfredo Timóteo. *O que?* Levou o cadáver do filho de 14 anos. *Como?* Em um carrinho de supermercado. *Onde?* Até uma das entradas do complexo penitenciário, na Frei Caneca. *Quando?* Na madrugada de ontem, por volta de 2 h 30 min. *Por que?* Porque não conseguiu ajuda da polícia para transportar.

Não-dito

A exemplo da matéria da ***Folha de S. Paulo***, a matéria de ***O Globo*** não menciona explicitamente as causas primárias que culminam com a necessidade de um pai ser obrigado a levar o corpo do filho em um carrinho de mercado, dentre elas, o despreparo da polícia mediante o poderio dos traficantes no morro. O texto fala do pedido de permissão aos traficantes para apanhar o carrinho, embora não explore o fato. O envolvimento de adolescentes com o tráfico também não é colocado em evidência.

Intertextualidade

O trecho do 2º. parágrafo *"Desesperado, ele contou ter retornado ao lugar do crime, pedido permissão ao chefe do tráfico local, Irapuan David Lopes, o Gangan, e descido com o cadáver do filho"* é uma das poucas passagens na qual o jornal mostra o controle que os traficantes exercem no morro.

Interdiscursividade

O título *"Mais um corpo num carrinho"* remete ao discurso mercantilista. O uso da palavra *"mais"* indica que a cena vem se repetindo no Rio de Janeiro. A exemplo do título da ***Folha de S. Paulo***, o jornal ***O Globo*** optou por evidenciar o substantivo carrinho por ser algo impactante e para chamar a atenção sobre o problema da violência no Rio de Janeiro.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

A matéria que compõe a página com o título *"A banalização do desrespeito aos mortos"* é um ponto positivo na cobertura de ***O Globo***, pois leva o leitor a ampliar a associação de idéias a respeito do tema da morte, chamando a atenção para a situação de violência no Rio. Essa matéria é um exemplo da contextualização da notícia, no caso, a respeito do aspecto da morte, que deveria ser um padrão na imprensa brasileira.

Conclusão da notícia 5

Ambas as matérias, estruturadas com o *lead*, relatam bem o fato, confrontando a versão da polícia e do pai da vítima. No entanto, a matéria de ***O Globo*** contextualiza melhor o problema ao introduzir no início um histórico dos corpos carregados em carrinho, e, dessa forma, fugir um pouco da fórmula tradicional do *lead*. A cobertura também traz matéria mostrando a fundo a simbologia da morte e os ritos de preservação dos cadáveres ao longo do tempo, evidenciando, assim, a barbárie que ocorre no Rio de Janeiro.

Porém, em ambos os discursos, faltou atenção maior ao poderio dos traficantes nos morros a ponto de inibir o trabalho da polícia, o que significa a existência de um poder paralelo ao Estado, através do qual os criminosos aliciam adolescentes e têm ascensão sobre a polícia. Caberia, neste sentido, questionar o que o Estado vem fazendo para conter este poderio e evitar o envolvimento dos adolescentes nos crimes.

A ausência desses questionamentos no texto mostra a limitação da matéria ao acontecimento factual e a tendência dos jornais em concordar com a posição dos Aparelhos Repressores do Estado, no caso a polícia, no sentido de usar a repressão para combater o problema, esquecendo as razões sócio-econômicas que envolvem o fato. A estrutura da matéria mostra mais uma vez que o *lead* dá margens a uma informação trivial e com lacunas ideológicas, sem promover uma comunicação de cunho voltado ao esclarecimento e reflexão.

unesp

5.6 Notícia 6 – *Folha de S. Paulo* – Anexo K

Título: **Marcha pró-aborto reúne multidão nos EUA.**

Sociedade *Evento se torna ato contrário à política de Bush sobre tema; entre 500 mil e 750 mil participaram, segundo organizadores.*

A matéria começa já respondendo às perguntas do *lead*. *Quem?* Entre 500 mil e 750 mil pessoas. *O que?* Participaram de uma marcha pró-aborto. *Quando?* Ontem. *Onde?* Em Washington. *Por que?* Em defesa dos direitos das mulheres. A resposta ao *como* fica subentendida como sendo a marcha.

Não-dito

A matéria não mostra o motivo que leva as pessoas a serem a favor ou contra o aborto, apesar de o tema da cobertura ser a marcha pró-aborto. Essa característica do texto confirma a limitação das matérias factuais que não apresentam uma visão mais contextualizada ao leitor sobre os fatos, a exemplo do que coloca Genro Filho no item 4.1.

Intertextualidade

A passagem do texto *"Bando de pecadores. Assassinos de crianças inocentes. Pervertidos sem alma, gritava Bill Collins, do Estado de Marylnd"*, o discurso do jornal mostra os argumentos dos religiosos contrários ao aborto. No relato de uma das entrevistadas "*Fiz dois abortos e não me arrependo. Jamais teria terminado a faculdade se tivesse sido mãe tão cedo"* o jornal mostra argumentos de quem é favor da causa, dando ênfase a um equilíbrio de ponto de vistas na matéria, apesar de não aprofundar os motivos das causas favoráveis e contrárias.

Interdiscursividade

A frase *"Bando de pecadores. Assassinos de crianças inocentes. Pervertidos sem alma, gritava Bill Collins, do Estado de Marylnd,* citada anteriormente, também evoca o discurso religioso de combate ao aborto.

O trecho *"Bush é contra o aborto, assinou recentemente lei proibindo a prática para alguns casos (alegando razões médicas) e, em seu primeiro dia como presidente, cortou verbas públicas dos EUA para grupos no exterior que executam ou defendem o procedimento"* mostra o discurso autoritário de Bush em mudar a lei já no primeiro dia de mandato.

Notícia 6 – *O Globo* – Anexo L

Título: **Mais uma guerra para Bush.**

Marcha pró-aborto reúne centenas de milhares em Washington e vira ato político.

A matéria de ***O Globo*** também começa com *lead* simples. *O que?* Uma gigantesca manifestação. *Quando?* Ontem. *Onde?* No centro da capital americana. *Por que?* Pelo direito ao aborto. *Como?* Num protesto. A resposta ao *quem* aparece no segundo parágrafo. *Quem?* Centenas de milhares de pessoas.

Não-dito

A exemplo da matéria da ***Folha***, o texto de ***O Globo*** não menciona a fundo porque as pessoas são contra ou a favor do aborto, ampliando o debate sobre o tema, apesar de explicar os motivos políticos pelos quais Bush é contra. Essa característica do texto mais uma vez mostra a falta de profundidade das matérias escritas sob a fórmula do *lead*, um tipo de

elaboração textual hoje mais vinculada à *Internet* e à televisão pelo fato de prender-se basicamente aos relatos dos acontecimentos.

Intertextualidade

No trecho *"Qualquer mulher que vier marchar hoje e não registrar seu voto estará perdendo o seu tempo e o nosso", disse Hillary,* o discurso do jornal deixa clara a associação entre a marcha e a campanha da corrida presidencial.

A passagem *"O presidente Bush tem trabalhado para dizer vamos trabalhar para valorizar a vida, reduzir o número de abortos e incentivar adoções"* produz sentido de um discurso religioso e mostra a contradição na política de Bush, a qual prima pela vida e, ao mesmo tempo, fomenta a guerra.

Interdiscursividade

O título da matéria *"Mais uma guerra para Bush",* evoca o discurso bélico, e mostra que o jornal quer reforçar a associação de Bush à guerra, lembrando do confronto com o Iraque.

O trecho *"centenas de milhares de pessoas (na maioria mulheres) que questionaram a decisão de Bush de impedir o financiamento de programas de planejamento familiar que admitam o aborto, nos EUA e em outros países"* evoca o discurso autoritário por parte do presidente.

Conclusão da Notícia 6

Ambas as matérias mostram bem o evento e o uso político que se faz dele. No entanto, os jornais exploram pouco o aborto, o principal motivo da matéria. Os jornais atêm-se a relatar o evento e mostrar o cunho político dele, porém não colocam informações a respeito

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

do aborto, a ponto de contribuir para o leitor ter uma visão mais contextualizada do principal tema da matéria, constituindo o texto de lacunas. Os vazios da notícia são deixados na matéria em razão da limitação da estrutura do *lead,* a exemplo do que coloca o autor Genro Filho no item 4.1.

5.7 Notícia 7 – *Folha de S. Paulo* – Anexo M

Título: **Aluna mata colega a facadas em escola.**

Distrito Federal Vítima tinha 17 anos.

A matéria começa com a informação da morte. *Quem?* Uma menina de 16 anos. *O que?* Matou uma colega de 17. *Como?* Com uma faca. *Quando?* Ontem. *Onde?* Dentro de uma escola pública de Planaltina, Distrito Federal. *Por que?* Porque havia brigado com a vítima.

Não-dito

Por ser um simples relato do fato, a matéria não menciona os fatores emocionais do ser humano envolvido no assassinato. Também não questiona o fato de a morte ter acontecido na escola. A falta de profundidade e o silêncio da matéria, além do curto espaço para o texto na página, mostram que o jornal não quer entrar na discussão da situação atual do ensino público e da falta de segurança nas escolas porque esses questionamentos mexem com as relações de poder. A expressão de vazios na notícia é uma forma de manifestação da ideologia e contribui para manter as relações de dominação, a exemplo do que diz Thompson no item 3.

unesp

Intertextualidade

No trecho *"C., diz o delegado, tentou impedir a entrada do casal e, durante a celebração, continuou a molestar F."* o jornal deixa claro, por meio da afirmação do delegado, a intriga existente entre as jovens.

Na passagem do texto *"A pena de correção prevista nesse caso é de três anos"*, o jornal coloca em evidência as estratégias repressoras usadas pelo Estado para penalizar os adolescentes que cometem crimes, sem que haja um trabalho de recuperação. No entanto, como essa assertiva não está explícita, não é possível afirmar que todos os leitores chegarão a esta conclusão, porque o jornal não abre esse debate no texto, no sentido de ampliar a visão sobre as causas e conseqüências dos fatos.

Interdiscursividade

O trecho *"Quando C. estava perto do banheiro, a agressora chamou sua atenção e enfiou a faca na barriga da jovem"*, evoca o discurso bélico e mostra a facilidade com que a agressora teve de golpear a vítima.

Notícia 7 – *O Globo* – Anexo N

Título: **Aluna de 16 anos mata colega por vingança.**

Na delegacia, agressora disse que não se arrepende e que resolveu cometer o crime por ter sido barrada em festa.

A matéria começa com o *lead* simples, mas já anuncia, no começo, que a vingança foi o motivo do crime, passando uma informação mais completa ao leitor. *Por que?* Por vingança. *Quem?* Uma estudante de 16 anos. *O que?* Matou uma colega de 17. *Quando?*

Ontem de manhã. *Como?* A facadas. *Onde?* Na escola pública Stela dos Cherubins, em Planaltina.

Não-dito

A matéria não menciona a opinião de um especialista ou profissional da área psicológica ou médica para ampliar a visão do leitor a respeito do comportamento humano. Produz um sentido monossêmico ao prender-se ao relato do fato. A exemplo do texto da ***Folha de S. Paulo***, não aprofunda o questionamento sobre a falta de segurança nas escolas.

Intertextualidade

A passagem do texto *"Ela contou que botou na mochila, no meio dos livros, uma faca de lâmina grande, dessas que a gente vê nos açougues. Esse é um caso totalmente anormal. É uma barbaridade, disse o delegado"*, a matéria produz o sentido de que o caso foge aos padrões dos crimes envolvendo adolescentes, um motivo a mais para o jornal aprofundar o tema, apesar de isso não ter ocorrido.

O trecho da matéria atribuído à adolescente *"Não me arrependi do que fiz, mesmo sabendo que poderei passar três anos no Caje (Centro de reclusão para menores em Brasília)"* o discurso do jornal mostra o instinto violento dos jovens e o destemor quanto à pena.

A entrevista do diretor do colégio *"Vamos trabalhar com os professores e alunos para discutir a violência na escola e nas nossas vidas"* o jornal evidencia o quanto o tema da violência não é tratado de maneira preventiva. O debate é tratado pela sociedade, e também na imprensa, somente quando ocorrem fatos concretos. Não se discutem formas de evitar a violência.

Interdiscursividade

Na passagem do texto *"A garota foi assassinada no intervalo da aula, quando ia ao banheiro"*, mais uma vez se evoca o discurso bélico e a facilidade dos alunos em usar armas nos colégios. Apesar da informação estar na matéria, o jornal não optou por aprofundar os questionamentos a respeito de por que os alunos freqüentam as aulas armados.

Conclusão da notícia 7

As duas matérias respondem às perguntas do *lead*, mas se prendem aos relatos dos fatos e não avançam no questionamento do comportamento humano que desencadeou o crime com declarações de psicólogos e especialistas. A matéria de ***O Globo*** é mais completa do ponto de vista informativo, pois amplia a visão do leitor ao mostrar mais detalhes sobre o fato e apresenta o funcionamento do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). A omissão de informações nas matérias pode ser considerada ideológica em razão da presença de lacunas no texto. A falta de questionamento nas notícias evidencia que os jornais não querem colocar em xeque a estrutura de poder da sociedade, responsável pela falta de investimentos no ensino a ponto de permitir a entrada de alunos armados nas escolas.

As fotos publicadas nos dois jornais corroboram um aspecto sensacionalista das matérias, pois além dos textos não se aprofundarem nos motivos que estão por trás do acontecimento, as imagens mostram cenas de dor, nos dois jornais, e uma foto da adolescente, em ***O Globo.***

5.8 Notícia 8 – *Folha de S. Paulo* – Anexo O

Título: **Argentina anuncia veto "virtual" à carne.**

Vaca doente *País suspende importações do produto brasileiro, mas Ministério da Agricultura diz que embargo acaba hoje.*

A matéria começa de forma direta e responde de início às perguntas do *lead. Quem?* O governo argentino. *O que?* Suspendeu as importações de carne brasileira de animais suscetíveis à febre aftosa. *Quando?* Ontem. *Por que?* Por causa do foco da doença encontrado. *Onde?* Em Monte Alegre, no Pará. A resposta ao *como* está subentendida.

Não-dito

A causa do embargo, o foco da aftosa no Pará, é pouco explorada na matéria. Subentende-se que seja em razão da falta de vacinação no gado. Dessa forma, o leitor fica sem referencial para saber a origem do problema, apesar de as perguntas do *lead* terem sido respondidas. Essa falta de explicação no texto, dando a sensação de incompletude, mostra a manifestação da ideologia na linguagem, a exemplo do que já referimos em matérias anteriores.

Intertextualidade

No trecho da matéria *"As autoridades sanitárias argentinas informaram que a medida extrema foi adotada por causa da falta de iniciativa do governo brasileiro em informar o parceiro sobre a dimensão do problema detectado e as medidas adotadas para combater o foco"*, o jornal produz um sentido de repreensão ao governo brasileiro. Também evidencia uma falta de seriedade por parte do Brasil em verificar as conseqüências do foco.

O parágrafo *"Antes mesmo de começar a valer a restrição do parceiro comercial, o governo brasileiro divulgou uma nota no fim da tarde de ontem em que anunciava que já havia feito contatos para normalizar o comércio tanto com a Argentina quanto com a*

Rússia", indica que o governo brasileiro quer abafar o problema e tirar a seriedade dele para não prejudicar sua própria imagem e a imagem comercial do país.

No trecho do texto *"Segundo a **Folha** apurou, técnicos do Ministério da Agricultura desconfiam que a medida é uma tentativa de prejudicar as exportações brasileiras para que a Argentina ganhe esses mercados",* a ***Folha*** deixa claro que não quer comprometer o governo brasileiro e evidencia que o problema é de guerra comercial.

Em outro trecho *"O governo brasileiro combateu os dois argumentos do vizinho: risco que o foco representa para o gado argentino e a falta de comunicação. O foco do Pará foi identificado a mais de 4.000 quilômetros da fronteira com a Argentina. Os especialistas do Ministério da Agricultura afirmam que não há razões técnicas para o embargo. Segundo eles, o foco da doença está isolado das zonas exportadoras",* o jornal, mais uma vez, deixa evidente a posição do governo brasileiro de que não há riscos.

Interdiscursividade

O uso da palavra *virtual* no título evoca um discurso tecnocêntrico e mostra que a *Folha* pretende enfatizar que o embargo não é para valer, não é real. Esse tipo de construção é adotada porque o jornal concorda com a posição do governo brasileiro e enfatiza o fato na matéria.

Na passagem do texto *"A Argentina não é um importador importante da carne brasileira. O vizinho compra principalmente carne de porco, único produto afetado pela proibição"*, traz vestígios do discurso econômico. O jornal enfatiza que a barreira argentina não tem tanto impacto no mercado brasileiro, um discurso que, mais uma vez, defende o governo brasileiro.

unesp

Notícia 8 – *O Globo* **–** Anexo P

Título: **Argentina veta carne brasileira.**

País alega caso de aftosa em estado que não exporta para suspender todas as importações.

Antes de iniciar o *lead*, a matéria de ***O Globo*** faz uma associação de idéias com o fato de o governo argentino não ter importado carne, um ponto positivo que oferece melhor visão de conjunto ao leitor.

Quem? O governo da Argentina. *Quando?* Ontem. *O que?* Suspendeu a importação de carne brasileira. *Por que?* Em conseqüência da descoberta de um foco de febre aftosa. *Onde?* No rebanho do Pará. *Como?* A resposta fica subentendida como embargo.

Não-dito

O jornal aprofunda mais a problemática da aftosa no Brasil e abre uma retranca para falar da epidemia; no entanto, não menciona o motivo que fez com que o foco aparecesse no Pará, a exemplo do que fez a ***Folha de S. Paulo***. A opção de não aprofundar a temática da presença do foco mostra o desinteresse do jornal em fazer matéria contextualizada.

Intertextualidade

O olho da matéria *"País alega caso de aftosa em estado que não exporta para suspender todas as importações"* indica um certo protecionismo do jornal ao governo brasileiro, principalmente no trecho *"estado que não exporta"*.

O início do trecho *"De acordo com comunicado divulgado pelo Senasa, a duração da suspensão dependerá das medidas sanitárias e das investigações epidemiológicas a serem*

conduzidas pelo Brasil" mostra o tratamento sério que o governo argentino está dando ao problema, em contrapartida à despreocupação do governo brasileiro.

Na passagem *"Mas o Ministério da Agricultura brasileiro divulgou uma nota, no início da noite de ontem, dizendo que a Argentina deve suspender o embargo hoje mesmo. A nota atribui essa informação ao secretário da Agricultura argentino, Miguel Campos*", o jornal evidencia o esforço do Brasil em diminuir a importância do fato, usando declarações do próprio governo argentino. De certa forma, um discurso que contradiz a própria postura do governo argentino.

A afirmação *"O ministro da Agricultura, Roberto Rodrigues, que está acompanhando o presidente Lula em Nova York, disse ontem ter recebido uma ligação de assessores informando que a Rússia, que suspendera as importações semana passada, já estaria acabando com o embargo",* mostra a posição do jornal em enfatizar a postura do governo brasileiro de que não haverá prejuízos comerciais. O periódico destaca a informação pelo fato de concordar com a posição governamental. O uso do verbo *estaria* indica, entretanto, que o jornal não quer se comprometer com a informação.

Interdiscursividade

O trecho *"A Argentina importa uma quantidade pequena de carne bovina brasileira, mas isso poderia prejudicar as exportações de carne suína"* evoca o discurso econômico. O uso do verbo *poderia* mostra que o jornal não quer se comprometer com a afirmação de que o embargo pode prejudicar o Brasil, defendendo, assim, o governo brasileiro.

Conclusão da notícia 8

As duas matérias trabalham bem o *lead* e respondem a todas as perguntas, porém não mostram as causas do foco, evidenciando uma posição ideológica de ocultamento da

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

realidade. Ao não mostrar os motivos que culminaram com o surgimento do foco, os jornais deixam de questionar a eficiência do trabalho sanitário do governo brasileiro. As matérias atêm-se à disputa verbal entre os governos do Brasil e da Argentina, primando pela defesa do Brasil. Uma das hipóteses para explicar a abordagem do texto é a necessidade de proteção ao setor e proprietários de agronegócios do Brasil, para evitar um possível impacto comercial na economia brasileira, afinada aos interesses da imprensa que depende de anúncios.

O discurso de ***O Globo*** cumpre melhor o papel informativo por sair do simples relato do acontecimento factual e mostrar a situação da epidemia de aftosa no Brasil. O infográfico que leva ao leitor as manifestações da febre aftosa é um ponto positivo na matéria da ***Folha***.

5.9 Notícia 9 – *Folha de S. Paulo* – Anexo Q

Título: **PT pune 12 por voto contra mínimo.**

PT x PT *Nove deputados e três senadores estão impedidos de representar bancada e partido.*

A matéria começa respondendo às perguntas do *lead. Quem?* A Executiva Nacional do PT. *O que?* Decidiu punir os nove deputados e três senadores do partido. *Quando?* Ontem. *Onde?* Em São Paulo. *Por que?* Votaram contra o salário mínimo de R$ 260,00. A resposta ao *como* está implícita na resposta ao *por que*: por meio de uma votação.

Não-dito

O não-dito manifesta-se na matéria porque o texto não explica as justificativas que levaram os nove deputados a votar contra o salário mínimo. A matéria resume-se a mostrar a

atitude punitiva do PT aos deputados, porém não contextualiza o fato que originou a polêmica no partido, que é o salário.

Intertextualidade

Na declaração do deputado Chico Alencar *"A resolução é inusitada: pela primeira vez na história, um partido popular, de viés socialista, reprova quem defendeu um salário um pouco maior para quem menos ganha"*, o discurso do jornal evidencia a contradição ideológica do PT, partido que na condição de oposição defendia as classes populares, mas agora no poder acabou mudando a conduta.

No trecho ainda atribuído ao deputado *"para quem o governo Lula trata a bancada como '**meros apertadores de botão**'"*, o jornal enfatiza o desprezo do PT para com a ala de deputados contrários à política adotada pelo partido.

Ainda a passagem "*Somos os primeiros a querer um novo pacto de relacionamento com o partido e com o governo, pois os canais andam entupidos e as decisões mais importantes do Executivo são acatadas muito mais pelo disciplinamento"* mostra o autoritarismo do PT perante os deputados.

As entrevistas selecionadas pelo repórter mostram que o jornal, ao mesmo tempo, é a favor da postura radical do PT e também quer enfatizar a ambigüidade política do partido no passado e no presente.

Interdiscursividade

O uso do verbo *punir* no título da matéria e no texto evoca o discurso da repressão, e deixa clara a intenção da ***Folha de S. Paulo*** em mostrar o autoritarismo do PT aos leitores. O jornal faz escolhas lexicais para evidenciar o lado repressor do PT porque concorda com a

atitude do partido em relação aos deputados, mostrando um comportamento ambíguo, porém pautado em interesses particulares.

Notícia 9 – *O Globo* – Anexo R

Título: **PT dá punição branda a rebeldes do mínimo.**

Executiva nacional evita expulsão e decide que parlamentares não poderão representar partido no Congresso.

Quem? A Executiva Nacional do PT. *O que?* Puniu de forma branda, mas por tempo indeterminado, os nove deputados e três senadores do partido. *Quando?* Ontem. *Como?* Por meio de uma resolução. *Por que?* Porque eles voltaram contra o salário-mínimo de R$ 260,00. *Onde?* O local não aparece no texto.

Não-dito

A exemplo do texto da ***Folha de S. Paulo***, a matéria de ***O Globo*** não menciona os motivos pelo qual os deputados do PT votaram contra o salário-mínimo proposto pelo governo. O leitor, que não vinha acompanhado o caso, fica desprovido da informação completa e sem saber as origens do conflito.

Intertextualidade

No relato do presidente do PT, José Genoino, "*Queremos repactuar com os parlamentares. O caso foi de indisciplina, mas não de ruptura. O laço existe e nós não queremos esgarçar a fita*", ***O Globo*** evidencia a pretensão do PT em dialogar com os deputados, mas também enfatiza o autoritarismo do partido pelo caso ter sido classificado como indisciplina.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Interdiscursividade

O uso da palavra *branda* no título da matéria traz vestígios do discurso de moderação e mostra que o jornal classificou a atitude do partido como leve. Ao mesmo tempo, o uso do termo *rebeldes do mínimo* evoca o discurso revolucionário, e evidencia que o jornal considera os políticos revoltados e merecedores de um castigo maior do que o proposto.

Conclusão da notícia 9

Ambos os jornais destacam a ação punitiva do PT pelo fato de concordarem com a atitude do partido e serem contra um maior valor do salário mínimo. Ao mesmo tempo, ressaltam, por meios das entrevistas dos parlamentares, o comportamento político ambíguo do PT, pelo fato de não serem tão simpáticos ao partido. Nesse sentido, os jornais usam de sua posição para fazer valer o poder do PT a favor da manutenção do mínimo. Aí reside a postura ideológica a favor da manutenção das relações de dominação, como coloca Thompson no item 3. As matérias, ao mesmo tempo, mostram outro sentido da ideologia, que são as lacunas, o silêncio, por não abordarem os motivos que levaram os deputados e senadores a terem votado contra o salário mínimo, evidenciando as implicações econômicas e políticas da medida. Dessa forma, os textos não contextualizam a notícia para o leitor formar uma opinião mais profunda sobre o tema.

5.10 Notícia 10 – *Folha de S. Paulo* – Anexo S

Título: **Oviedo volta, jura inocência e é preso.**

América Latina *Paraguai detém o ex-general após seu anunciado retorno ao país, onde é acusado de golpismo e assassinato.*

A matéria é estrutura com o *lead* do tipo condensado. *Quem?* O ex-general Lino Oviedo. *O que?* Voltou ao Paraguai. *Quando?* Ontem. As respostas do *como* e do *onde* estão implícitas no texto. Ele voltou de avião e chegou a Assunção. O *por que* não é respondido no primeiro parágrafo.

Não-dito

A ausência de uma resposta ao *por que* do *lead,* para explicar quais as intenções do ex-general ao voltar para o Paraguai, evidencia a presença do não-dito no texto. Uma das possíveis respostas ao *por que* aparece no 5º. parágrafo do texto, em que Oviedo revela a intenção de ser presidente do país. Essa característica do texto volta a mostrar que as matérias estruturadas pela fórmula do *lead* não trazem à tona o que está por trás dos fatos, pela falta de contextualização, e a tendência em centrar o texto no imediatismo.

Intertextualidade

No trecho da matéria *"Se o homem pisar no Paraguai, será presidente",* o jornal mostra a efervescência política em torno do ex-general formada pelos partidários e confirma a intenção do ex-general em ser presidente, apesar de não responder à questão no próprio *lead.*

Interdiscursividade

Na abertura da matéria, o trecho *"Sob um forte esquema de segurança e marketing",* o jornal evoca o discurso bélico e publicitário, e o repórter enfatiza que a volta do ex-general ao Paraguai está norteada pela promoção política, deixando clara uma posição de desprezo pela atitude que não é vista como uma simples rendição para cumprir uma pena.

Na passagem do texto na qual o repórter mostra um humorista entregando ao ex-general o troféu *"Cagada da Semana"* o jornal apresenta um discurso irônico questionando

como uma pessoa que quer ser presidente se entrega à polícia do país e desprezando o vizinho sul-americano.

Notícia 10 – *O Globo* – Anexo T

Título: **Oviedo é preso ao voltar ao Paraguai.**

Governo isola área em torno do aeroporto para evitar manifestação de apoio.

A matéria começa respondendo às perguntas do *lead*. *Quem?* O ex-general Lino Oviedo. *O que?* Foi preso. *Quando?* Ontem. *Onde?* Em Assunção. As respostas ao *como* e ao *por que* estão implícitas. O general foi preso pela polícia porque resolveu voltar ao Paraguai, onde foi condenado pela justiça.

Não-dito

A exemplo da matéria da ***Folha de S. Paulo,*** o não-dito aparece no texto porque não é explicitada qual a intenção de Oviedo em voltar ao Paraguai. Ele pretende ficar preso? Aplicar um golpe? Essas questões não são respondidas e cabe ao leitor chegar a uma conclusão pessoal conforme as informações que tem a respeito do assunto, o que faz do texto algo incompleto.

Intertextualidade

Na entrevista de Oviedo *"Confio no país. Temos novas administrações jurídicas e políticas, e um presidente eleito democraticamente"*, o discurso de ***O Globo*** mostra que as pretensões políticas do ex-general são democráticas, apesar de seu passado político.

Interdiscursividade

No trecho *"Com 61 anos, o ex-general deverá cumprir pena por tentativa de golpe de Estado contra o presidente Juan Carlos Wasmosy, em 1996*", o jornal evoca o discurso jurídico e mostra incertezas em relação às pretensões do ex-general ao usar o verbo *deverá.*

Conclusão da notícia 10

A falta de resposta ao *por que* em ambas as matérias mostra que os dois jornais não quiseram revelar as reais intenções políticas de Oviedo. Uma das hipóteses para se entender os motivos do silêncio manifestado pelo texto é a possibilidade de a volta do general desestabilizar o Paraguai e atingir o Brasil. Os jornais não exploram essa situação. Na matéria da ***Folha de S. Paulo***, que dá maior destaque ao fato em relação ao ***O Globo***, há outras duas retrancas compondo a página. Uma delas trata-se de matéria opinativa sobre o fato, a qual vincula a postura de Oviedo às figuras de Perón, na Argentina, e Fidel Castro, em Cuba, produzindo um sentindo de autoritarismo desses governantes. A outra retranca trata da repercussão, no próprio país, da volta do ex-general. São dois pontos positivos na matéria da ***Folha***, apesar das lacunas deixadas e da falta de relação do fato com as repercussões possíveis no Brasil, onde Oviedo estava vivendo exilado. Dessa forma, a matéria perde a essência do fato.

unesp

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS / RECOMENDAÇÕES

Em uma era mutante, na qual os avanços tecnológicos determinam o rumo dos trilhos percorridos pelo planeta, o jornalismo sofre uma crise de sentidos. De um lado, computadores cada vez mais velozes permitem que as apurações de matérias feitas, em sua maior parte, às pressas, tomem formas em um curto espaço de tempo para chegar aos leitores dos jornais impressos no dia seguinte. A agilidade é uma engrenagem importante no contexto da indústria da comunicação, mas também é um fator determinante para o empobrecimento da linguagem e da mensagem a ser comunicada.

E para aliar a agilidade e a linguagem foi criada a estrutura do *lead*, uma técnica redacional com origem na Grécia antiga que se tornou um epicentro dos textos jornalísticos a partir do século XX. Embora tenha cumprido bem seu papel em um certo período da história, na qual o jornal-empresa e a televisão necessitavam de um modelo de texto que não levasse à extrapolação do tempo disponível para produzir e transmitir as informações, hoje as seis perguntas do *lead* não são suficientes para dar conta dos fatos retratados em jornais impressos. O *lead* ainda é usado para modelar as notícias transmitidas pela *Internet,* rádio e televisão, veículos com produções submetidas à velocidade do tempo. No entanto, para os jornais tornou-se um elemento não-condizente com o atual contexto da sociedade, que valoriza o conhecimento, porque faz com que os textos tornem-se semelhantes aos produzidos no dia anterior pelos demais meios de comunicação eletrônicos, sem oferecer ao leitor uma abordagem diferenciada e mais profunda da notícia. Por meio do *lead*, os discursos dos jornais impressos atêm-se cada fez mais aos acontecimentos, sem se preocupar com a problemática envolvida no assunto. Isso pode comprometer a identidade dos jornais, fazendo com que os leitores deixem de ir às bancas, para saciar a sede de informações via televisão e *Internet.*

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 1 12 13 14 15 16 17 18

Nesse sentido, além de defender uma abordagem diferenciada para as matérias de jornais, nesta pesquisa sugerimos a necessidade de se aprofundar as notícias, introduzindo mais uma pergunta ao *lead*: Qual a causa? Ou seja, o que está por trás do fato, resgatando, dessa forma, os motivos sócio-históricos mais recentes que estão motivando dado acontecimento.

Toda matéria, além de responder às seis perguntas, traria no corpo do seu texto o que motivou determinado fato e, no final, no fechamento do texto, um apanhado para lembrar as origens do ocorrido, apresentando ao leitor uma visão mais ampla dos fatos.

Agregar mais uma pergunta ao *lead*, por mais simples que ela seja, exige reavaliação das condições de produção da notícia. Uma das barreiras visíveis nesse processo é a dificuldade de apenas um repórter ater-se na busca das informações factuais e fazer a contextualização, em razão da pressão do tempo. Em uma redação, o repórter tem um turno de trabalho de cinco a sete horas para apurar as matérias factuais e escrevê-las. A essa realidade aliam-se as dificuldades de se encontrar pessoas, tempo de espera para fazer as entrevistas e outros eventuais contratempos.

Para assegurar uma maior qualidade das matérias, uma das sugestões deste estudo seria criar a função de repórter-pesquisador no jornalismo, ao qual caberia fazer o levantamento histórico-social das matérias factuais, contextualizando o fato e sua essência, enquanto os demais jornalistas saem às ruas em busca das informações.

Essas propostas têm base no resultado das análises feitas, as quais mostram principalmente a presença de lacunas, não-ditos, nos textos. A preocupação em responder às perguntas do *lead* faz com que os jornalistas esqueçam de contextualizar o tema da matéria, prendendo-se apenas ao acontecimento factual, perdendo, dessa forma, a essência da notícia. Essa característica empobrece o texto.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Outra observação a ser feita é que nem todas as perguntas do *lead* são respondidas. Percebemos até mesmo que algumas respostas aparecem ao final do texto. E é justamente a falta das respostas e a incidência dos não-ditos uma das formas de expressão da ideologia na linguagem. Nesse sentido, notamos que a produção do discurso é controlada, organizada e redistribuída na sociedade, a exemplo do que coloca Foucault no item 2.2. A longo prazo, esses efeitos formam uma visão de mundo condicionada ao leitor, que se acostuma com a fragmentação da notícia.

A análise empreendida ainda revela que as respostas ao *lead* contidas no meio do texto e a falta de respostas às perguntas essenciais, a exemplo do *por que* e do *como*, mostram a ausência de questionamento por parte dos jornais no sentido de se aprofundar a notícia. Caso todas as perguntas fossem respondidas com ênfase no primeiro e no segundo parágrafos, a possibilidade de o leitor receber uma informação mais completa, sem lacunas ideológicas, seria maior.

A estrutura do *lead* favorece a presença do não-dito e, conseqüentemente, a manifestação da ideologia nos textos, frutos das relações de dominação da sociedade, a exemplo do que diz Thompson no item 3. A estrutura redacional que atende ao imediatismo da informação é uma forma de sugerir ao leitor que a cobertura dos fatos está sendo feita, e, ao mesmo tempo, esconder e velar as responsabilidades de autores, como o Estado, sob determinados fatos. A exemplo do repórter, que ao construir a matéria pode deixar de fazer questionamentos profundos sobre a notícia por estar condicionado a se prender às respostas do *lead* e a ter uma percepção parcial da realidade, como coloca Sousa no item 4, lançamos a hipótese de que há uma tendência entre os leitores de não se aterem aos questionamentos do assunto em pauta por já se darem por satisfeitos com as informações superficiais contidas na matéria.

unesp

Outro ponto revelado pelas análises foi a presença de lacunas especialmente em textos relacionados à estrutura de poder da sociedade, a exemplo dos temas envolvendo política e reforma agrária. Percebemos que ambos os jornais, tanto a ***Folha de S. Paulo*** quanto ***O Globo,*** não questionam as causas que estão por trás dos fatos das matérias. Para ilustrar, citamos o exemplo da matéria sobre a reforma agrária, na qual o presidente Lula faz o discurso repreendendo o MST. Os jornais mostram bem o acontecimento factual, porém não apresentam um parágrafo para lembrar ao leitor quais as dificuldades para se efetivar a reforma agrária, se há falta de vontade política ou se a postura do MST justifica-se. A partir desses dados, o leitor poderia chegar a uma conclusão pessoal sobre a posição de Lula e do próprio MST, avaliando o papel de cada um deles na atual realidade brasileira, com maior isenção. Com base nessa realidade, podemos concluir que a estrutura do *lead* favorece os jornais a afirmar suas posições ideológicas mediante as lacunas deixadas nos textos ou em face de algumas das respostas às seis perguntas estarem perdidas no meio da matéria ou incompletas, sem ênfase.

Na matéria da aluna morta a facadas na escola, os jornais nem sequer questionaram com veemência o problema da falta de segurança nos colégios, um dos fatos que contribuíram para o crime. Nas matérias de cunho internacional, sobre o aborto e o caso Oviedo, também percebemos falta de contextualização sobre os temas, perdendo-se, dessa forma, a essência da notícia para priorizar o acontecimento sem apresentar uma visão sócio-histórica.

Nesse sentido, concluímos que as notícias factuais construídas a partir do *lead* prendem-se ao imediatismo dos fatos e não oferecem ao leitor uma informação contextualizada, deixando lacunas no texto. Essa característica do jornalismo é estimulada pelas condições de produção e pelo ambiente capitalista no qual está inserida a imprensa brasileira.



REFERÊNCIAS

AGGEGE, S. PT dá punição branda a rebeldes do mínimo. **O Globo**, Rio de Janeiro, 29 jun. 2004. O País, p. 8.

ALTHUSSER, L. **Aparelhos ideológicos de estado**. 9. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2003.

ALUNA mata colega a facadas em escola. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 25 maio 2004. Cotidiano, p. C 1.

ARGENTINA anuncia veto "virtual" à carne. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 24 jun. 2004. Dinheiro, p. B 6.

AMARAL, L. **Jornalismo. Matéria de primeira página**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

_____.**Técnica de jornal e periódico**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1969.

ATHIAS, G.; CORRÊA, H. Reforma agrária não será no grito, diz Lula. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 3 abr. 2004. Brasil, p. A 5.

BAHIA, J. **Jornal, história e técnica.** São Paulo: Ibrasa, 1972.

BARBOSA, A. A. Oviedo é preso ao voltar ao Paraguai. **O Globo,** Rio de Janeiro, 30 de jun. 2004. O Mundo, p. 33.

BAKTHIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1992.

BELL, A.; GARRET, P. **Approaches to media discourse**. Oxford: Blackwell Publishers, 1998.

BERABA, M. Jornais, no mundo e no Brasil. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 6 jun. 2004. Seção Ombudsman. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ombudsma/om0606200401.htm>. Acesso em: 28 jan. 2005.

BOND, F. F. **Introdução ao jornalismo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Agir Editora, 1969.

BRÍGIDO, C. Aluna de 16 anos mata colega por vingança. **O Globo**, Rio de Janeiro, 25 maio 2004. O País, p. 2.

BRANDÃO, H. N. **Introdução à análise de discurso**. 2. ed. Campinas: Editora Unicamp, 1993.

_____ **Subjetividade, argumentação, polifonia**. São Paulo: Editora da UNESP, 1998.

BURNETT, L. **A Língua envergonhada**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1976.

unesp

CANZIAN, F. Marcha pró-aborto reúne multidão nos EUA. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 26 abr. 2004. Mundo, p. A 8.

CÁSSIA, C.; DUTRA, M. Paiol da aeronáutica invadido. **O Globo**, Rio de Janeiro, 4 maio 2004. Rio, p. 12.

COSTA, A. C. Mais um corpo num carrinho. **O Globo**, Rio de Janeiro, 25 maio 2004. Rio, p. 14.

CHAUÍ, M. **O que é ideologia.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

_____. **Media discourse.** New York: Oxford University Press, 1995.

FIQUEIREDO, J.; DOCA, G.; OLIVEIRA, E. Argentina veta carne brasileira. **O Globo**, Rio de Janeiro, 24 jun. 2004. Economia, p. 27.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

_____. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

FOWLER, R. **Language in the news: discourse and ideology in the press**. London: Routledge, 1994.

FONTCUBERTA, M. **Estructura de la noticia periodista**. Barcelona: Rigsa, 1981

FUCHS, C. As problemáticas enunciativas: esboço de uma apresentação histórica e crítica. Trad. de Letícia Marcondes Rezende. **Revista Alfa**, São Paulo, n. 29, p. 111-129, 1985.

GALHARDO, R.; FREIRE, F. Lula: 'A reforma agrária não será feita no grito'. **O Globo**, Rio de Janeiro, 3 abr. 2004. O País, p. 5.

GENRO FILHO, A. **O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo**. Porto Alegre: Tchê Editora Ltda, 1987.

GÓIS, A. Corpo é levado em carrinho de mercado. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 25 maio 2004. Cotidiano, p. C 3.

GUIBU, F. Líder do MST é baleado ao tentar invadir terra em PE. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 18 maio 2004. Brasil, p. A 8.

GARCIA, L. **O Globo, manual de redação e estilo.** São Paulo: Globo, 1992.

KARAM, F. J. **A antiguidade greco-romana, o *lead* e a contemporânea narrativa jornalística.** Sala de Prensa. Ano III. Vol. 2. Disponível em: <www.saladeprensa.org>. Acesso em: 31 jul. 2004.

KELLNER, D. **A Cultura da mídia**. Bauru: Edusc, 2001.

LAGE, N. **Estrutura da notícia.** São Paulo: Ática, 2003.

_____. **Linguagem jornalística**. São Paulo: Ática, 2001.

LINS, L. Sem-terra fazem 14 invasões e líder é baleado. **O Globo**, Rio de Janeiro, 18 maio 2004. O País, p.8.

LINS DA SILVA, C. E. **O adiantado da hora: a influência americana sobre o jornalismo brasileiro.** São Paulo: Summus, 1991.

LUSTOSA, E. **O texto da notícia.** Brasília: Editora UNB, 1996.

MAINGUENEAU, D. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2001.

MAISONNAVE F. Oviedo volta, jura inocência e é preso. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 30 de jun. 2004. Mundo, p. A 14.

MAIS uma guerra para Bush. **O Globo**, Rio de Janeiro, 26 abr. 2004. O Mundo, p. 18.

MARCONDES FILHO, C. **O capital da notícia.** São Paulo: Editora Ática, 1989.

_____. **Jornalismo fin-de-siècle**. São Paulo: Scritta, 1993.

MARIANI, B. S. C. Sobre um percurso de análise do discurso jornalístico – A Revolução de 30. In: **Os múltiplos territórios da análise do discurso**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1999.

MEDINA, C. **Notícia, um produto à venda.** São Paulo: Summus Editorial, 1988.

MEDITSCH, E. **O conhecimento do jornalismo**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1992.

MONKEN, M. H. Refém é morto no 2º. dia de rebelião no Rio. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 31 maio 2004. Cotidiano, p. C3.

MONKEN, M. H.; TORRES, S. Armas são roubadas da aeronáutica no Rio. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 4 maio 2004. Cotidiano, p. C 1.

NOBLAT, R. **A arte de fazer um jornal diário**. São Paulo: Contexto, 2002.

ORLANDI, E. **Análise de discurso**. Campinas: Pontes, 2000.

PT pune 12 por voto contra mínimo. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 29 jun. 2004. Brasil, p. A 7.

PINTO, M. J. **Comunicação e discurso**. São Paulo: Hacker Editores, 1999.

REFÉM é morto pelas costas. **O Globo**, Rio de Janeiro, Caderno Rio, 31 maio 2004, p. 10.

SOUSA, J. P. **Análise de discurso no jornalismo impresso.** Florianópolis: Letras Contemporânea, 2004.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

_____. **As notícias e os seus efeitos:** as "teorias" do jornalismo e dos efeitos sociais dos *media* jornalísticos. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 1999. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/_esp/autor.php3?codautor=13>. Acesso: em 12 dez. 2004.

TRAQUINA, N. **Teorias do jornalismo.** Florianópolis: Editora Insular, 2004.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna.** Petrópolis: Vozes, 1995.

VAN DIJK, T. A. Opinions and ideologies in the press. In: BELL, A.; GARRETT, P. (Org). **Approaches to media discourse.** Oxford: Blackwell Publishers, 1998. cap. 2. p. 21-73.

WOLF, M. **La investigación de la comunicación de masas.** Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, 1987.

ANEXOS

ANEXO A

PRESÍDIOS *Agente penitenciário foi alvejado ao tentar fugir; amotinados desde anteontem, presos podem ter matado outros detentos*

Refém é morto no 2º dia de rebelião no Rio

MARIO HUGO MONKEN
DA SUCURSAL DO RIO

O agente penitenciário Marco Antonio Borgati, 43, foi morto na tarde de ontem durante a rebelião na Casa de Custódia de Benfica (zona norte do Rio). O episódio piorou ainda mais a situação na unidade, cujos presos estão amotinados desde as 6h30 de sábado.

Pelo menos 22 pessoas eram mantidas reféns até o início da noite, sendo que as negociações foram encerradas por volta das 18h15 e deverão ser retomadas na manhã de hoje.

Borgati era um dos reféns. Segundo o Sindicato dos Agentes Penitenciários, ele foi morto com um tiro nas costas pelos presos porque teria tentado fugir.

A Secretaria Estadual de Administração Penitenciária informou que não está descartada a possibilidade de outras pessoas já terem sido mortas pelos presos rebelados. Há informações, não confirmadas, de que presos vinculados às facções criminosas TCP (Terceiro Comando Puro) e ADA (Amigos dos Amigos) teriam sido assassinados por rivais do CV (Comando Vermelho), líderes de rebelião.

Segundo o presidente da Comissão de Direitos Humanos da Assembléia Legislativa, deputado estadual Geraldo Moreira (PSB), os negociadores passaram o dia no pátio da unidade conversando com os detentos, que estavam armados com fuzis, pistolas e escopetas. Mesmo com a luz e a água da unidade cortadas, os amotinados não cogitaram se entregar.

Moreira afirmou que o secretário de Administração Penitenciária, Astério Pereira dos Santos, enviou fax ao seu colega Anthony Garotinho (secretário de Segurança Pública) solicitando que a Polícia Militar invadisse a unidade e libertasse os reféns. Até a conclusão desta edição, a invasão não havia ocorrido.

Procurado pela **Folha**, Santos negou que tenha feito o pedido. Garotinho não foi localizado pela reportagem.

Tensão

Durante todo o dia, mulheres e mães de detentos se desesperavam a cada movimentação de PMs armados na parte externa do edifício. Algumas ameaçaram fechar as pistas da avenida Brasil, a mais importante via de acesso ao Rio, que passa próximo ao local da rebelião.

No final da tarde, familiares dos presos ameaçaram linchar o presidente do Sindicato dos Agentes Penitenciários, Paulo Ferreira, depois que ela acusou os presos de terem matado o agente Borgati. Ferreira teve de ser protegido por policiais.

Pela manhã, um policial que fazia parte do grupo de reféns foi libertado pelos presos. Ele foi o terceiro refém a ser libertado desde ontem. O preso identificado como Wescley disse aos jornalistas por telefone celular, no início da noite, que não havia outros mortos dentro da carceragem.

Durante todo dia os presos exibiram várias faixas. Em uma delas disseram que haveria uma rebelião no complexo penitenciário de Bangu (zona oeste) e pediam a transferência de presos de outras facções. "A próxima vai ser em Bangu. Tirem os alemão [inimigos] da cadeia. Água e óleo não se misturam", dizia uma faixa.

A rebelião na unidade começou com uma tentativa frustrada de fuga em massa. Segundo policiais, foram feitos vários disparos contra a unidade, e 17 presos fugiram, três dos quais foram recapturados. Policiais disseram, informalmente, que a fuga contou com o apoio de traficantes da favela Parque Arará, que fica atrás do presídio. Dois veículos esperavam os presos fora da casa de custódia. Outros três veículos foram roubados nas imediações da unidade.

Felipe Varanda/Folha Imagem



Presidiários da Casa de Custória de Benfica (zona norte do Rio) fazem sinal da facção criminosa Comando Vermelho durante motim

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 unesp 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28

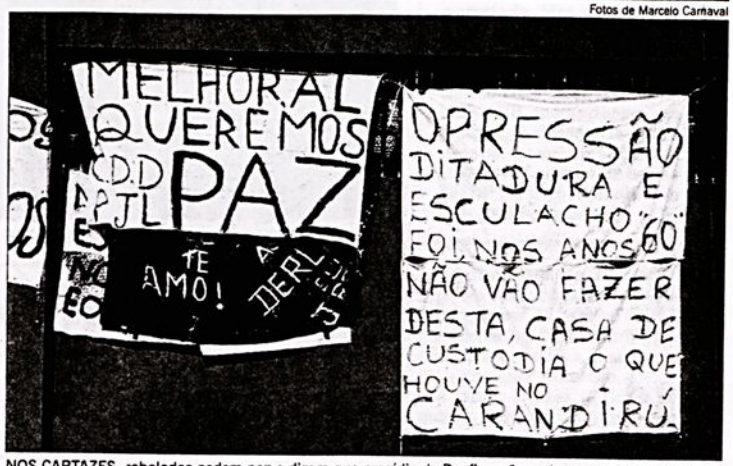
ANEXO B

A GUERRA DO RIO

Fotos de Marcelo Carnaval



PRESOS EXIBEM pelas grades uma faixa dizendo que a próxima rebelião será no presídio Bangu III



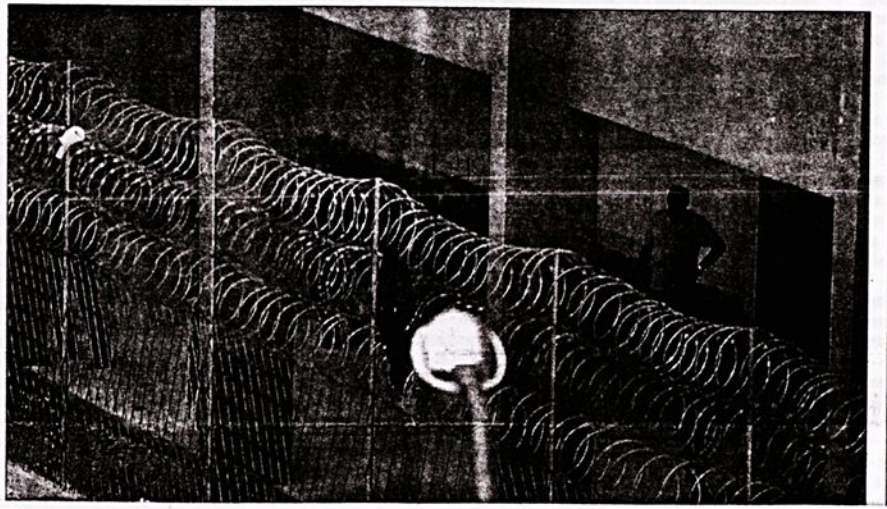
NOS CARTAZES, rebelados pedem paz e dizem que presídio de Benfica não pode ser um novo Carandiru

Refém é morto pelas costas

Detentos amotinados executam agente durante negociações em casa de custódia

Terminou em tragédia o segundo dia de rebelião na recém-inaugurada Casa de Custódia de Benfica. No fim da tarde de ontem, após quase 36 horas de motim — até agora o segundo mais longo no sistema penitenciário do Rio — os presos mataram o primeiro dos reféns, o agente penitenciário Marco Antônio Borgatte, de 43 anos. Ele foi atingido por um tiro de escopeta disparado à queima-roupa, pelas costas. Até o início da noite, 21 pessoas continuavam em poder dos mais de 800 detentos, que se rebelaram após a fuga de um grupo de 14 presos na manhã de sábado.

Segundo o presidente da Comissão de Direitos Humanos da Assembléia Legislativa, Geraldo Moreira, o agente foi baleado no momento em que a comissão negociava com os amotinados o fim da rebelião. Moreira contou que, enquanto a comissão dialogava com os presos, eles puseram Borgatte de pé, o empurraram e



Outros motins que terminaram mal

• Não é a primeira vez que um agente penitenciário é executado por detentos no Rio. Em dezembro passado, um agente penitenciário foi morto na mais longa rebelião no sistema penitenciário do Rio, quando 783 detentos do presídio de segurança máxima Bangu III tomaram 54 pessoas como reféns durante 75 horas. Até então, o motim mais longo tinha acontecido na Casa de Custódia Pedro Melo, também em Bangu, em janeiro de 2003: durou 33 horas e terminou com a libertação de seis PMs feitos reféns. Em novembro de 2002, um PM foi rendido e amarrado a um botijão de gás por amotinados em outra casa de cus-

ram Borgatte de pé, o empurraram e atiraram contra ele e os negociadores. Respirando com dificuldade, o agente foi socorrido, mas morreu a caminho do Hospital Souza Aguiar.

Colegas de trabalho de Borgatte, que estavam do lado de fora da casa de custódia, ficaram desesperados. Alguns chegaram a sacar suas armas. O drama foi ainda maior porque o filho do agente estava em vigília na porta, com outros parentes de reféns e presos, quando soube da execução do pai.

— Meu pai trabalhava na Casa de Custódia de Benfica desde a inauguração e sabia que não ia demorar um mês para ter uma rebelião. Ele sempre dizia que a área era cercada de favelas e que, por isso, não tinha segurança — disse Ângelo Borgatte, de 21 anos, sargento do Exército.

Até a noite, apenas dois reféns tinham sido libertados, ambos por problemas de saúde. Um policial reformado, de 50 anos, foi liberado de manhã porque passava mal. À noite, o agente Paulo Henrique Rodrigues, de 63 anos, que sofre de problemas cardíacos, foi levado para o Hospital Souza Aguiar. O primeiro refém a ser libertado, cujo nome não foi divulgado, disse ao presidente da comissão da Alerj que viu corpos dentro da cadeia.

Presos pedem fim de mistura de facções

• O clima de ameaça marcou o segundo dia da rebelião na casa de custódia, que fica a 200 metros da Avenida Brasil, é vizinha de dois colégios públicos e está encravada numa área residencial. As celas são tão próximas da rua que, ontem, famílias de presos conseguiam se comunicar com eles aos gritos. Também foi possível ouvir o tiro que matou o agente, o que aumentou a tensão no local. Uma praça localizada a 50 metros do presídio foi transformada em acampamento improvisado pelos parentes dos detentos e dos reféns.

Mesmo com garantia de vida e a presença de representantes de órgãos ligados aos direitos humanos, os presos não se entregaram. Mais de cem policiais e agentes penitenciários estavam de prontidão para a possibilidade de invasão.

À tarde, os presos escreveram uma carta listando reivindicações, como o fim da mistura de presos de facções criminosas rivais numa mesma unidade. Em faixas mostradas através das grades, eles ameaçaram: "A próxima vai ser em Bangu III" — presídio que, como O GLOBO mostrou em reportagem publicada há uma semana, já abriga internos de duas facções rivais, separados por uma parede de aço. Foi ali que aconteceu, em dezembro passado, a maior rebelião da História do sistema penitenciário fluminense, que durou 75 horas. Outra faixa dizia que uma das facções criminosas — a que estaria no comando da rebelião — é "pura e cristalina e não aceita mistura".

Às 18h, as negociações, que tinham sido retomadas às 8h, foram mais uma vez suspensas. Um policial militar e um agente penitenciário, especialistas neste tipo de negociação, passaram o dia no pátio interno, conversando com os presos pelas grades do portão. Os subsecretários de Segurança e Direitos Humanos, defensores públicos e representantes de organismos ligados aos Direitos Humanos mantinham-se a uma distância de 50 metros do portão. Fontes do governo admitiram que os presos haviam tomado toda a casa de custódia e que se tinha acesso apenas ao térreo.

Segundo Geraldo Moreira, os presos pareciam desorganizados, sem líder, o que dificultava as negociações, que chegaram a ser suspensas de manhã por meia hora.

— Um barulho foi ouvido por volta das 10h e houve suspeita de que os rebelados tivessem matado alguém — contou o deputado.

Os amotinados passaram o dia sem energia elétrica, água e comida. A alimentação foi servida apenas aos policiais de plantão e aos presos da carceragem do Ponto Zero — onde estão o fiscal Rodrigo Silveirinha e o ex-deputado Sérgio Naya — protegidos dos rebelados por uma chapa de aço, numa ala que fica no segundo andar da unidade.

À medida em que as horas passavam, a tensão aumentava. Depois de surgirem boatos sobre uma suposta decisão do secretário de Administração Penitenciária de invadir a casa de custódia, o próprio secretário, Astério Pereira dos Santos, disse que estava disposto a negociar ao extremo. Mas policiais civis e militares e agentes do Serviço de Operações Especiais (SOE) ficaram preparados para invadir a casa de custódia a qualquer momento.

À tarde, o clima já ficara tenso quando parentes dos presos que se aglomeravam do lado de fora da cadeia escutaram gritos lá dentro. Com medo de que a unidade fosse invadida pela polícia, mulheres e mães de detentos discutiram com PMs e ameaçaram entrar à força.

— O Bope (Batalhão de Operações Especiais da PM, que estava de prontidão) vai matar todo mundo. Não vai sobrar ninguém — gritava uma das mulheres. — Vocês têm que dar facada neles — dizia para os presos que se penduravam nas grades das celas para se comunicar com as pessoas que estavam do lado de fora.

O deputado Geraldo Moreira afirmou no início da noite que um dos 21 reféns estava amarrado a grade de uma das celas do presídio e a um botijão de gás.

O presidente do Sindicato dos Servidores da Secretaria de Justiça, Paulo Ferreira, disse que vai pedir hoje na Justiça a desativação da casa de custódia de Benfica, por questões de segurança:

— Isto aqui é uma catástrofe penitenciária, uma experiência maldita, um laboratório do inferno. Fizeram um presídio de tijolo e barbante.

Ferreira também disse vai convocar uma assembléia extraordinária da categoria, para discutir a situação de trabalho dos agentes. ■

► **NO GLOBO ONLINE:**
Mais fotos da rebelião
www.oglobo.com.br/rio



POLICIAIS E VIGIAS ocupam no térreo, junto ao pátio, a única área da casa de custódia não tomada pelos amotinados

tinados em outra casa de custódia do complexo, a Jorge Santana, e outro policial teve a perna quebrada com uma marretada. Mas um dos motins mais sangrentos em cadeias do Rio aconteceu em 11 de setembro de 2002, quando Fernandinho Beira-Mar e Marcinho VP comandaram, em Bangu I, a chacina de quatro presos, entre eles, Uê. Em 1998, uma tentativa de fuga na 20ª DP (Grajaú) terminou com dois policiais mortos.

Rosinha e Garotinho saem pelos fundos

Governadora e secretário de segurança evitam jornalistas após culto

• Um dia depois de presos fugirem pela porta da frente da Casa de Custódia de Benfica, o casal Garotinho escapou pela porta dos fundos. Ao deixarem ontem a Igreja Presbiteriana Luz do Mundo, em Laranjeiras, a governadora Rosinha Matheus e o secretário de Segurança Pública, Anthony Garotinho, saíram de carro pelos fundos para evitar a imprensa. Normalmente, mesmo quando não concedem entrevistas aos jornalistas, eles deixam o templo pela porta da frente.

Nenhum dos dois prestou qualquer declaração oficial sobre a rebelião. Sábado pela manhã, Garotinho ainda tentou minimizar o problema durante entrevista no programa de rádio de Rosinha, dizendo que se tratava de uma simples tentativa de fuga já controlada. Garotinho tem evitado falar com a imprensa. Suas últimas palavras em público foram no início do mês, quando o estado negociava o possível envio de tropas das Forças Armadas para o combate ao tráfico no Rio.

— Estou em greve — disse aos jornalistas ao ser questionado sobre seu silêncio.

O casal Garotinho passou quase todo o primeiro dia de rebelião na Ilha de Brocoió — a 400 metros de Paquetá — onde há uma residência oficial do governo do estado. Na Sexta-Feira Santa, quando uma invasão de traficantes à Favela da Rocinha terminou em mortes, o secretário de Segurança passou o dia em Angra dos Reis.

A ausência da governadora e do secretário motivou protesto de familiares dos presos amotinados. Uma das mães gritava que Rosinha não era uma verdadeira cristã porque não se comoveu com o sofrimento das famílias que improvisaram tendas para dormir na Praça Padre Souza e acompanhar as negociações.

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 unesp 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28

ANEXO C

CAMPO MINADO *Após promessa do MST de 'infernizar', presidente afirma que há gente que ainda não se acostumou com a democracia*

Reforma agrária não será no grito, diz Lula

GABRIELA ATHIAS
ENVIADA ESPECIAL A TRÊS LAGOAS (MS)
HUDSON CORRÊA
DA AGÊNCIA FOLHA, EM BONITO (MS)

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva disse ontem, em Três Lagoas (MS), que a reforma agrária não será feita "no grito". Afirmou que a meta de assentar 400 mil famílias será cumprida até 2006 e mandou um recado aos líderes do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra), pedindo que eles parem de falar tanto e deixem o governo fazer sua parte.

"A reforma agrária não vai ser feita no grito dos trabalhadores ou no grito dos que são contra. Ela vai ser feita respeitando a legislação vigente e no clima de harmonia que norteia o comportamento de meu governo", disse, durante inauguração de uma termelétrica.

Em Bonito (MS), onde participou da inauguração de um aeroporto, Lula foi mais explícito na referência ao líder do MST João Pedro Stedile, que, há uma semana, disse que os sem-terra vão "infernizar" com invasão de áreas.

Sem citar Stedile, o presidente disse que "palavras, mesmo tiradas de contexto, seja de trabalhador, seja de empresário, radicalizando o processo, não ajudam, porque está cheio de gente que ainda não se acostumou com democracia e com justiça social".

Na última terça-feira, pressionado pela nova onda de invasões de terra, Lula prometeu mais do que dobrar o orçamento do Ministério do Desenvolvimento Agrário. O atual, de R$ 1,4 bilhão, receberá uma suplementação, em parcelas ao longo do ano, de R$ 1,7 bilhão, segundo o governo. O MST não acredita na liberação.

Além de ameaçar com invasões neste mês, Stedile disse que a atual reforma agrária é uma vergonha e que falta coragem ao governo. Ele recuo apenas no termo infernizar, substituído, durante depoimento à CPI da Terra, por azucrinar.

Em Três Lagoas, Lula também afirmou que nenhuma fazenda produtiva será desapropriada, e que quer provar que é possível combinar agricultura empresarial com plantações familiares. "Quero aproveitar que aqui é um Estado onde há muitos empresários do setor agrícola para dizer que nenhuma terra produtiva será mexida. Queremos provar que é plenamente possível uma boa combinação entre a agricultura empresarial e a agricultura familiar. Elas não são antagônicas. O que precisa é as pessoas pararem de falar demais e permitirem que o governo cumpra aquilo que nós assumimos de compromisso."

O presidente buscou agradar também os sem-terra, aos quais prometeu assentar 60 mil famílias em 2003, mas conseguiu só pouco mais da metade disso —36,8 mil. Lula disse ter feito questão de ir a Mato Grosso do Sul para assinar um decreto de desapropriação de duas fazendas. "Fiz questão de assinar aqui porque queria fazer um gesto tanto para os trabalhadores quanto para os empresários."

O gesto, segundo o presidente, reafirma o compromisso de fazer uma reforma agrária que dê aos assentados condições de permanecer na terra, com infra-estrutura básica, acesso a linhas de crédito e à assistência técnica. A meta é assentar 115 mil famílias neste ano —a primeira etapa do novo Plano Nacional de Reforma Agrária.

"Ao final do meu mandato, pretendo não só anunciar o cumprimento [das metas de assentamento], mas mudar de forma radical o jeito que se fez reforma agrária no Brasil. O que se fazia era jogar um monte de pobres trabalhadores no meio de uma roça sem dar a eles condições de sobrevivência."

Em Bonito, Lula disse que o aeroporto não trará danos ambientais à cidade, conhecida por seus rios de águas cristalinas. Ele se referia a reportagem da **Folha**, sobre pendências ambientais na obra. "Tenho certeza de que, em vez de prejudicar, [o aeroporto] vai dar a possibilidade de moças e rapazes trabalharem dignamente e viverem de seus salários."

A assessoria da Presidência informou que Lula iria dormir em Bonito, onde, provavelmente, passaria o final de semana.

unesp

ANEXO D

Lula: 'A reforma agrária não será feita no grito'

Presidente pede paz e amor aos ministros: 'Em 15 meses, fiz mais pelo Brasil do que muita gente em 500 anos'

Ricardo Galhardo e Flávio Freire
Enviados especiais • TRÊS LAGOAS E BONITO (MS)

• O presidente Luiz Inácio Lula da Silva disse ontem em Três Lagoas, onde inaugurou uma termelétrica, que a reforma agrária não será feita no grito e que ele não aceitará pressões dos trabalhadores sem-terra, que ameaçam invasões no "abril vermelho", nem dos fazendeiros, que são contra a intensificação dos assentamentos.

— A reforma agrária não vai ser feita no grito. Nem no grito dos trabalhadores nem pelo grito dos que são contra. Tomamos a decisão de assentar 400 mil famílias até o fim do meu governo e regularizar 130 mil títulos de terra. E vamos cumprir. Pretendo, no fim do meu mandato, não só anunciar isso mas mudar de forma radical o jeito que se fez reforma agrária no Brasil, pois na verdade o que se fazia era jogar um monte de pobres trabalhadores no meio de uma roça sem dar qualquer condição de sobrevivência — disse Lula.

O presidente tentou acalmar os empresários rurais presentes ao evento:

— Quero aqui aproveitar que é um estado que tem muitos empresários agrícolas para dizer que nenhuma terra produtiva será mexida.

O presidente mandou um recado ao líder do MST, João Pedro Stédile, pouco depois de assinar os atos de desapropriação de duas fazendas para fins de reforma agrária no Mato

> *"Tem gente no Brasil que acorda e dorme torcendo para as coisas não darem certo"*

no nome de Waldomiro Diniz nem pronunciado a palavra crise, Lula disse que contou com a serenidade para atravessar o período mais difícil de seu governo:

— Graças a Deus cheguei à Presidência depois de ter perdido três eleições e de ter passado dos 50 anos. É o auge da maturidade de um ser humano. Você fica com mais paciência, você já não fica mais com raiva do que lê na imprensa, não fica com raiva da oposição. De vez em quando até pensa: "que bom que tem a oposição que faça críticas".

O presidente recomendou serenidade e paciência:

— Todos nós temos que estar na fase do Lula paz e amor, e no momento certo vamos provar com números o que aconteceu no Brasil em quatro anos e comparar o que foi feito em cada área com o que foi feito antes.

Lula sugeriu que a oposição está incomodada pelo fato de seu governo expor erros da administração anterior.

— Este país estava escondido porque se criou o chamado pensamento único. Estava tudo tão maravilhoso até que descobrimos que não estava tão maravilhoso em algumas áreas. Por isso muita gente se incomoda — disse Lula.

Ele culpou governos passados pelo fato de não ter construído estradas.

— O grande problema deste país não é fazer uma nova estrada. É que não se fez uma manutenção correta da nossa malha viária durante anos e anos. E eu vou gastar milhões

AE



INTEGRANTES DO MST fazem manifestação antes da chegada do presidente Lula para inauguração de aeroporto em Mato Grosso do Sul

Aeroporto inacabado é inaugurado em Bonito, apesar dos protestos

Presidente diz que 'um governo sério não deixa obras paradas'

AE

• BONITO (MS). Convidado para inaugurar o aeroporto de Bonito, em Mato Grosso do Sul, o

Lula inaugura termelétrica sem a presença do Ibama

Petrobras diz que obra não provocará poluição na área

O presidente mandou um recado ao líder do MST, João Pedro Stédile, pouco depois de assinar os atos de desapropriação de duas fazendas para fins de reforma agrária no Mato Grosso do Sul. Stédile ameaçou "infernizar" o governo e depois voltou atrás dizendo que deseja só "azucrinar". Lula disse que algumas pessoas precisam falar menos.

— O que precisa é as pessoas pararem de falar demais e permitirem que o governo cumpra o que nós assumimos de compromissos com a sociedade brasileira.

O presidente voltou a afirmar que a reforma agrária vai acontecer da maneira que foi prometida durante a campanha de 2002 e de forma pacífica.

— Vamos fazer a reforma agrária por uma questão de justiça. A reforma é uma forma de se fazer justiça social, e ela será feita tranqüilamente e pacificamente. As terras produtivas serão respeitadas. Muitas vezes, palavras, mesmo as que são tiradas do contexto, sejam de trabalhadores ou empresários, radicalizando o processo, não ajudam. Está cheio de gente neste país que não se acostumou a conviver com a democracia, com a justiça social e com as coisas que precisam ser feitas aqui. Portanto, ninguém precisa ter medo da reforma agrária.

"Tomamos a decisão de assentar 400 mil famílias até o fim do governo"

Em Três Lagoas, Lula partiu para o ataque à oposição. Sem citar nomes ou siglas, comparou tucanos ao ex-marido que torce contra o novo casamento da ex-mulher.

— Tem gente no Brasil que acorda e vai dormir torcendo para as coisas não darem certo. Tem gente no Brasil que é como ex-marido ou ex-mulher que não quer que a pessoa tenha outro casamento e seja feliz. A pessoa fica torcendo: "tomara que ela faça com ele o que fazia comigo". No Brasil tem gente que não se conforma de ter alguém que possa fazer mais do que eles — disse Lula, na inauguração da termelétrica de Três Lagoas.

Embora não tenha tocado no assunto, Lula também criticou a oposição ao dizer que o país não pode ficar parado à espera de uma nova estrada.

— O grande problema deste país não é fazer uma nova estrada. É que não se fez uma manutenção correta da nossa malha viária durante anos e anos. E se você gasta milhões e milhões de dólares para construir uma malha viária do tamanho da nossa e depois não faz a manutenção correta você praticamente precisa gastar quase que a mesma quantia para fazer as estradas funcionarem — afirmou Lula, que permaneceu o tempo todo de óculos escuros por causa de um terçol.

Em Bonito, Lula disse que seu governo será marcado pela credibilidade e que, em 15 meses de gestão, fez "mais pelo Brasil do que muita gente fez ao longo dos 500 anos da história do país". Pouco antes de abraçar e beijar populares, o presidente não poupou críticas aos ex-governantes:

— Nosso plano é o da credibilidade, da honradez, da pactuação com segmentos organizados da sociedade. Quero deixar o governo podendo olhar na cara de cada interlocutor e dizendo que, apesar de tudo, fizemos mais do que muita gente fez ao longo dos 500 anos da história do país.

"Todos os números da macroeconomia são melhores agora do que eram em dezembro de 2002"

Durante quase todo o discurso, o presidente evocou a necessidade de o povo ter de esperar o fim de seu governo para avaliar sua performance.

— Todos os números da macroeconomia são infinitamente melhores agora do que eram em dezembro de 2002. E aquilo que não fizemos é porque não pudemos fazer ou porque não chegou o tempo para fazer. No fim do meu mandato vou fazer uma comparação com bastante tranqüilidade. A média dos programas sociais no governo anterior era de R$ 22 por pessoa. Agora, é de R$ 73 em média por pessoa e já atinge 3,6 milhões de pessoas — disse Lula. ■

► **NO GLOBO ONLINE:**
Leia a íntegra do discurso de Lula em Três Lagoas
www.oglobo.com.br/pais

Presidente diz que 'um governo sério não deixa obras paradas'

• BONITO (MS). Convidado para inaugurar o aeroporto de Bonito, em Mato Grosso do Sul, o presidente Lula entregou ontem, ao lado de autoridades estaduais e federais, apenas uma pista de pouso e decolagem que, pelo menos até outubro, não deverá receber aviões comerciais. Após discurso em que prometeu combater a prática de governos anteriores de deixar obras inacabadas, Lula descerrou a placa de inauguração sem que tivesse sido instalado o sistema de iluminação ou sequer construído o saguão para passageiros.

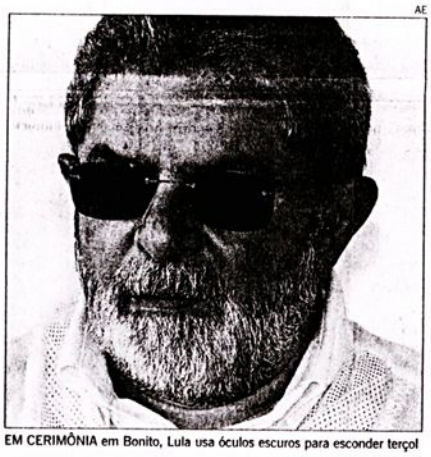
Sob um toldo branco armado na área cujas obras se arrastam há oito anos, o presidente disse que "um governo sério não deixa obras paradas". Além da falta de infra-estrutura para receber turistas, a construção do aeroporto é alvo de pendências judiciais. O Ministério Público alega que a obra provocou impactos ambientais. Até a semana passada, o Ministério Público não pretendia liberar as obras para inauguração. A Secretaria Estadual de Meio Ambiente, no entanto, assinou com os promotores, um "termo de ajustamento de conduta".

— Tem gente que diz que não pode passar avião aqui porque vai estressar sei lá o quê. Então, eu trouxe logo o presidente do Ibama, que só dá licença para alguma coisa se tiver 100% certo — disse Lula, ao contestar a informação de que o aeroporto prejudicará o meio ambiente.

Mas os promotores continuam preocupados com o impacto ambiental.

— Ainda assim, o inquérito civil continua valendo para apurar o impacto do aeroporto no ecossistema da região — disse o promotor Luciano Loubet.

AE



EM CERIMÔNIA em Bonito, Lula usa óculos escuros para esconder terçol

Depois da inauguração, Lula e dona Marisa almoçaram no restaurante do Aquário Natural, de onde é possível ver de perto a nascente de rios com águas cristalinas. Em seguida, Lula seguiu para a Fazenda Santa Esmeralda, onde passaria a noite. ■

► **NO GLOBO ONLINE:**
Leia a íntegra do discurso de Lula em Bonito
www.oglobo.com.br/pais

Petrobras diz que obra não provocará poluição na área

Ricardo Galhardo
Enviado especial

• TRÊS LAGOAS. A usina termelétrica de Três Lagoas, alvo desde 2001 de quatro ações do Ministério Público por supostas irregularidades ambientais, foi inaugurada ontem pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva sem a presença de representantes do Ibama. A Petrobras divulgou nota ontem contestando a professora Sônia Hess, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, que afirma que a termelétrica vai poluir o meio ambiente com mercúrio. A empresa informou que os níveis de mercúrio estarão abaixo do que a lei permite e alega ter permissão do Ibama para a usina.

Lula disse que, ao assumir, encontrou 35 hidrelétricas paradas por questões ambientais. Segundo ele, o governo conseguiu resolver os problemas de 17, mas as outras podem ser definitivamente abandonadas.

— Tem empresário esperando o governo autorizar hidrelétrica há 14 anos, e o governo fica enrolando, dizendo que é o Ibama e o Ministério Público. Mentira, é porque não pode ser feito. ■

Alckmin: invasão é ato de vandalismo

'Em São Paulo, invadiu, vai desinvadir. Aqui, decisão judicial é cumprida'

Aguinaldo Novo

• SÃO PAULO. O governador Geraldo Alckmin (PSDB) disse ontem que não vai se intimidar com as ameaças de invasão de terra feitas pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Para ele, ocupação de propriedade privada é ato de vandalismo.

— Invasão de terra em São Paulo, não. Aqui, invadiu, vai "desinvadir". Aqui, decisão judicial é cumprida, porque preservamos a democracia e a lei. Esses atos de vandalismo são um desserviço à boa bandeira da reforma agrária — afirmou o governador, depois do encontro com o ministro da Fazenda, Antonio Palocci, no Palácio dos Bandeirantes.

Anteontem, o MST iniciou duas marchas no Pontal do Paranapanema: uma saindo de Presidente Epitácio e outra de Teodoro Sampaio, ambas com destino a Presidente Prudente, onde os sem-terra farão um ato público na próxima terça-feira para reivindicar mais agilidade na reforma agrária.

Os coordenadores nacionais do MST José Rainha Júnior e Clédson Mendes da Silva participam da marcha. Os sem-terra protestam contra a lei estadual que regulariza a posse no Pontal de propriedades com até 500 hectares. Para o MST, a lei regularizou a situação de "grileiros". ■

OPINIÃO

SEMÂNTICA SEM-TERRA

• DIANTE DA repercussão da sua ameaça de um "abril vermelho" para "infernizar" o governo, o líder dos sem-terra João Pedro Stédile tentou explicar-se. Tranqüilo, talvez porque já conseguira arrancar R$ 1,7 bilhão dos cofres públicos, Stédile disse ser tudo uma questão de semântica ou de simples mal-entendido.

O "VERMELHO" simbolizaria a organização dos movimentos sociais para manifestações no 1º de Maio. E o "infernizar" seria no sentido de "azucrinar" — o que dá no mesmo.

É POSSÍVEL que no futuro o dirigente do MST venha a anunciar meses "púrpura" ou "magenta", quando considerar que o governo não atende as reivindicações do movimento. Mas é provável que adjetivos mais rebuscados não abram as portas do Tesouro Nacional tão facilmente.

ANEXO E

CAMPO MINADO *Movimento promoveu invasões a sete propriedades rurais no Estado*

Líder do MST é baleado ao tentar invadir terra em PE

FÁBIO GUIBU
DA AGÊNCIA FOLHA, EM RECIFE

Um dos líderes do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) em Pernambuco foi atingido por um tiro durante conflito ocorrido em uma nova onda de invasões promovida ontem pelo movimento no Estado.

Charles Afonso de Souza, 26, foi baleado na perna esquerda e teve fratura exposta. Ele integrava o grupo de 80 lavradores que tentou invadir durante a madrugada a fazenda Dependência, em Passira (100 km de Recife).

O MST, que comandou mais sete invasões de terra ontem no Estado (veja quadro nesta página), afirma que o tiro foi disparado por "pistoleiros" supostamente contratados pelo dono da fazenda. Souza foi operado em Recife e não corre risco de morte.

A Polícia Civil instaurou inquérito para apurar o caso. A delegada de Passira, Cláudia Suely Freire de Vasconcelos, enviou uma equipe à fazenda, mas não encontrou ninguém no local. A delegada disse que intimará o dono da área, conhecido como Gilberto, e o suposto administrador da propriedade, Ivan, que, segundo os sem-terra, integrava o grupo de "pistoleiros" que reagiu à invasão.

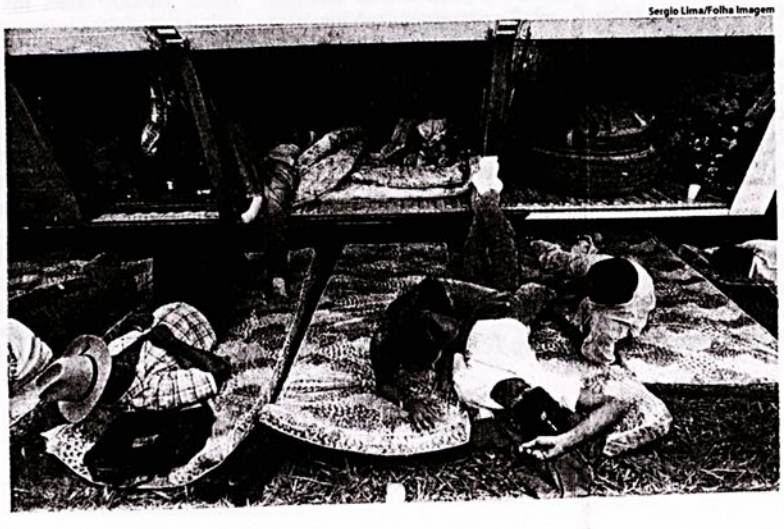
"Eram 18 homens montados em cavalos, todos armados", disse à Agência Folha, por telefone, o coordenador de acampamentos do MST João Rufino Gomes, 35. O lavrador participou da ação.

"Entramos na fazenda, e eles jogaram os cavalos em cima", contou. "Já estávamos do lado de fora, na estrada, quando atiraram em nós." Segundo Gomes, Charles estava em uma motocicleta quando foi atingido.

Levado no mesmo veículo ao hospital de Passira por um dos



Sergio Lima/Folha Imagem



amigos, o coordenador do MST foi transferido para Vitória de Santo Antão e, depois, para Recife, onde foi operado.

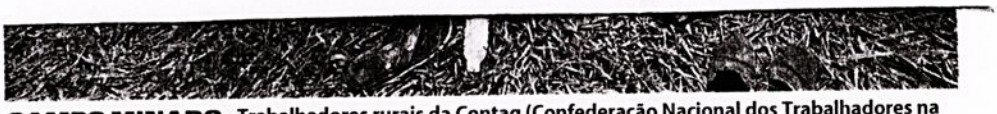
Os invasores retornaram ao acampamento montado há um ano e três meses no distrito de Pedra Tapada e afirmaram que não desistirão da fazenda. Os sem-terra reivindicam a área, sob alegação de que é improdutiva.

O superintendente do Incra (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) em Recife, João Farias de Paula Jr., disse que desconhece o nome do dono e a situação da propriedade.

Segundo ele, a greve dos servidores do órgão impede o acesso aos cadastros dessa fazenda e das outras sete invadidas ontem pelo MST no interior do Estado.

Paula Jr. afirmou estar "muito preocupado" com as invasões, mas disse que pode apenas monitorar a situação, porque o Incra "não tem poder de polícia". A delegada de Passira disse que não sabe quem é o dono da área e se é ou não produtiva. Conhecidos, até ontem, eram só os lavradores que tentaram tomar a fazenda.

No dia 24 de setembro, o mesmo grupo participou de outra invasão na região, que deixou um ferido. Ao entrar na fazenda São Vicente, o sem-terra Reginaldo Bernardes da Silva foi atingido por dois tiros. O autor dos disparos ainda não foi identificado.



CAMPO MINADO Trabalhadores rurais da Contag (Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura) hospedados em entidade em Brasília; eles vão participar de atos na Esplanada dos Ministérios

Sem-terra invadem subestação da Chesf e acampam em frente a banco

DA AGÊNCIA FOLHA, EM SALVADOR
DAS REGIONAIS

Cerca de 400 agricultores ligados ao MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) invadiram na manhã de ontem uma subestação da Chesf (Companhia Hidrelétrica do São Francisco), situada entre a Bahia e Alagoas.

De acordo com o gerente da Chesf em Paulo Afonso, Paulo Rangel, o grupo reivindica o término das obras de um canal que vai levar a água do rio São Francisco a projetos de irrigação nos municípios de Delmiro Gouveia e Arapiraca, em Alagoas, além da transferência do suprimento de energia elétrica do projeto Canafístola, em Delmiro Gouveia, administrado pela companhia de eletricidade de Pernambuco, para a companhia de Alagoas, além da desapropriação das fazendas Xingozinho, da Chesf, e Alagoinhas.

A invasão da subestação aconteceu por volta das 7h30. Com faixas e cartazes, os sem-terra invadiram o prédio e anunciaram que só deixariam o local após todas as reivindicações serem atendidas.

No começo da tarde, o MST apresentou outro pedido para deixar a Chesf —a liberação de cestas básicas. No final da tarde, Rangel viajou para Maceió para negociar com o Incra (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) e com líderes do MST solução para o impasse.

A BR-415, que liga Ilhéus a Itabuna (BA), foi interditada por sem-terra por quase três horas. Perto de Ubatã (BA), uma nova manifestação também fechou a pista. Os sem-terra reivindicam a liberação de verbas federais para melhorar 13 acampamentos.

Banco

Parte do grupo do MST que invadiu anteontem uma fazenda do grupo Votorantim em Taubaté (SP) acampou em frente ao Unibanco para pedir a desapropriação de outra área. Cerca de 50 pessoas deveriam dormir no local. O movimento contesta a propriedade da fazenda Santa Teresinha, que não seria do banco.

O Unibanco não soube dizer se é o dono da área e afirmou que entrou ontem com pedido de liminar para tirar os sem-terra da frente da agência.

Segundo a coordenação do MST na região, 80 sem-terra estão na fazenda da Votorantim, que afirmou ter registrado boletim de ocorrência. Um pedido de reintegração de posse deve ser encaminhado hoje à Justiça. A fazenda, de 503 hectares, é "completamente produtiva", diz a empresa. Devido à greve, o Incra não soube definir a situação da área. (LUIZ FRANCISCO E DAYANNE MIKEVIS)

unesp

ANEXO F

Sem-terra fazem 14 invasões e líder é baleado

Ocupações ocorreram em Pernambuco; MST acusa seguranças de fazenda de atirarem em seu coordenador

Letícia Lins

• RECIFE. Um dos coordenadores do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) em Pernambuco, Charles Afonso de Souza foi baleado durante conflito na invasão da Fazenda Dependência, no município de Passira, a cem quilômetros de Recife. A fazenda foi ocupada por 80 famílias. Apenas ontem, 14 propriedades foram invadidas ontem em Pernambuco por grupos de sem-terra ligados ao MST e a sindicatos rurais.

Segundo o MST, os sem-terra foram recebidos a bala por seguranças da fazenda armados com rifles, revólveres e pistolas. O fato será relatado à Ouvidoria Agrária Nacional e ao Ministério Público. Ainda segundo o MST, os seguranças eram comandados pelo administrador da fazenda, conhecido por Ivan.

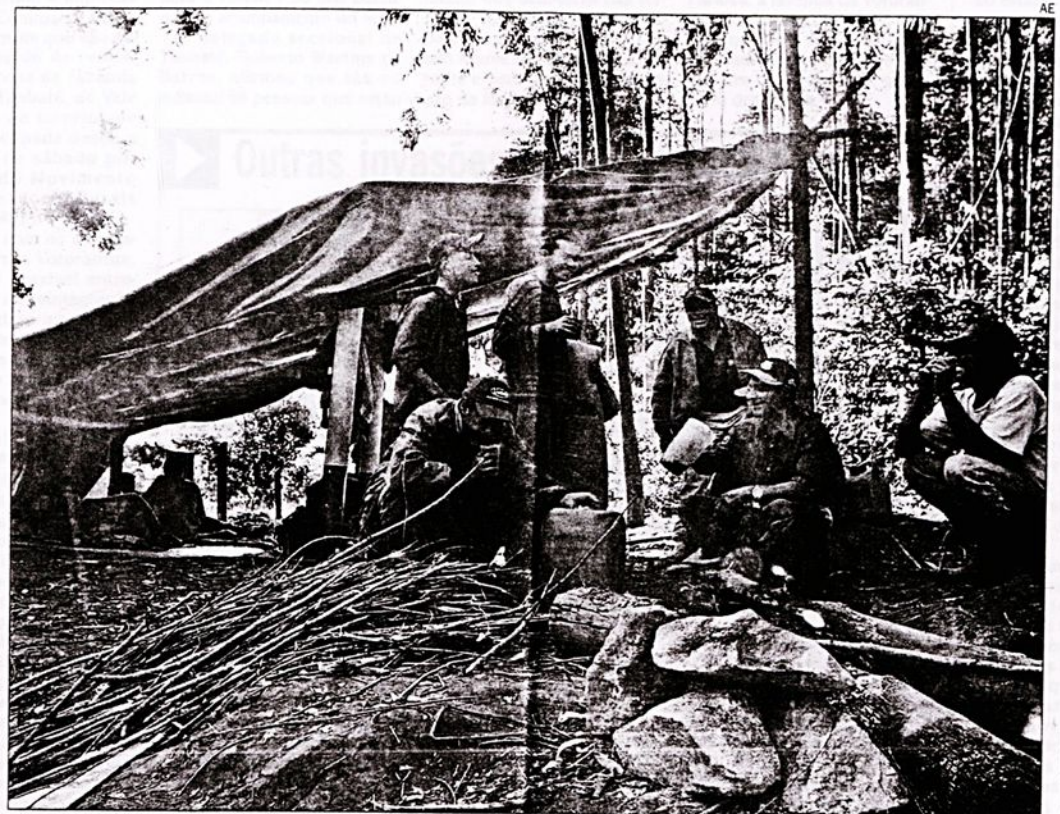
Sem-terra foi operado em hospital de Recife

Ontem a delegada de Passira, Cláudia Vanderley, informou que já abriu inquérito para apurar o episódio. Segundo a polícia, ontem não havia representantes dos proprietários na fazenda. O dono da fazenda, que se chamaria Gustavo, não foi localizado. Souza foi atendido em dois hospitais do interior e transferido para Recife, onde foi operado no Hospital Otávio de Freitas.

Também foram invadidas fazendas em Petrolândia, Ouricuri, Bonito, Caruaru, Itaquitinga, Palmares e Gameleira. Com as invasões de ontem, somam 41 as ocupações do MST no estado só este ano, com 9.120 famílias acampadas. O MST agora tem 183 ocupações no estado, com 23.700 famílias vivendo sob lonas.

O superintendente do Incra em Recife, João Farias, afirmou

AE



INTEGRANTES DO MST na fazenda de plantação de eucalipto da Votorantim em Taubaté: área é produtiva, segundo informa a empresa

Votorantim vai à Justiça contra MST

Empresa pede retirada de sem-terra que invadiram fazenda em Taubaté (SP)

Adauri Antunes Barbosa

• SÃO PAULO. Os advogados que representam a empresa Votorantim Celulose e Papel afirmaram ontem que vão en-

são. Se houve o corte de algumas árvores, afirmaram fontes da empresa, foram poucas e para a construção das barracas do acampamento do MST.

O delegado seccional de

ocupando a Fazenda do Una. A polícia, segundo ele, "acompanha discretamente" o movimento dos sem-terra nas terras da Votorantim. O delegado Barros informou também que

De acordo com Valdemir Nascimento, um dos líderes do MST na região do Vale do Paraíba, a fazenda da Votorantim foi ocupada porque é considerada pelo movimento um

Maio Verde é a resposta dos ruralistas

Chico Oliveira

• PORTO ALEGRE. Produtores gaúchos iniciam hoje com uma carreata a Cruzada da Produção do Maio Verde, manifestações em resposta às invasões do "abril vermelho" do MST. O movimento começa com um ato na Praça Fernando Abbott, no centro de São Gabriel, a 329 quilômetros de Porto Alegre. A carreata deverá percorrer 2.500 quilômetros em 23 municípios gaúchos durante oito dias. Ao sair hoje de São Gabriel, a cruzada terá mais de 400 veículos, com cerca de dois mil produtores.

— Nós queremos destacar a importância do agronegócio e também dar uma resposta ao "abril vermelho" do MST — disse o presidente do Sindicato Rural de São Gabriel e organizador da manifestação, Tarso Pires Teixeira.

Os produtores e veículos que participarão da carreata se renovarão ao longo de todo o trecho a ser percorrido e voltarão a se encontrar em Porto Alegre. Hoje será percorrido o trecho entre São Gabriel e Pelotas, passando por diversos municípios da região sul do estado.

No segundo dia, a carreata se dirigirá a Santa-

Otávio de Freitas.

Também foram invadidas fazendas em Petrolândia, Ouricuri, Bonito, Caruaru, Itaquitinga, Palmares e Gameleira. Com as invasões de ontem, somam 41 as ocupações do MST no estado só este ano, com 9.120 famílias acampadas. O MST agora tem 183 ocupações no estado, com 23.700 famílias vivendo sob lonas.

O superintendente do Incra em Recife, João Farias, afirmou que o MST está partindo para uma estratégia perigosa ao desafiar a medida provisória 2183, a chamada lei antiinvasão, que proíbe o Incra de vistoriar propriedades invadidas.

Desde o início da jornada de ocupações, em março, o coordenador regional do MST, Jaime Amorim, havia informado que os sem terra iam voltar a invadir propriedades sem dar importância à MP. Logo depois que ela foi editada, os sem-terra passaram a ocupar as margens das rodovias e áreas vizinhas às propriedades pretendidas para reforma agrária.

"Eles estão buscando mesmo o confronto"

Para Farias, esse tipo de comportamento só vai aumentar a tensão no interior.

— O MST vinha usando os acampamentos apenas como tática para exigir desapropriação de terras. Mas a estratégia adotada a partir de março, com a jornada, mostra que eles estão buscando mesmo o confronto. Fazem pressão para os proprietários se atemorizarem e serem forçados a negociar com o Incra — disse Farias.

Ele informou que essa tática ocorreu na Fazenda Uberaba, no município de Bonito. De acordo com o Incra, os proprietários da Uberaba pediram vistoria, preocupados com a segurança da propriedade e dos seus donos. ■

Votorantim vai à Justiça contra MST

Empresa pede retirada de sem-terra que invadiram fazenda em Taubaté (SP)

Adauri Antunes Barbosa

• SÃO PAULO. Os advogados que representam a empresa Votorantim Celulose e Papel afirmaram ontem que vão entrar com pedido de reintegração de posse da Fazenda do Una, em Taubaté, no Vale do Paraíba, no interior de São Paulo, ocupada desde a madrugada de sábado por militantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST).

De acordo com os advogados da empresa Votorantim, se não fosse possível entregar o pedido de reintegração de posse ontem mesmo no Fórum de Taubaté, a ação contra os sem-terra seria protocolada no máximo até o meio-dia de hoje.

Eucalipto plantado na fazenda é para exportação

A Votorantim garante que a propriedade é totalmente produtiva. Numa área de 500 hectares, são plantados eucaliptos destinados à produção de celulose e papel. Cerca de 90% do produto final têm como destino a exportação. De acordo com informações prestadas pela empresa, a ocupação da fazenda dos sem-terra traz prejuízos porque toda a equipe de trabalho estava fazendo os preparativos para o corte da madeira, que, pelas previsões da empresa, deveria começar dentro de aproximadamente um mês.

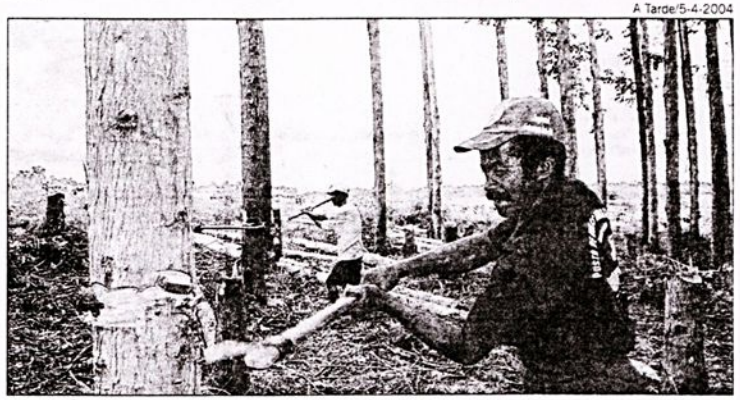
A Votorantim não soube informar se eucaliptos foram derrubados durante a invasão. Se houve o corte de algumas árvores, afirmaram fontes da empresa, foram poucas e para a construção das barracas do acampamento do MST.

O delegado seccional de Taubaté, Roberto Martins de Barros, afirmou que são no máximo 50 pessoas que estão ocupando a Fazenda do Una. A polícia, segundo ele, "acompanha discretamente" o movimento dos sem-terra nas terras da Votorantim. O delegado Barros informou também que não houve incidentes nem durante e nem depois da ocupação da fazenda.

De acordo com Valdemir Nascimento, um dos líderes do MST na região do Vale do Paraíba, a fazenda da Votorantim foi ocupada porque é considerada pelo movimento um latifúndio improdutivo e não cumpre o papel social que a terra deve ter. ■

Outras invasões de áreas produtivas

A Tarde/5-4-2004



A INVASÃO DA fazenda da Veracel: sem-terra desmataram 25 hectares em cinco dias de ocupação

• Entre as invasões do "abril vermelho" anunciado pelo MST para pressionar o governo a fazer a reforma agrária, estão áreas de duas empresas produtoras de celulose: a Veracel e a Klabin.

A fazenda da Veracel , nas proximidades de Porto Seguro, Sul da Bahia, foi invadida no dia 5 de abril. Cerca de 3.500 famílias derrubaram quatro hectares de plantação da multinacional. A madeira foi usada para construir barracos e cercas na fazenda. Após cinco dias de ocupação, houve um acordo: o Incra prometeu desapropriar 30 mil hectares ainda este ano na região para assentar os colonos. Os sem-terra desmataram 25 hectares, derrubando 21 mil pés de eucalipto, e iniciaram o plantio de feijão, milho e mandioca.

A Fazenda Faxinal do Paulista, da Klabin, em São Cristóvão do Sul (SC), foi invadida no dia 17 de abril. Em nota, a empresa informou que os sem-terra destruíram áreas de mata nativa preservada pela companhia e florestas plantadas de pínus de dois anos de idade. A fazenda tem 578 hectares, dos quais 247 hectares são área de preservação ambiental.

Os produtores e veículos que participarão da carreata se renovarão ao longo de todo o trecho a ser percorrido e voltarão a se encontrar em Porto Alegre. Hoje será percorrido o trecho entre São Gabriel e Pelotas, passando por diversos municípios da região sul do estado.

No segundo dia, a carreata se dirigirá a Santana do Livramento, igualmente com paradas nos municípios entre Pelotas e essa cidade, seguindo-se nos demais dias pernoites em Uruguaiana, São Luiz Gonzaga, Passo Fundo, Santa Maria e Esteio.

No dia 25 está prevista uma manifestação em Porto Alegre. Ao longo do percurso deverão ser distribuídas bandeiras do Maio Verde e mais de dez toneladas de alimentos, que beneficiarão entidades assistenciais.

Embora a carreata dos produtores rurais vá passar por alguns acampamentos de sem-terra, Tarso Teixeira não acredita que ocorram incidentes.

— Estamos orientando que os produtores não aceitem provocações, mas também estaremos monitorando as ações dos sem-terra para evitar que, durante a nossa cruzada, eles realizem novas invasões. Se isso ocorrer denunciaremos às autoridades e nos mobilizaremos para evitar que as invasões ocorram — advertiu o presidente do Sindicato Rural de São Gabriel.

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 unesp 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27

ANEXO G

Tel.: 0/xx/11/3224-3402
E-mail: cotidian@uol.com.br
Fax: 0/xx/11/3224-2285

Serviço de atendimento ao assinante:
Grande São Paulo 0/xx/11/3224-3090
Demais localidades 0800-703-8080

FOLHA COTIDIANO

FOLHA ESPORTE ESTÁ INCLUÍDO NESTE CADERNO

PÁGINA C 1 ★ SÃO PAULO, TERÇA-FEIRA, 4 DE MAIO DE 2004 ★ CONCLUÍDO ÀS 20H05

VIOLÊNCIA *Depósito foi invadido por cinco homens armados, que levaram fuzis, munição e até uma Kombi; comando foi afastado*

Armas são roubadas da Aeronáutica no Rio

ROUBO E FURTO DE ARMAS
Em unidades militares no Rio

9.fev.2004 - Dois fuzis na Base Aérea de Santa Cruz (zona oeste)

1º.fev.2004 - Dois fuzis na Base Aérea do Campo dos Afonsos, em Marechal Hermes (zona oeste)

18.jun.2003 - Mil cartuchos de fuzil e cem de pistola no 3º Batalhão de Infantaria do Exército, em São Gonçalo (região metropolitana)

25.ago.2002
Seis fuzis, duas pistolas, capacetes, coletes à prova de bala, munições diversas e baionetas na estação de rádio da Marinha em Duque de Caxias (cidade na Baixada Fluminense)

23.ago.2002 - Cinco fuzis, sete submetralhadoras, um rifle, dois carregadores de rifles e 11 carregadores de submetralhadoras no Parque de Material Bélico da Aeronáutica, na Ilha do Governador

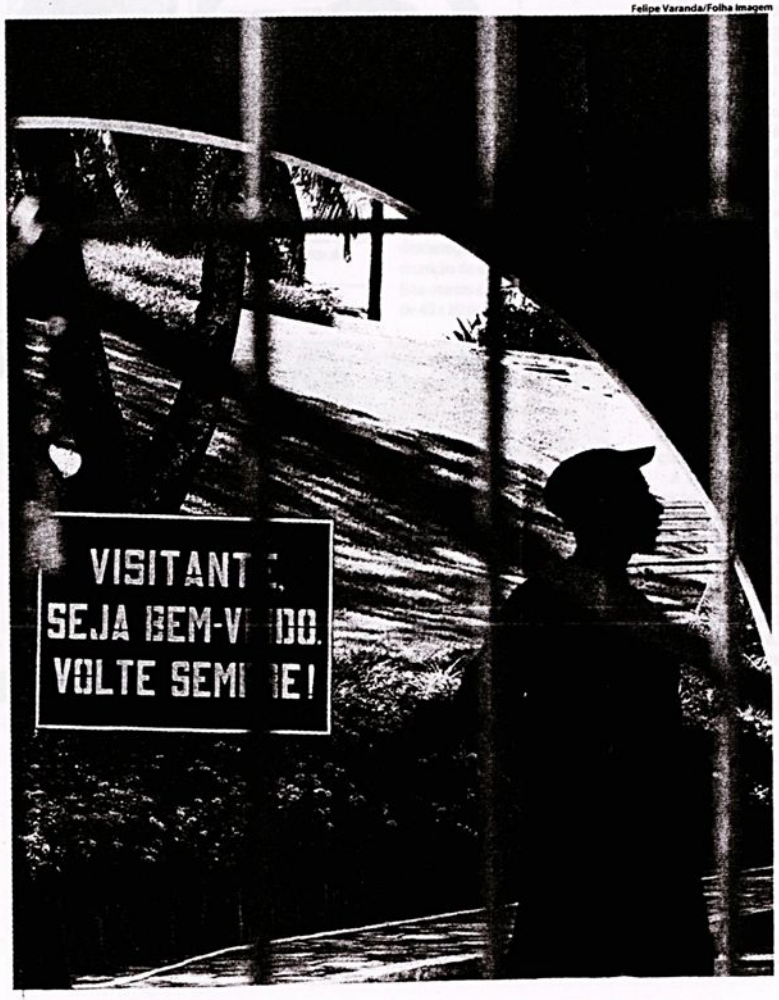
Apreensões recentes de armamentos

Ontem - Na favela Vila Vintém (zona oeste), foram apreendidos dez fuzis, cerca de oito mil munições, dois lança-rojões, cinco granadas, uma submetralhadora e uma pistola.

29.abr.2004 - A polícia apreendeu no Vidigal (zona sul) cem camisas com inscrição da Polícia Civil, 150 gramas do explosivo Demex, duas granadas, 400 balas de fuzil, além de munição para metralhadora

20.abr.2004 - Na favela da Coréia, (zona oeste), foram apreendidos oito

Felipe Varanda/Folha Imagem



MARIO HUGO MONKEN
SERGIO TORRES
DA SUCURSAL DO RIO

Cinco homens armados invadiram na madrugada de ontem o Depósito de Aeronáutica do Rio de Janeiro, na avenida Brasil, na altura de Bonsucesso (zona norte). Eles roubaram 22 fuzis HK-33, uma pistola Taurus 9 mm com 15 cartuchos, quatro carregadores com 40 munições cada um e uma Kombi, em que fugiram.

Desde agosto de 2002, este foi o maior roubo de armas e munição registrado em uma unidade das Forças Armadas no Rio. Foi também o terceiro neste ano em unidade da Aeronáutica no Estado.

A Polícia Militar suspeita que os invasores são traficantes da organização Amigo dos Amigos (ADA) que atuam no complexo de favelas da Maré (Bonsucesso).

Já para a Polícia Civil, as armas foram roubadas por criminosos do Terceiro Comando Puro (inimigos da ADA) do complexo do Dendê (Ilha do Governador, zona norte). A Aeronáutica não comentou o ocorrido.

A ação aconteceu à 0h25. Os invasores entraram no depósito por dois portões: o principal, na avenida Brasil, e o lateral, na avenida Bento Ribeiro Dantas.

Segundo o tenente-coronel da PM Álvaro Rodrigues Garcia, na hora da invasão, o quartel estava às escuras e os ladrões utilizaram lanternas para entrar no local. A Aeronáutica confirmou que havia um blecaute no depósito.

O grupo rendeu, sem atirar, cinco militares que faziam guarda. Três teriam sido amarrados e

Ministério Público Militar é contra envio de tropas

DA SUCURSAL DE BRASÍLIA

O Ministério Público Militar divulgou nota ontem criticando a idéia de uso de tropas do Exército para conter a violência no Rio, em estudo pelo governo federal. O Ministério da Defesa deverá expor um plano no dia 10.

"A instituição não acredita que a convocação do Exército para participar na segurança pública da capital fluminense consiga resolver uma situação que a polícia local —Civil e Militar—, melhor capacitada e melhor treinada, não conseguiu controlar", diz a nota.

Para o Ministério Público Militar, o Exército não está preparado para esse tipo de ação, e sim para guerra. O órgão pede que, se for imprescindível o uso de tropas federais, que o governo use as treinadas em combate à violência urbana da Brigada de Operações Especiais de Anápolis (GO) —justamente as que estão nos planos do Ministério da Defesa.

Do ponto de vista jurídico, a nota vê problemas. Diz que não há respaldo constitucional para a convocação —prevista só em caso de intervenção, estado de defesa ou de sítio. O Ministério Pú-

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 unesp 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27

minas terrestres, 161 granadas, um fuzil, cerca de 19 mil munições, dois coletes à prova de bala e nove coletes usados em operações policiais



Um dos portões do depósito da Aeronáutica invadido ontem; polícia suspeita de traficantes de drogas

COMO OCORREU A INVASÃO



1 **Rio, 0h25 de ontem** - cinco homens armados com fuzis invadem o depósito de armamentos e munições da Aeronáutica na av. Brasil. A invasão é feita por duas entradas



2 Segundo a polícia, como o quartel estava escuro, eles usam lanternas. Os invasores rendem cinco militares. Ainda segundo a polícia, três deles são amarrados



3 Após imobilizarem os guardas da unidade, os invasores roubam 22 fuzis, uma pistola e quatro carregadores que estavam em um paiol na unidade



4 Em seguida, eles roubam uma Kombi que estava estacionada no quartel e fogem no veículo

A ação dura cerca de 15 minutos

FUZIL HK-33
De fabricação alemã, dispara rajadas de três a cinco tiros e pode descarregar toda a munição de uma só vez (são usados carregadores de 40 e 80 balas)



agredidos, segundo a PM. Em seguida, os criminosos entraram no paiol e roubaram armas e carregadores. A ação durou cerca de 15 minutos. Uma Kombi, estacionada no quartel, serviu para a fuga.

No início da manhã, a polícia recuperou a Kombi. O carro foi abandonado na av. Brasil, na altura de Realengo (zona oeste), a 30 km do Depósito de Aeronáutica.

Dentro do carro, policiais militares acharam um carregador de fuzil pintado com a sigla ADA, o que reforça a suspeita de que traficantes atacaram o paiol militar.

Segundo investigadores da Polícia Civil, na Ilha do Governador, foi encontrado um telefone celular roubado pelos invasores de um dos militares rendidos. Isso seria indício de que as armas roubadas iriam para o morro do Dendê, dominado pelo Terceiro Comando Puro, rival da ADA.

Afastamento

No fim da manhã, a Aeronáutica divulgou nota informando que todos os membros do comando do depósito foram afastados do serviço. A Aeronáutica abriu Inquérito Policial Militar para apurar os fatos e averiguar se houve conivência por parte de militares que conheçam a rotina do local.

À **Folha**, o Centro de Comunicação Social da Aeronáutica informou que o afastamento dos diretores teve o objetivo de "garantir à sociedade e à corporação" que o caso será apurado "com a maior transparência possível".

Ainda segundo a manifestação da Aeronáutica, o afastamento não significa que os integrantes do comando da unidade tenham sido considerados culpados antes da conclusão das investigações.

O inquérito, de responsabilidade da Diretoria de Material Bélico da Aeronáutica, deverá ser concluído em até 40 dias.

Na segunda nota, divulgada no início da noite, a Aeronáutica diz que "as informações existentes estão sendo tratadas com sigilo, a fim de garantir o sucesso do processo em andamento".

A Força Aérea não informou, por exemplo, se os cinco militares rendidos eram os únicos que guardavam o depósito no momento do roubo.

Investigações policiais

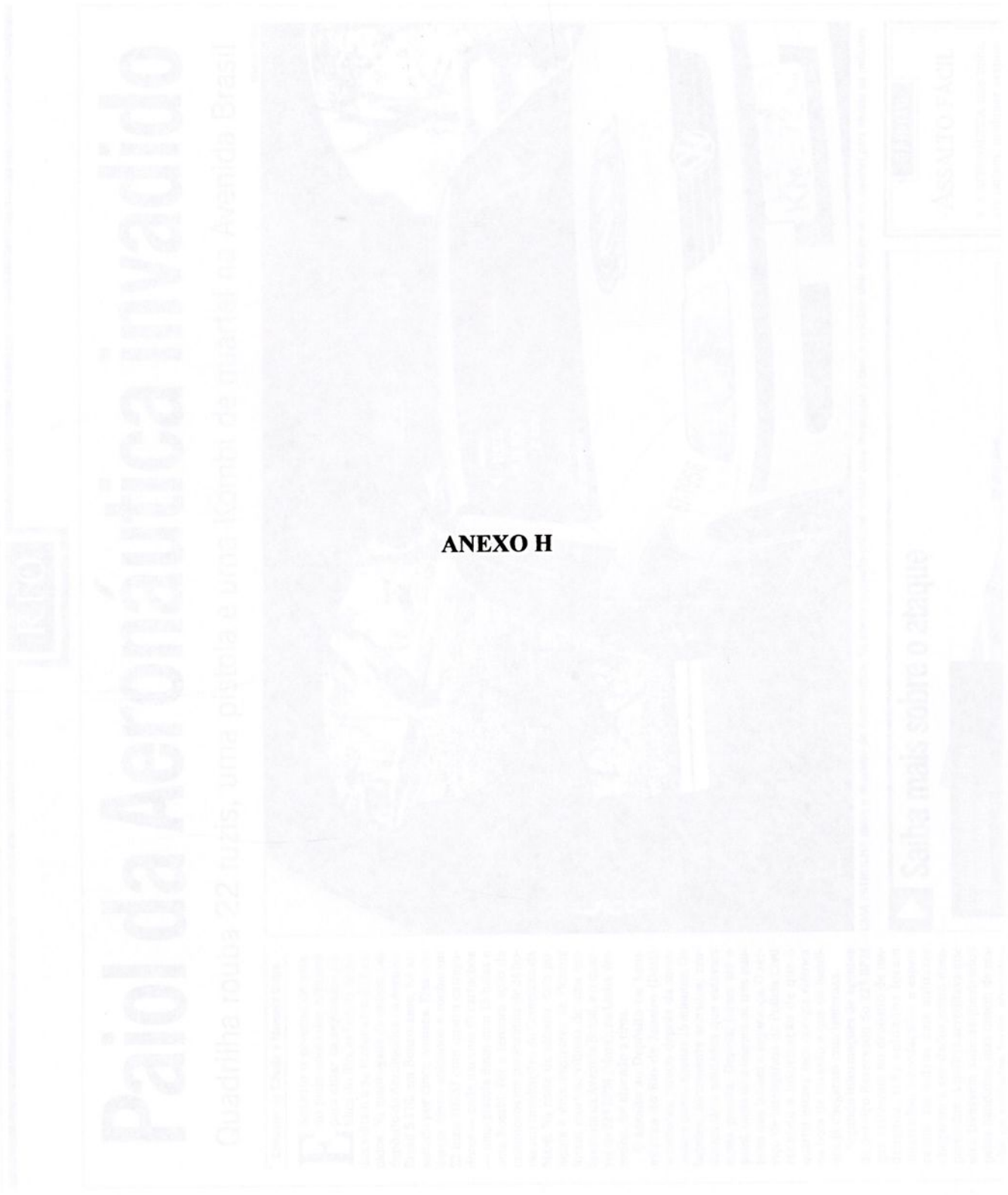
A Polícia Civil do Rio e a Polícia Federal investigam se, em conseqüência das operações policiais nas fronteiras e de apreensões de armamentos em favelas, os traficantes de drogas teriam decidido atacar quartéis das Forças Armadas para reforçar seus arsenais.

Mas os policiais civis e federais que investigam o narcotráfico continuam sustentando que grande parte das armas que estão com as quadrilhas de traficantes é contrabandeada do Paraguai e chega aos grandes centros, como Rio e São Paulo, pelas rodovias.

Os carregamentos entrariam no Brasil pelo Paraná (Foz do Iguaçu) ou pelo Mato Grosso do Sul (Ponta Porã), seguindo para o Sudeste escondidos em cargas de caminhões ou ônibus de turismo.

Bélico Militar quer evitar novos casos em que soldados em ação no Rio feriram ou mataram pessoas, gerando inquéritos militares.

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 unesp 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27



ANEXO H

RIO

Paiol da Aeronáutica invadido

Quadrilha rouba 22 fuzis, uma pistola e uma Kombi de quartel na Avenida Brasil

Marcos Tristão



UMA PATRULHA deixa o depósito da Aeronáutica: foi aberto inquérito-policial militar para investigar o caso e policiais civis estiveram no quartel para ajudar os militares

Cristiane de Cássia e Marcelo Dutra

Enquanto o governo do estado pede apoio dos militares para atuar na segurança pública do Rio, as Forças Armadas voltam a se tornar alvo de bandidos. Na madrugada de ontem, um depósito da Aeronáutica na Avenida Brasil 5.176, em Bonsucesso, foi assaltado por cinco homens. Eles renderem cinco soldados e roubaram 22 fuzis HK-33 com quatro carregadores — cada um com 40 cartuchos — uma pistola 9mm com 15 balas e uma Kombi. Foi a terceira ação de criminosos em pouco mais de 24 horas nas imediações do Complexo da Maré. Na noite de sábado, dois policiais e dois vigilantes da Fiocruz foram mortos, vítimas de uma emboscada na Avenida Brasil, e o quartel do 22º BPM (Maré), na Linha Vermelha, foi atacado a tiros.

O assalto ao Depósito de Aeronáutica do Rio de Janeiro (Darj) aconteceu pouco depois da meia-noite e durou apenas 15 minutos. Os ladrões, fortemente armados, renderam dois soldados que estavam numa guarita. Depois, foram até o paiol, onde dominaram os três militares que faziam a segurança. O serviço de inteligência da Polícia Civil recebeu a informação de que o quartel estava sem energia elétrica na hora da invasão e que os bandidos já chegaram com lanternas.

Segundo informações de agentes do Serviço Reservado do 22º BPM que estiveram no depósito de madrugada, três soldados foram amarrados, amordaçados e espancados. Os outros dois militares chegaram a ser dados como desaparecidos. A polícia acreditava que eles tivessem sido seqüestrados pelos bandidos, mas ontem de manhã os soldados foram encontra-

Saiba mais sobre o ataque

DEPÓSITO DE AERONÁUTICA DO RIO DE JANEIRO

Por volta da meia-noite de anteontem, homens

22º BPM (Maré)

OPINIÃO

ASSALTO FÁCIL

• A AERONÁUTICA não tinha, até ontem, qualquer respon-

esconderam com medo dos criminosos. Os assaltantes fugiram roubando uma Kombi da Aeronáutica. Segundo policiais civis, eles abandonaram no quartel um carregador de metralhadora com o nome de uma facção criminosa.

Direção do paiol é afastada após roubo

• O caso será investigado pela Aeronáutica num inquérito policial-militar (IPM) instaurado ontem pela Diretoria de Material Aeronáutico e Bélico. O comandante da Aeronáutica, tenente-brigadeiro-do-ar Luís Carlos da Silva, determinou o afastamento de três militares que integravam a direção do depósito. Todos os que trabalham na unidade, mesmo os que estavam de folga, foram convocados ontem para prestar depoimento. Os militares, porém, evitaram dar à imprensa detalhes do assalto e divulgaram apenas uma nota oficial. Policiais civis desconfiam da participação de militares da unidade, porque os bandidos sabiam onde estavam as armas.

Policiais da Delegacia de Repressão a Armas e Explosivos (Drae) e da 21ª DP (Bonsucesso) estiveram no depósito para auxiliar os militares. Segundo o delegado adjunto da Drae, Fernando Albuquerque, os detetives da especializada estão ajudando a Aeronáutica na investigação de outros dois casos de roubos de armas em quartéis. Um deles aconteceu em fevereiro, quando dois fuzis HK-33 foram roubados da Base Aérea de Santa Cruz.

— O roubo das armas é um crime para ser apurado pelos militares, mas estamos dispostos a colaborar caso isso seja solicitado. Nossa competência é investigar o porte e o uso desse armamento — disse ontem o chefe de Polícia Civil, Álvaro Lins, para quem a ação dos bandidos significa que o tráfico está sem armamento.

O comandante do 22º BPM, tenente-coronel Álvaro Garcia, suspeita que os bandidos sejam do Complexo da Maré. Seis favelas do complexo ficam nas imediações do quartel, sendo as comunidades mais próximas a Baixa do Sapateiro e o Tijolinho. Já Lins suspeita do envolvimento de outra facção:

— Nossa suspeita recai sobre integrantes da facção de Robson André da Silva, o Robinho Pinga — disse o chefe de Polícia, referindo-se ao traficante que controla a Favela da Coréia, em Senador Camará, onde há duas semanas foram encontrados 161 granadas, oito minas e 30 mil projéteis.

Durante todo o dia de ontem, dois helicópteros da Polícia Militar e um da Polícia Civil sobrevoaram várias favelas do Rio para tentar localizar a Kombi roubada da Aeronáutica. O veículo foi encontrado no fim da tarde na Avenida Brasil, na altura de Realengo, próximo à Rua Manaus. Dentro dele, só havia um carregador.

Durante as buscas à Kombi, no Conjunto Amarelinho, em Irajá, policiais militares desceram de helicóptero em cordas para abordar dois homens suspeitos num Vectra. Com eles, foram apreendidos 30 quilos da maconha.

O tipo de fuzil roubado da Aeronáutica é considerado por especialistas um dos melhores do mundo. Fabricado na Alemanha, o HK-33 é usado no Brasil principalmente por tropas de elite da Aeronáutica. De calibre 5.56, tem alto poder de fogo. Essa arma tem 91,9 centímetros de comprimento e pesa 3,9 quilos. ■

COLABORARAM: *Ana Cláudia Costa, Antônio Werneck e Vera Araújo*

► **NO GLOBO ONLINE:**
Veja as imagens do local
www.oglobo.com.br/rio



BANDIDOS ATACAM UNIDADES MILITARES PARA ROUBAR ARMAS E MUNIÇÃO

• Bandidos já atacaram outras vezes unidades das Forças Armadas ou áreas controladas por militares. Em fevereiro deste ano, dois fuzis HK-33 (mesmo modelo do que foi roubado na madrugada de ontem da Darj) foram levados da Base Aérea, em Santa Cruz. A Aeronáutica abriu inquérito policial-militar para apurar o roubo. Os ladrões, segundo dois soldados, estavam encapuzados e fardados.

Em 18 de junho do ano passado, um bando armado de fuzis trocou tiros com militares do Exército ao tentar invadir o 3º Batalhão de Infantaria (3º BI), em São Gonçalo. Cerca de dez bandidos atiraram contra os sentinelas das guaritas próximas ao paiol da unidade. O tiroteio para defender o quartel da invasão durou mais de seis horas. O ataque, curiosamente, aconteceu dois dias depois da descoberta de um roubo no paiol do 3º BI, que levou à detenção preventiva de 700 militares. Dois meses depois, o Exército anunciou a prisão dos responsáveis pelo roubo: um cabo, dois soldados e um ex-soldado. Um quinto homem ainda é procurado.

Em agosto de 2002, o Parque de Material Bélico da Aeronáutica (PAMB), na Ilha do Governador — uma unidade de segurança máxima da FAB, com sistemas modernos para detectar até mesmo o deslocamento de um simples camundongo — foi invadido por cinco homens que roubaram 11 fuzis HK-33 e cinco pistolas Taurus calibre 9mm. No mesmo PAMB, houve desvio de armas e munição em 2002 e 2003.

Ainda em agosto, um grupo de homens armados invadiu o Posto de Transmissão da Estação de Rádio da Marinha, na Rodovia Washington Luiz, em Duque de Caxias. A quadrilha fugiu levando seis fuzis FAL calibre 7,62; duas pistolas Taurus calibre 9mm; oito capacetes; oito coletes à prova de balas; e aproximadamente 300 projeteis para fuzil e pistola.

No ano anterior, em 6 de agosto, ladrões passaram por 18 guaritas do Exército e roubaram R$ 1,6 milhão de sete caixas eletrônicos do Banco do Brasil na Vila Militar de Deodoro. Em 12 de janeiro de 2000, três assaltantes roubaram seis fuzis e uma pistola do Exército após invadir a Vila Militar da Babilônia, no Leme.

Bancos em unidades militares já tinham sido são alvo de bandidos antes em ações igualmente ousadas. Em 15 de janeiro de 1999, dois assaltantes roubaram mais de R$ 28 mil da agência do Banco Real no Palácio Duque de Caxias, sede do Comando Militar do Leste (CML), no Centro. Em 1998, a segurança do CML já havia sido posta em xeque quando, no dia 5 de dezembro, um homem roubou sozinho R$ 10 mil do posto do Bradesco no pátio do prédio.

É INCONCEBÍVEL que autoridades militares ignorassem que um depósito de armamentos, localizado em área de vulnerabilidade conhecida — a Avenida Brasil, em Bonsucesso — seria forte tentação para os muitos traficantes e outros bandidos da região.

MAS O assalto da madrugada de ontem mostrou a inexistência de qualquer proteção especial para o arsenal. Um grupo de bandidos levou o que quis com a facilidade de quem assalta um jardim de infância.

A TÃO discutida participação das Forças Armadas na luta contra os bandidos do Rio pode começar com uma providência unilateral que dispensa acertos e acordos: a colocação de sólidas trancas nas portas dos quartéis.

ANEXO I

RIO *Pai diz que teve de transportar cadáver do filho de 14 anos porque a polícia não subiria o morro; policiais vêem armação de traficante*

Corpo é levado em carrinho de mercado

Osvaldo Praddo/Agência "O Dia"



O corpo do menino Célio Reis Timóteo, 14, após ser deixado nas proximidades de posto policial

ANTÔNIO GOIS
DA SUCURSAL DO RIO

A guerra do tráfico no Rio produziu ontem mais uma imagem da barbárie. O menino Célio Reis Timóteo, 14, foi assassinado com tiros de fuzil no morro do Zinco (zona central) e teve seu corpo levado em um carrinho de supermercado até o pé do morro, próximo da rua Frei Caneca.

No mês passado, na Rocinha (zona sul), o corpo de um suposto traficante morto em confronto com a polícia foi carregado em um carrinho de mão.

O pai de Célio, Alfredo Timóteo, 57, afirmou ontem que, em companhia de um outro filho, de oito anos, teve que carregar o corpo porque "sabia que a polícia não subiria no local de madrugada" por se tratar de área de risco.

A Polícia Civil suspeita, no entanto, que o corpo tenha sido carregado por traficantes do morro do Zinco, que teriam orientado Timóteo a contar outra versão.

Discussão e morte

O assassinato do garoto aconteceu na madrugada de ontem e teria começado com uma briga de família. Segundo relato de Timóteo, Célio e Edilson Siqueira, 30, seu sobrinho, moravam com ele na mesma casa e começaram a discutir após o jantar de domingo. O pai afirma que Siqueira havia entrado para a organização criminosa ADA (Amigo dos Amigos), chefiada no morro do Zinco pelo traficante Irapuan David Lopes, o Gangan.

Timóteo, que trabalha como vendedor de sucata e disse ter mais três filhos, relata que Siqueira queria despejar sua família da casa onde moram. "Mas meu filho era tinhoso [teimoso] e brigava muito com ele", disse.



Após nova discussão, Siqueira teria chamado oito traficantes para assassinar Célio. O pai da vítima contou que os traficantes, por volta de meia-noite, invadiram sua casa e levaram o adolescente. Após alguns minutos, ele ouviu tiros e, ao sair de casa, viu que seu filho de 14 anos estava morto.

Timóteo afirmou que foi então à 6ª Delegacia de Polícia (Cidade Nova) para pedir orientação e que, em nenhum momento, achou que os policias iriam subir o morro naquela hora.

O delegado-titular da 6ª DP, Ricardo Dias Teixeira, afirmou ontem que os policiais de plantão orientaram Timóteo a não voltar para o morro porque ele poderia sofrer represálias do tráfico por ter delatado seu sobrinho.

Timóteo afirmou, no entanto, que decidiu voltar porque teve, por intermédio de um amigo, a garantia de Gangan de que poderia subir para pegar o corpo.

Segundo Teixeira, a orientação da Secretaria de Segurança Pública do Rio em casos como este, em que o corpo está numa área de risco, é esperar reforço da Polícia Militar para que os peritos da polícia e os funcionários da Defesa Civil subam em segurança. "Há uma equipe treinada do Batalhão de Choque e do Batalhão de Operações Especiais para garantir que o trabalho seja feito sem risco nesses casos", disse o delegado.

Dificuldades físicas

Teixeira afirmou ainda que em nenhum momento os policiais orientaram Timóteo a transportar o corpo de seu filho até o pé do morro. Ele suspeita que os próprios traficantes, para evitar que a polícia subisse, tenham levado o corpo de Célio no carrinho.

"Ele é um homem com dificuldades físicas. Dificilmente carregaria o corpo sozinho num carrinho. Como pai, ele também provavelmente teria o cuidado de colocar ao menos um pano em cima do corpo, o que não aconteceu. Além disso, temos informações de que, quando ele voltou para o morro após ter vindo da delegacia, o corpo já estava no local onde foi encontrado", afirmou.

A assessoria de imprensa da Secretaria de Segurança Pública do Rio confirmou que a orientação é que, em casos como este, os peritos e os bombeiros da Defesa Civil entrem em áreas de conflito protegidos pela Polícia Militar.

Segundo a assessoria de imprensa da Defesa Civil, um cadáver encontrado na rua só pode ser transportado para o Instituto Médico Legal depois que a polícia examinar o local. Ainda de acordo com a assessoria, a Defesa Civil foi acionada às 6h20 e o corpo chegou ao IML às 8h20.

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 unesp 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27

ANEXO J

Mais um corpo num carrinho

Sem ajuda da polícia e dos bombeiros, pai retira sozinho cadáver do filho de favela

Ana Cláudia Costa

A imagem do corpo de um bandido sendo carregado por um PM num carrinho de mão marcou os conflitos na Favela da Rocinha, em abril deste ano, e percorreu o país e o mundo. Uma cena parecida se repetiu na madrugada de ontem no Morro do Zinco, no Estácio, na região central do Rio, onde o tráfico trava uma guerra pouco conhecida, mas que acontece há mais de seis meses. Sem ajuda da polícia ou do Corpo de Bombeiros, o biscateiro Alfredo Timóteo, de 57 anos, levou o cadáver do filho, de 14 anos, num carrinho de supermercado até uma das entradas do complexo penitenciário da Frei Caneca.

O pai contou que, antes de decidir levar o corpo, pediu ajuda na 6ª DP (Cidade Nova) e lá foi aconselhado a não voltar ao morro. Desesperado, ele contou ter retornado ao lugar do crime, pedido permissão ao chefe do tráfico local, Irapuan David Lopes, o Gangan, e descido com o cadáver do filho, deixando-o, por volta de 2h30m, na Frei Caneca. O delegado Ricardo Teixeira, da 6ª DP, disse, no entanto, que o cadáver foi colocado no carrinho pelos próprios traficantes, que mataram o adolescente, e que o pai apenas o tirou da favela. O corpo só foi recolhido pelo Corpo de Bombeiros às 8h10m.

Primo traficante matou o adolescente

• O adolescente, Célio Reis Timóteo, foi assassinado pelo primo, que pertence à quadrilha de Gangan. Identificado pela polícia como Mar-

Mariziida Cruppe



O CORPO de Célio, de 14 anos, deixado num carrinho de supermercado em frente ao complexo penitenciário da Frei Caneca

Execução de 6 jovens acirrou violência

• A guerra entre traficantes dos morros de São Carlos e da Mineira acirrou-se em novembro do ano passado. Naquele mês, seis jovens que iam para uma festa de Irapuan David Lopes, o Gangan, no São Carlos, foram executados com tiros de fuzil no Morro do Zinco, depois de o motorista da van em que eles viajavam ter errado o caminho e entrado na favela. Para vingar-se, Gangan tomou em março deste ano, após 15 dias de confrontos, o controle da venda de drogas no Zinco.

O bandido controla o tráfico não só no São Carlos e no Zinco, como também nos morros da Coroa e do Querosene. Sua quadrilha está em confronto constante com uma facção criminosa que domina o tráfico nos vizinhos morros da Mineira, do Fallet e do Fogueteiro.

A guerra já fez uma série de vítimas. Em abril deste ano, bandidos feriram três policiais ao atirar contra um helicóptero que sobrevoava os morros da Mineira e de São Carlos. No início deste mês, uma bala perdida de fuzil feriu de raspão uma menina de 5 anos na Cidade Nova. No dia 14 passado, um bebê de 10 meses foi ferido por uma bala perdida no Morro da Coroa, em Santa Teresa.

vítima, matou o primo devido a uma briga de família pela posse de uma casa na Rua São José Operário, na divisa dos morros do Zinco e da Mineira. Alfredo contou que o sobrinho queria expulsá-los, mas não contava com a resistência de Célio. Edilon, de acordo com a polícia, é procurado por ter cometido dois homicídios em Niterói.

Segundo o delegado Teixeira, apesar de o pai da vítima garantir que Célio não atuava no tráfico, a delegacia recebeu informações de que o rapaz foi executado por ter mudado de facção criminosa. Por volta dos 30 minutos de ontem, Marcos Edilon discutiu com Célio, retirou-o de casa quando ele jantava e, com oito cúmplices e na frente de um irmão de 8 anos da vítima, fuzilou-o no alto do morro. Antes do crime, os marginais ainda comeram, reviraram a casa, roubaram objetos de valor e quebraram móveis. Começava então, segundo Alfredo, sua via-crúcis para remover o corpo:

— Meu filho brigava com o primo a toda hora. Agora mataram meu menino. Ele jogava futebol e não tinha envolvimento com o tráfico — disse.

Polícia nega ter recusado ajuda

• Na 6ª DP, o delegado Ricardo Teixeira, a princípio, informou que não havia registro de pedido para remoção de cadáver do Zinco durante a madrugada. Após ser informado pela imprensa e ouvir o depoimento de Alfredo, o delegado disse que o pai do rapaz apenas comunicara o fato à delegada de plantão, que o aconselhou a não voltar ao morro àquela hora. Ontem de madrugada, traficantes dos morros do Zinco e da Mineira voltaram a trocar tiros. O confronto começou pouco depois de meia-noite, durou cerca de meia hora e recomeçou às 2h30m.

O delegado Teixeira disse que, para subir o morro durante a madrugada, é preciso o reforço de equipes como a da Core. Ele afirmou que a polícia nunca se recusaria a entrar numa favela para retirar um cadáver.

— Liguei para a delegada de plantão e ela me disse que recebeu o comunicado e pediu reforço da Coordenadoria de Recursos Especiais (Core), a presença da perícia e da Polícia Militar para retirar o corpo do morro. No entanto, o pai do rapaz saiu assim mesmo, disposto a retirar o cadáver do local — disse o delegado.

O delegado informou que a primeira equipe a chegar ao lugar onde há um corpo deve ser da PM, para resguardar a cena do crime. Em seguida, a perícia deve fazer seu trabalho e só depois é emitida, pela delegacia, uma guia de recolhimento de cadáver para que os bombeiros o removam. Essa rotina foi confirmada pelo relações-públicas do Corpo de Bombeiros, tenente-coronel Roni Alberto Fernandes de Azevedo.

Segundo laudo preliminar elaborado pelo Instituto Médico-Legal, Célio levou mais de 20 tiros de fuzil calibre 762, no rosto, no peito, nas costas, no braço e na barriga. O corpo será enterrado hoje no Cemitério do Catumbi.

Não é a primeira perda sofrida por Alfredo por causa da violência. Em 2001, uma filha dele, de 13 anos, foi estuprada e morta em Niterói. Até hoje as circunstâncias do crime não foram esclarecidas. ■

A banalização do desrespeito aos mortos

Para historiador, cena de barbárie lembra grandes epidemias e Segunda Guerra Mundial

Ruben Berta

• A cena vista ontem no Morro do Zinco se encaixaria perfeitamente em situações como uma sangrenta ditadura, uma epidemia ou uma catástrofe, de acordo com o historiador Milton Teixeira. Segundo ele, o corpo sendo carregado num carrinho de supermercado é a imagem de uma cidade onde impera uma grande convulsão social:

— A preservação do corpo é algo muito antigo, de mais de 80 mil anos, quando começaram os primeiros enterros. Cenas de barbárie como esta só foram comuns recentemente em grandes epidemias, como a da gripe espanhola, em 1918, ou mesmo na Segunda Guerra Mundial, quando há relatos inclusive de que corpos chegaram a ser usados pelos nazistas para tapar buracos na Rússia. Aqui no Brasil, os relatos mais fortes são dos séculos XVI, XVII e XVIII, quando os corpos dos escravos eram jogados nas praias, e, mais recentemente, dos períodos das ditaduras, principalmente o Estado Novo — disse o historiador.

O sociólogo, cientista político e professor da Uerj Geraldo Tadeu vai além. Para ele, uma cena como a vista ontem no Rio extrapola inclusive situações de guerra, em que pelo menos existem regras para o confronto:

— Nas guerras, existem ao menos as convenções internacionais, que foram feitas para proteger inclusive a integridade dos corpos, o que não existe na guerra do tráfico — disse o sociólogo.

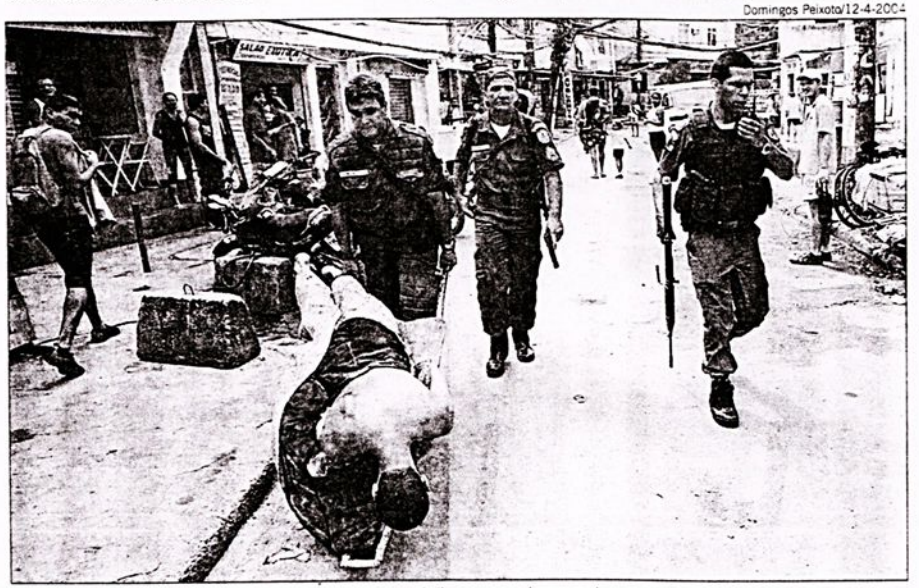
Tadeu disse ainda que a morte do jovem de 14 anos retrata um estado onde tem imperado a política de enfrentamento e de pouco respeito aos direitos humanos. Segundo ele, a média estadual de mortes de jovens entre 15 e 24 anos supera em quase dez vezes a média nacional:

— Estamos presenciando o extermínio de uma geração.

O antropólogo Gilberto Velho teme que a cena já seja mais uma a se tornar uma rotina na cidade. No dia 12 de abril, na Favela da Rocinha, um corpo já havia sido levado por um policial militar num carrinho de mão até uma entrada do morro, após um confronto com traficantes:

— É trágico, mas já estamos nos acostumando com isso. É a mesma falta de respeito que já acontece nos cemitérios clandestinos, ou mesmo com as famílias dos milhares de desaparecidos que não têm sequer o corpo do parente para enterrar — disse o antropólogo.

Domingos Peixoto/12-4-2004



DURANTE A guerra do tráfico na Favela da Rocinha em abril, um corpo é carregado num carrinho de mão por um policial

Outros casos degradantes

• A guerra do tráfico não poupa suas vítimas nem mesmo depois da morte. Traficantes costumam exibir ou esquartejar seus inimigos mortos. Um exemplo da selvageria era a existência do "microondas" no alto do Complexo do Alemão, uma gruta onde a quadrilha de Elias Pereira da Silva, o Elias Maluco, queimava os corpos de seus rivais.

Em 1996, uma cena na Favela de Aço, em Santa Cruz, chocou a cidade: corpos foram estendidos por traficantes sobre imensas manilhas. No mesmo ano, o corpo de um homem ficou exposto nove dias num terreno baldio na Favela do Dique, em Vigário Geral. Os moradores, incomodados com o mau cheiro, tentaram queimar o cadáver.

Em 10 de maio de 1995, os corpos de 11 traficantes mortos pela polícia foram arrastados pelas vielas da Favela Nova Brasília, no Complexo do Alemão. Os policiais levaram os cadáveres em lençóis ou pelos braços até a parte de baixo da favela, e lá os amontoaram numa Kombi da Comlurb.

unesp

ANEXO K

SOCIEDADE *Evento se torna ato contrário à política de Bush sobre tema; entre 500 mil e 750 mil participam, segundo organizadores*

Marcha pró-aborto reúne multidão nos EUA

FERNANDO CANZIAN
DE WASHINGTON

Entre 500 mil e 750 mil pessoas, segundo os organizadores, participaram ontem, em Washington, de uma marcha pró-aborto e em defesa dos direitos das mulheres.

Foi a maior manifestação sobre o tema no país desde 1992, quando 500 mil pessoas se reuniram na capital para defender a prática.

Em um país dividido politicamente, a manifestação reproduziu, com gritos e ataques, as diferenças entre os eleitores do presidente George W. Bush e simpatizantes do seu virtual opositor para a eleição em novembro, o democrata John Kerry.

Vestidos com camisetas rosas em sua maioria, os milhares de manifestantes, sobretudo mulheres e adolescentes, gritavam o tempo todo slogans contra Bush e a favor do aborto.

"Hey George, get out of my bush", diziam os manifestantes em um trocadilho com o nome do presidente que pedia a Bush para deixar em paz a área dos pêlos pubianos das mulheres.

Bush é contra o aborto, assinou recentemente lei proibindo a prática para alguns casos (alegando razões médicas) e, em seu primeiro dia como presidente, cortou verbas públicas dos EUA para grupos no exterior que executam ou defendem o procedimento.

Kerry, por seu lado, é a favor do aborto e disse, há poucos dias, que endossava a marcha realizada ontem. Ele não compareceu, mas a senadora democrata Hillary Clinton foi uma das primeiras a chegar e a discursar no evento.

Várias atrizes, como Sharon Stone e Demi Moore, também estiveram na manifestação, que durou mais de sete horas entre o início da concentração e seu final.

Nas esquinas por onde passavam, os barulhentos manifestantes eram recebidos aos gritos por grupos contrários ao aborto que chamavam os passantes de "pervertidos". "Bando de pecadores. Assassinos de crianças inocentes. Pervertidos sem alma", gritava Bill Collins, do Estado de Maryland, em um megafone contra os manifestantes. Ao seu lado, um grupo religioso trazia cartazes vaticinando a "ira de Deus" contra os presentes —que riam e vaiavam em resposta.

Mais de 1.400 grupos pró-aborto e de defesa dos direitos das mulheres participaram da manifestação, que atraiu milhares de pessoas de outros Estados.

Mais de 800 ônibus começaram a chegar no sábado a Washington, que registrou um movimento incomum no final de semana. Segundo os organizadores, havia representantes de 50 países.

"Fiz dois abortos e não me arrependo. Jamais teria terminado a faculdade se tivesse sido mãe tão cedo", disse Jane Ghertz, 44, que batia um bumbo ao lado de sua filha Meg, de 14 anos.

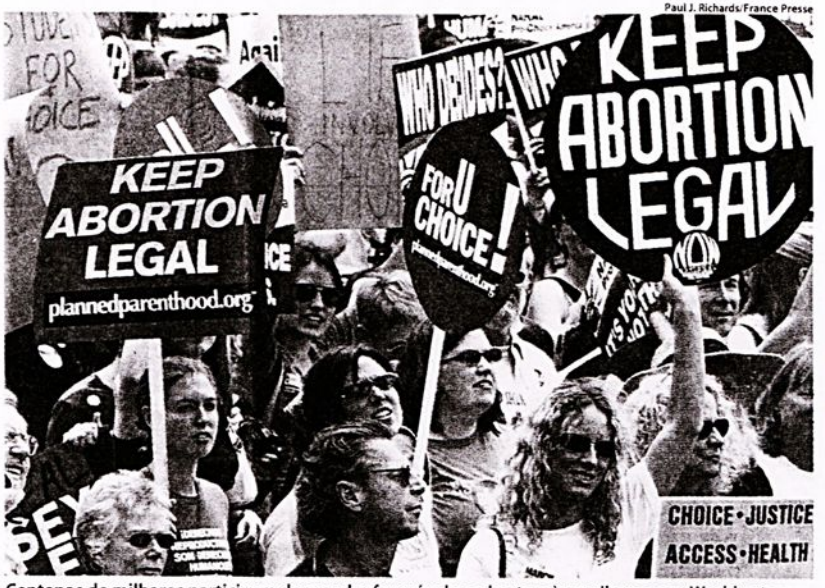
Cerca de 60% dos americanos são a favor do aborto. Entre os republicanos do partido de Bush a proporção é de 46%, segundo pesquisa da rede ABC.

A prática do aborto foi legalizada nos EUA em 1973 por decisão da Suprema Corte e é um dos temas mais sensíveis da atual campanha eleitoral —que divide o país, principalmente, em questões de costumes.

Assim como boa parte dos presentes, Chris Kroogs, 24, moradora de Nova York, foi à manifestação com botons fornecidos pela campanha de Kerry. "Precisamos salvar esse país das mãos de Bush nessa eleição", disse.

Aproveitando a concentração de milhares de pessoas mais liberais, o Partido Democrata montou diversas mesas no centro da cidade onde fez ontem uma agressiva campanha de registro de eleitores.

Paul J. Richards/France Presse



Centenas de milhares participam de marcha favorável ao aborto e às mulheres, em Washington

Lawrence Jackson/Associated Press



A senadora Hillary Clinton conversa com Vanessa, filha do democrata Kerry, em ato pró-aborto

Pró-aborto, Kerry comunga apesar de cardeal reprovar

DA REDAÇÃO

O virtual candidato democrata à Presidência dos EUA, o católico John Kerry, comungou normalmente, anteontem, na igreja que freqüenta em Boston, apesar da oposição manifestada pelo cardeal nigeriano Francis Arinze.

Ante a polêmica gerada pelas declarações de Arinze, dezenas de fotógrafos foram à igreja com Kerry para acompanhar a missa.

O cardeal nigeriano afirmou, na última sexta-feira, que os políticos que defendem o aborto "não são aptos" a comungar. Nas últimas semanas, representantes americanos da Igreja Católica expressaram uma opinião similar.

Pouco depois das declarações de Arinze, Kerry reuniu-se com os organizadores da manifestação pró-aborto ocorrida ontem, em Washington.

Recentemente, o Vaticano exortou políticos católicos a defender práticas católicas publicamente. Se eleito, Kerry será o segundo presidente católico dos EUA. John Kennedy, na década de 60, foi o primeiro.

Representantes de grupos católicos favoráveis ao aborto acusaram o Vaticano de não compreender que há uma separação entre a igreja e o Estado nos EUA.

Com agências internacionais

ANEXO L

Mais uma guerra para Bush

Marcha pró-aborto reúne centenas de milhares em Washington e vira ato político

WASHINGTON

Uma gigantesca manifestação pelo direito de aborto tomou conta ontem do centro da capital americana, transformando-se num protesto contra o presidente George W. Bush, e abrindo espaço para que opositores democratas pedissem votos para seu adversário na campanha presidencial, o senador John Kerry — favorável ao aborto, embora católico. Bush é contra o aborto, e democratas querem transformar a questão num tema central da campanha para as eleições de novembro.

Batizado de Marcha pela Vida das Mulheres, o protesto reuniu no Mall, diante do Capitólio (Congresso), centenas de milhares de pessoas (na maioria mulheres) que questionaram a decisão de Bush de impedir o financiamento de programas de planejamento familiar que admitam o aborto, nos EUA e em outros países.

Segundo organizadores, a marcha reuniu um milhão de pessoas, o que a tornaria o maior protesto já ocorrido em Washington. Em 1992, uma manifestação contra o aborto atraiu cerca de 500 mil pessoas. Um protesto contra a Guerra do Vietnã com 600 mil pessoas, em 1969, é considerada a maior manifestação já ocorrida em Washington.

Cerca de 1.400 grupos de 57 países e americanos vindos de várias partes dos EUA participaram da manifestação de ontem. Com camisetas nas cores rosa e roxa, mulheres ergueram cartazes com frases como "EUA, fora do meu útero", "Vasectomia para os republicanos" e "Corra, Bush, corra — as feministas estão chegando". Desafiando grupos anti-aborto apoiados pelo governo — e que incluem movimentos radicais de perseguição a médicos que praticam aborto — estudantes de medicina carregaram cartazes em que anunciavam pertencerem à nova geração de provedores de aborto.

Quando a multidão seguia em direção à Casa Branca, deparou-se com centenas de manifestantes anti-aborto, que cantavam hinos e exibiam fotos de fetos e cartazes com frase como "Aborto mata bebês" e "Kerry=Assassino de bebês".

AP

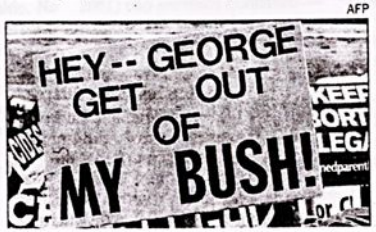


UMA MULTIDÃO segue pela Avenida Pensilvânia, em Washington, atrás da faixa em que se lê: "Marcha pela Vida das Mulheres": protesto gigante na capital

AP



AFP



Hillary discursa e pede

Kerry desafia o Vaticano

Político comunga em Boston

votos para John Kerry

• Embora o protesto não fosse partidário — contando inclusive com adesão do movimento Republicanos pela Escolha — os discursos tiveram como maior alvo o presidente. A senadora Hillary Clinton aproveitou para pedir votos para Kerry.

— Não tivemos que fazer passeatas durante 12 anos porque tivemos um governo que respeitava os direitos das mulheres. A única maneira de evitar novas e repetidas marchas é elegendo John Kerry presidente — disse a mulher do ex-presidente Bill Clinton.

Hillary foi um dos muitos oradores que consideraram o protesto apenas o começo de uma mobilização política que vai se ampliar ao longo do ano. Segundo ela, aquela era uma marcha "não apenas pela vida das mulheres, mas para levar energia à eleição de novembro".

— Qualquer mulher que vier marchar hoje e não registrar seu voto estará perdendo o seu tempo e o nosso — disse Hillary.

A marcha aconteceu após derrotas de grupos pró-aborto. No início do mês, Bush aprovou uma lei que dá ao feto status jurídico, de modo que, no caso de assassinato de uma mulher grávida, o criminoso poderia ser acusado de duplo homicídio. Os grupos anti-aborto consideraram a medida um passo para criminalizar o aborto. No final do ano passado, Bush aprovou uma lei que proíbe o aborto em fase tardia de gravidez. Durante a última manifestação anual de grupos anti-aborto, em janeiro, o presidente afirmou que eles lutavam por "uma causa nobre".

Uniram-se à passeata Madeleine Albright, secretária de Estado no governo Clinton, e estrelas de Hollywood como Susan Sarandon, Ashley Judd, Kathleen Turner, Cybill Shepherd e Whoopi Goldberg, ela própria uma das organizadoras do evento. Exibindo um cabide (símbolo de abortos ilegais), Whoopi disse à multidão:

— Estamos a um voto de voltar a isto!

O aborto foi legalizado nos EUA em 1973, com uma histórica sentença da Suprema Corte.

Nem Bush nem Kerry estavam em Washington. Karen Hughes, assessora de Bush, foi ontem à TV CNN para elogiar as ações do presidente para as mulheres e dizer que ele emprega mais mulheres em funções elevadas do governo do que qualquer outro presidente. Karen afirmou ainda que os ativistas pró-aborto estão agindo contra uma tendência de valorização da vida fortalecida no país com os atentados do 11 de Setembro.



HILLARY (à direita) com Vanessa, filha de Kerry AP



AS ATRIZES Heather Thomas e Whoopi Goldberg



MANIFESTANTES em Washington: contra Bush

— Acho que depois do 11 de Setembro os americanos estão valorizando mais a vida e precisamos de políticas para valorizar a dignidade e a riqueza de cada vida — disse ela. — O presidente Bush tem trabalhado para dizer "vamos trabalhar para valorizar a vida, reduzir o número de abortos e incentivar adoções". E eu acho que estas são políticas que os americanos podem apoiar, particularmente num momento em que enfrentamos um inimigo e, realmente, a questão fundamental entre nós e a rede terrorista contra a qual lutamos é que valorizamos cada vida. ■

► **NO GLOBO ONLINE:**
Veja imagens da manifestação
www.oglobo.com.br/mundo

• BOSTON. O candidato democrata à Presidência dos Estados Unidos, John Kerry, comungou durante uma missa no sábado, na igreja católica que freqüenta habitualmente, a Igreja de São Paulo, em Boston, apesar da oposição manifestada pelo Vaticano. Na sexta-feira, o cardeal nigeriano Francis Arinze — várias vezes apontado como possível sucessor do Papa João Paulo II — disse que políticos católicos que defendem o aborto "não estão aptos à comunhão".

As posições de Kerry — favorável ao aborto e a pesquisas biológicas de ponta, como aquelas realizadas com células-tronco de embriões, condenadas pelo Vaticano — têm preocupado bispos católicos americanos e ameaçado um possível apoio ao candidato. Embora não tenha ido à passeata de ontem em Washington, Kerry reuniu-se com as organizadoras do movimento. Na reunião, o senador ratificou sua posição a favor do direito ao aborto.

. O porta-voz da Arquidiocese de Boston, Christopher Coyne, disse que o distrito "não nega a comunhão a ninguém". Ele contou que havia contactado os responsáveis pela igreja para garantir que não haveria qualquer problema com a comunhão de Kerry. Dezenas de jornalistas acompanharam a missa.

A Igreja de São Paulo de Boston, que Kerry freqüenta, é muito mais progressista do que o Vaticano. Recebe habitualmente casais homossexuais e divorciados — o próprio Kerry separou-se de sua primeira mulher e é casado pela segunda vez.

Aliança entre Kirchner e Duhalde começa a ruir

Presidente argentino e seu antecessor trocam acusações que podem abalar Partido Justicialista

Janaína Figueiredo
Correspondente

• BUENOS AIRES. A aliança entre o presidente da Argentina Néstor Kirchner e o ex-presidente Eduardo Duhalde (2002-2003), selada pouco antes das eleições presidenciais do ano passado para impedir o retorno de Carlos Menem (1989-1999) ao poder, começou a mostrar fissuras. Longe dos elogios que trocaram nos últimos meses, Kirchner e Duhalde iniciaram uma disputa pública que promete abalar o governo e complicar a ação do Partido Justicialista (PJ) no Congresso.

A briga entre os dois caciques peronistas começou semana passada, quando Duhalde assegurou que "a Argentina ainda não se tornou um país confiável". As declarações provocaram a ira de Kirchner e seus colaboradores, que contra-atacaram com artilharia pesada.

— As desvalorização do peso (aplicada por Duhalde em janeiro de 2002) foi mal feita — afirmou o presidente.

Kirchner nunca escondeu suas divergências em relação à forma em que foi abandonado o regime de paridade entre o dólar e o peso. De fato, este foi um dos motivos pelo qual não aceitou integrar o governo de transição liderado por Duhalde. No entanto, trazer à memória o caos econômico posterior à renúncia de Fernando de la Rúa (1999-2001) foi considerada uma atitude desnecessária por parte dos duhaldistas. O ex-presidente Duhalde se considera uma espécie de salvador da pátria, e não admite críticas às medidas adotadas durante seu governo.

— Até que o país consiga superar o problema da dívida (leia-se chegar a um acordo com os credores afetados pelo calote decretado em dezembro de 2001) não seremos confiáveis — enfatizou Duhalde.

O ex-presidente foi ainda mais longe e atreveu-se a defender seu arquiinimigo Carlos Menem. Perguntado sobre o pedido de captura internacional ordenado pela Justiça argentina, Duhalde afirmou que o processo contra Menem "é pouco sério". Mais uma alfinetada em Kirchner, que pretende fazer tudo o que estiver ao seu alcance para que Menem seja preso.

O presidente chegou à Casa Rosada, em grande medida, graças aos votos da província de Buenos Aires, terra dominada há anos por Duhalde. Resta saber se Kirchner, que em breve completará um ano de governo, está pronto para romper a aliança com Duhalde e disputar a liderança do PJ. ■

NOTA

• MORTES NA INDONÉSIA
Pelo menos 10 pessoas morreram e 90 ficaram feridas em brigas entre cristãos e muçulmanos na cidade de Ambon, na Indonésia. Uma igreja católica e um escritório da ONU foram queimados. Foi o pior dia de violência na capital da província de Molucas desde que as facções assinaram um acordo de paz, em fevereiro de 2002. Testemunhas escutaram tiros e explosões, embora a maior parte das brigas tenha sido com pedras e facas.

ANEXO M

DISTRITO FEDERAL *Vítima tinha 17 anos*

Aluna mata colega a facadas em escola

DA SUCURSAL DE BRASÍLIA

Uma menina de 16 anos matou uma colega de 17 com uma faca de açougueiro ontem dentro de uma escola pública de Planaltina, Distrito Federal, pela manhã.

Segundo Reginaldo Borges, delegado-chefe do DCA (Delegacia da Criança e do Adolescente), F., 16, disse que teve uma briga no sábado com C., 17, pois estava com um ex-namorado da vítima numa festa de aniversário.

C., diz o delegado, tentou impedir a entrada do casal e, durante a celebração, continuou a molestar F. No domingo, F. teria decidido matar a colega na escola.

Na hora de preparar o material escolar, F. colocou na mala uma faca de açougueiro, como disse à polícia. Ela esperou no corredor a vítima passar. Quando C. estava perto do banheiro, a agressora chamou sua atenção e enfiou a faca na barriga da jovem.

A vítima saiu correndo em direção à secretaria do colégio. No caminho, F. acertou um segundo golpe. Um professor substituto conseguiu dominar a agressora, quando entraram pela porta da direção, mas C. morreu na sala antes de ser atendida.

Segundo Borges, F. foi recolhida à Promotoria de Justiça de Defesa da Infância e da Juventude. "A pena de correção prevista nesse caso é de três anos", afirmou. A reportagem não conseguiu falar com a adolescente.

Edilson Rodrigues/CBPress



Irmã da aluna morta com golpes de faca em escola no DF chora

ANEXO N

Aluna de 16 anos mata colega por vingança

Na delegacia, agressora disse que não se arrepende e que resolveu cometer o crime por ter sido barrada em festa

Carolina Brígido

• BRASÍLIA. Por vingança, uma estudante de 16 anos matou ontem de manhã a facadas uma colega de 17 na escola pública Stela dos Cherubins, em Planaltina, cidade-satélite a 45 quilômetros de Brasília. Em depoimento na Delegacia da Criança e do Adolescente, a agressora disse que não se arrepende do crime. Aparentando estar tranqüila, ela disse que sabia das conseqüências de seus atos e que, ainda assim, resolveu matar a colega. Após o depoimento, deixou a delegacia sorrindo.

A agressora contou que foi barrada pela vítima, Cácia de Fátima Souza, na festa de aniversário de uma amiga em comum, no sábado à noite. A adolescente acabou tendo a entrada liberada pela dona da casa. No dia seguinte, planejou o crime. Ao arrumar o material escolar, acrescentou uma faca bem afiada.

— Ela contou que botou na mochila, no meio dos livros, uma faca de lâmina grande, dessas que a gente vê nos açougues. Esse é um caso totalmente anormal. É uma barbaridade — disse o delegado Reginaldo Borges, da Delegacia da Criança e do Adolescente.

— Não me arrependi do que fiz, mesmo sabendo que poderia passar três anos no Caje (centro de reclusão para menores em Brasília) — disse a agressora, segundo Borges.

Estudante foi assassinada no intervalo das aulas

A garota foi assassinada no intervalo das aulas, quando ia ao banheiro. Primeiro, recebeu uma facada no abdômen. A agressora chegou a desferir outro golpe e, antes de acertar a colega pela terceira vez, um professor a impediu. Cácia morreu na escola. A agressora foi levada para a delegacia e, em seguida, para a Promotoria da Defesa da Infância e da Juventude. Ela ficará detida no Caje por pelo menos 45 dias, à espera da sentença. É possível que seja punida com a pena máxima, de três anos de encarceramento.

Mesmo acostumado a ouvir relatos violentos, o delegado disse ter ficado chocado com o comportamento da agressora. A adolescente estava acompanhada pela mãe que, segundo o delegado, estava muito abalada.

As duas garotas estudaram na mesma escola no início de 2003. Nos primeiros dias de aula, teriam se tornado amigas e combinaram um acampamento sem o conhecimento dos pais. No entanto, uma das mães descobriu e resolveu matricular a filha em outra escola. As duas discutiram e, desde então, romperam relações. Em 2004, Cácia foi matriculada na mesma escola em que sua ex-amiga passara a estudar. Não voltaram a se falar.

No último sábado, para provocar a colega, a menina que acabou matando a colega resolveu aparecer na festa acompanhada do ex-namorado de Cácia. Por isso a confusão.

Diretor mobiliza professores para evitar trauma

Na escola, o clima ontem era de tragédia. O diretor do colégio, Adimásio Rocha Barreto, mobilizou os professores para enfrentar a situação e tentar diminuir o trauma:

— Vamos trabalhar com os professores e alunos para discutir a violência na escola e nas nossas vidas.

Após o crime, a estudante foi levada para uma das delegacias da Polícia Civil de Planaltina. Lá, o delegado de plantão informou que, por ser menor, ela deveria ser levada para a Delegacia da Criança e do Adolescente. Após prestar depoimento na DCA, ela foi para a Promotoria da Defesa da Infância e da Juventude, onde ficou isolada durante toda a tarde, aguardando a decisão que determinou sua transferência provisória para o Caje.

A decisão teve de ser tomada às pressas porque o Estatuto da Criança e do Adolescente proíbe que o menor infrator seja mantido à disposição da Justiça sem que haja uma sentença condenatória, mesmo que provisória. No período máximo de 45 dias, conforme prevê o artigo 183, a infratora deverá prestar depoimento ao juiz designado para o caso, que decidirá a pena. No Caje, os adolescentes têm acesso a aulas, assistência psicológica e podem trabalhar em projetos internos. ■

Edilson Rodrigues/CB/Press



MARIA JOSÉ de Souza, mãe de Cácia: a família da vítima não quis dar entrevista sobre o caso

Reprodução



CÁCIA: a jovem morta era amiga da agressora

Professores preferem rede particular

De cada cem docentes, 54 matriculam seus filhos em escolas privadas

Rodrigo Rangel

• BRASÍLIA. A maioria dos professores brasileiros se recusa a matricular seus filhos na rede pública durante o ensino fundamental. De cada cem professores, 54 preferem que os filhos estudem em escolas particulares. O dado está numa das mais amplas pesquisas já feitas sobre o perfil da categoria. Elaborado pela Unesco, o estudo foi lançado ontem em Brasília, em solenidade no Ministério da Educação.

A preferência pela rede privada está relacionada à crença de que nas instituições particulares é mais fácil garantir um futuro melhor para as crianças. "Os professores das escolas públicas, por perceberem o impacto dessas diferenças, preferem matricular seus filhos em escolas privadas", conclui texto da pesquisa.

Mesmo entre os professores que ganham até dois salários-mínimos, o índice dos que preferem deixar seus filhos em escola particular é relativamente elevado: 22,8%. Quanto maior a renda mensal, maior é o índice dos que têm filhos matriculados em estabelecimentos privados. Entre os que ganham mais de 20 salários-mínimos (apenas 6,1% do total de professores), o percentual dos que matriculam seus filhos na rede particular de ensino chega a 86,7%.

A pesquisa, antecipada pelo GLOBO no domingo, revela que um terço dos professores do país se classificam como pobres. A maioria estudou na rede pública. E 65,5% possuem renda familiar mensal de dois até dez salários-mínimos. O levantamento mostra ainda que, entre as atividades culturais da categoria, destacam-se os programas domésticos, como assistir a fitas de vídeo. Ir ao cinema, museus e teatros, só de vez em quando. Mais da metade não tem computador nem sabe navegar na internet.

— Os dados revelam a dramaticidade do que vem acontecendo no nosso país nos últimos anos — resume o secretário-executivo do Ministério da Educação, Fernando Haddad, acrescentando que o governo deverá considerar o resultado da pesquisa na definição de políticas públicas voltadas para o magistério.

Diretor do Instituto Internacional de Planejamento da Educação, entidade responsável por um trabalho semelhante na Argentina que inspirou a pesquisa no Brasil, o argentino Juan Carlos Tedesco diz que uma das medidas para acabar com a dramática situação do professor brasileiro é aumentar os salários da categoria. Ele defendeu os aumentos principalmente para aqueles que dão aulas para alunos mais carentes. ■

OPINIÃO

EXCLUSÃO DIGITAL

• O QUADRO revelado pela Unesco é desanimador. Mais da metade dos professores brasileiros não usa a internet; a grande fonte de informações do mundo moderno; sequer o correio eletrônico. Nem em casa, nem na escola.

O PROFESSOR não se conecta na rede em casa porque não tem computador, que ele não pode comprar porque ganha mal; e o computador da escola, quando existe, geralmente está desligado ou ocioso, por falta de manutenção e conhecimento.

ASSIM, UMA ferramenta de importância crescente para o ensino está praticamente fora do alcance dos professores. Pior para os alunos.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 1 12 13 14 15 16 17 18

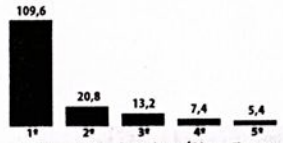
ANEXO O

VACA DOENTE *País suspende importações do produto brasileiro, mas Ministério da Agricultura diz que embargo acaba hoje*

Argentina anuncia veto "virtual" à carne

ARGENTINA É O TERCEIRO COMPRADOR DE CARNE SUÍNA BRASILEIRA

Exportações brasileiras de carne suína, de janeiro a maio deste ano, em mil toneladas



7% é a participação da **Argentina** nas exportações brasileiras de carne suína neste ano

Exportação brasileira de carne suína neste ano
Em mil toneladas



181,2 mil toneladas foram exportadas de **carne suína** pelo Brasil neste ano até maio

O NOVO FOCO DA FEBRE AFTOSA NO BRASIL

- No dia 17, o Ministério da Agricultura confirmou um foco da doença em uma fazenda em **Monte Alegre**, no Pará
- Essa região é considerada pelo ministério como de alto risco para a doença, pois ainda está em fase de implementação do sistema de defesa sanitária animal
- No dia 18, a Rússia suspendeu as importações de carne do Brasil

→ **Ontem, a Argentina suspendeu as importações de carne de animais suscetíveis à doença**



Fontes: Abipecs (Associação Brasileira da Indústria Produtora e Exportadora de Carne Suína) e **Folha**

ANDRÉ SOLIANI
DA SUCURSAL DE BRASÍLIA

CLÁUDIA DIANNI
DE BUENOS AIRES

O governo argentino suspendeu ontem as importações de carne brasileira de animais suscetíveis à febre aftosa por causa do foco da doença encontrado recentemente em Monte Alegre, no Pará. O governo brasileiro, porém, diz que o embargo nem chegará a entrar em vigor e que a situação será normalizada hoje.

A razão que levou a Argentina a anunciar o veto é a mesma pela qual a Rússia já havia suspendido as compras do produto brasileiro na semana passada.

As autoridades sanitárias argentinas informaram que a medida extrema foi adotada por causa da falta de iniciativa do governo brasileiro em informar o parceiro sobre a dimensão do problema detectado e as medidas adotadas para combater o foco.

Antes mesmo de começar a valer a restrição do parceiro comercial, o governo brasileiro divulgou uma nota no fim da tarde de ontem em que anunciava que já havia feito contatos para normalizar o comércio tanto com a Argentina quanto com a Rússia.

O secretário de Agricultura da Argentina, Miguel Campo, informou que o embargo promovido pelos dois países deverá ser suspenso ainda hoje, segundo o ministro interino da Agricultura, Linneu Costa Lima.

A informação não foi confirmada pelo governo argentino. Antes da divulgação da nota brasileira, o Serviço Nacional de Qualidade Agroalimentar (Senasa) argentino informou que a proibição do ingresso de animais vulneráveis à doença ou produtos derivados destes animais "será temporária, e a suspensão da medida depende das investigações conduzidas pelas autoridades brasileiras e oportunos comunicados que se faça às autoridades sanitárias argentinas".

"Assim que as informações forem analisadas pelos técnicos da Senasa, as importações do complexo carne serão normalizadas", afirma nota do Ministério das Agricultura brasileiro.

A Argentina não é um importador importante da carne brasileira. O vizinho compra principalmente carne de porco, único produto afetado pela proibição. Por ano, o país importa cerca de 23 mil toneladas do Brasil.

Já a Rússia é um parceiro comercial mais relevante, pois tem aumentado as importações do Brasil. No ano passado, os russos compraram 612 mil toneladas de carne brasileira.

O prejuízo diário dos exportadores de Santa Catarina com o veto dos russos é de US$ 5 milhões, informa a nota do ministério brasileiro, citando cálculos do governador do Estado, Luiz Henrique Silveira.

Desconforto

Apesar de não ser um importador relevante da carne brasileira, a medida argentina causou desconforto no governo brasileiro pela situação de parceria entre os dois países que, por causa do Mercosul, têm planos de promoção conjunta de exportação do produto em outros mercados.

A iniciativa argentina, segundo fontes do governo, afeta a imagem do produto brasileiro em mercados importantes.

Apesar da parceria entre Brasil e Argentina, há uma certa disputa entre os dois sócios por mercados, principalmente na Europa. Segundo a **Folha** apurou, técnicos do Ministério da Agricultura desconfiam que a medida é uma tentativa de prejudicar as exportações brasileiras para que a Argentina ganhe esses mercados.

O governo brasileiro combateu os dois argumentos do vizinho: risco que o foco representa para o gado argentino e a falta de comunicação. O foco do Pará foi identificado a mais de 4.000 quilômetros da fronteira com a Argentina. Os especialistas do Ministério da Agricultura afirmam que não há razões técnicas para o embargo. Segundo eles, o foco da doença está isolado das zonas exportadoras.

O secretário brasileiro de Defesa Agropecuária, Maçao Tadano, classificou a atitude argentina de "excesso de zelo". Na sua opinião, dada antes da divulgação da nota brasileira, eles voltarão atrás. "Temos as melhores relações com a Argentina", disse.

De acordo com o Ministério da Agricultura, o governo informou a Organização Internacional de Epizotia (OIE) sobre a descoberta do foco, tornada pública no dia 17 de junho.

Fontes do governo argentino disseram, porém, que o país esperava maior atenção com relação à comunicação sobre o novo foco de aftosa, pela importância das relações entre os dois países.

Segundo a Embaixada brasileira em Buenos Aires, a Argentina informou que adotaria a suspensão das importações na tarde da última terça-feira.

Os dois países, os maiores produtores mundiais de carne, vêem tentando combater a doença para receber certificados internacionais de qualidade que possibilitem o aumento das exportações. Tanto o Brasil quanto a Argentina possuem áreas livre da doença com vacinação e sem vacinação.

Mercados importantes como Estados Unidos e Japão ainda não importam carne fresca do Brasil por problemas sanitários.

O novo foco deve adiar os planos do Brasil de ser considerado país livre de febre aftosa em 2005, conforme planejava o governo brasileiro. Oficialmente, porém, essa meta ainda não foi alterada.

ENTENDA A FEBRE AFTOSA



O QUE É
A doença é causada por um vírus, o **aftovírus**. Ataca bovinos, suínos e caprinos, entre outros animais

SINTOMAS
O primeiro sintoma é a febre. Podem surgir aftas na boca, gengiva e língua, bem como feridas no casco e nos úberes (mamas). As lesões impossibilitam o animal de pastar, causando perda de peso, o que pode levar à morte

TRANSMISSÃO
O vírus é altamente contagioso e é transmitido pelo leite, carne e saliva do animal doente. Um animal pode se contaminar com vírus trazidos pela água e pelo vento ou presentes em objetos e lugares sujos

TRATAMENTO
Não há remédio para a doença. As feridas devem ser limpas e desinfetadas. Animais com boa resistência podem se recuperar

NO HOMEM
A febre aftosa raramente atinge o homem, que tem defesas contra o vírus. Em caso de contágio, podem aparecer bolhas de pus, mas não há registro de morte por **ingestão de carne** contaminada com o vírus da febre aftosa

→ **Comer carne de animais infectados não transmite o vírus ao ser humano**

PREVENÇÃO
A principal é a vacinação de rebanhos. Outra medida é vetar o transporte de animais de regiões com focos da doença para outras **livres**

→ **A OIE (Organização Internacional de Epizootias) é quem faz a classificação do status da região**

POLÊMICA *Veto chinês poderá voltar*

Acordo não garante fim de restrições à soja

DA SUCURSAL DE BRASÍLIA

O acordo entre o Brasil e a China, que permitirá a retomada da venda de soja para o parceiro comercial, não oferece nenhuma garantia jurídica de que os chineses não voltarão a adotar a tolerância zero.

Nenhum dos pontos do documento, divulgado nesta semana, explicita que a China passará a aceitar de forma definitiva os padrões brasileiros de qualidade, que permitem até uma semente tratada com fungicida por quilo de produto ou carregamentos cujas análises laboratoriais indiquem um nível de toxicidade

Mercado espera teor de acordo com os chineses

CLÁUDIA TREVISAN
DE PEQUIM

As empresas que atuam no comércio internacional de grãos aguardam a publicação pelo governo chinês do acordo fechado com o Brasil na segunda-feira para retomar os embarques de soja para o país asiático. Ouvidas pela **Folha**, duas grandes

FRASES

[A medida] será temporária, e a suspensão depende das investigações conduzidas pelas autoridades brasileiras
SENASA

Assim que as informações forem analisadas, as importações serão normalizadas
MINISTÉRIO DA AGRICULTURA

unesp

ANEXO P

Argentina veta carne brasileira

País alega caso de aftosa em estado que não exporta para suspender todas as importações

Janaina Figueiredo*, Geralda Doca e Eliane Oliveira
BUENOS AIRES e BRASÍLIA

Mesmo sem ter importado carne bovina do Brasil este ano, o governo da Argentina suspendeu ontem a importação de carne brasileira como conseqüência da descoberta de um foco de febre aftosa num rebanho do Pará, semana passada. O Serviço Nacional de Sanidade e Qualidade Agroalimentária (Senasa, na sigla em espanhol) informou que foi proibida a entrada no mercado argentino de animais brasileiros suscetíveis à febre aftosa (bovinos, suínos e ovinos). De acordo com o comunicado divulgado pelo Senasa, "a duração da suspensão dependerá das medidas sanitárias e das investigações epidemiológicas a serem conduzidas pelo Brasil". Fontes do governo argentino admitiram que a medida poderia vigorar por vários dias ou até mesmo semanas.

— Estamos avaliando a possibilidade de enviar uma missão técnica ao Brasil, para ver de perto a situação — disse uma fonte do Senasa.

Mas o Ministério da Agricultura brasileiro divulgou uma nota, no início da noite de ontem, dizendo que a Argentina deve suspender o embargo hoje mesmo. A nota atribui essa informação ao secretário de Agricultura argentino, Miguel Campos.

O ministro da Agricultura, Roberto Rodrigues, que está acompanhando o presidente Lula em Nova York, disse ontem ter recebido uma ligação de assessores informando que a Rússia, que suspendera as importações semana passada, já estaria acabando com o embargo:

— Se a Rússia levantou o embargo, a Argentina também vai levantar.

Abiec: decisão fragiliza Mercosul

• A Rússia suspendeu as importações de carnes brasileiras depois de ter sido relatado um foco de febre aftosa — pela primeira vez em 34 meses — no município de Monte Alegre, no estado do Pará. Mas os russos também embargaram a carne de frango, apesar de o animal não ser suscetível à aftosa. Mas, no caso argentino, não ficou claro nem para o governo nem para os exportadores brasileiros se as compras de frango também serão suspensas.

A Argentina importa uma quantidade pequena de carne bovina brasileira, mas isso poderia prejudicar as exportações de carne suína. Segundo o Senasa, nos primeiros cinco meses deste ano a Argentina importou 13 mil toneladas de carne suína do Brasil, no valor de US$ 19 milhões.

— O Brasil está nos devendo uma explicação. Não fomos informados sobre a situação detectada no Pará e fomos obrigamos a adotar uma medida de prevenção — disse uma fonte do governo argentino. — Ficamos sabendo da notícia pelos jornais. Temos motivos para desconfiar.

Para o Senasa, o governo brasileiro deve garantir às autoridades argentinas que o foco descoberto no Pará está isolado e não contaminará outras regiões do país. A Argentina tem suas razões para temer a aftosa. Por causa da doença, o país perdeu entre US$ 400 milhões e US$ 500 milhões.

— A questão da aftosa é muito sensível em nosso país. Sofremos este problema entre os anos 2000 e 2003, e só no ano passado conseguimos superá-lo. Não podemos correr nenhum risco — explicou o ex-subsecretário de Comércio Exterior do país e assessor do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) Raúl Ochoa, para quem a Argentina tem todo o direito de adotar essa medida.

Ontem de manhã, porém, os técnicos do governo brasileiro enviaram uma nota técnica à Argentina com todos os esclarecimentos sobre o foco. Segundo eles, a Argentina havia sido informada sobre o problema já na semana passada, via Centro Panamericano de Febre Aftosa.

Fontes do governo brasileiro mostraram indignação com a postura do principal parceiro do Brasil no Mercosul. Ao contrário da Rússia, que confundiu Pará com Paraná, os argentinos sabem que o Brasil não exporta carne pelo Pará, porque a Região Norte não é livre de aftosa.

Para o diretor da Associação Brasileira dos Exportadores de Carne (Abiec), Antônio Camardelli, decisões como esta não ajudam ninguém:

— Isso tende a fragilizar o potencial do Mercosul — disse ele, ressaltando que o Brasil não é exportador de carne bovina para a Argentina.

— Acredito que foi excesso de zelo. A Argentina sabe que o Brasil não é um país com dimensões pequenas e que o foco foi descoberto em área isolada — disse por telefone, da China, o secretário de Defesa Agropecuária, Maçao Tadano.

Para o diretor da Associação dos Exportadores de Frangos e Suínos (Abief), Cláudio Martins, a atitude do governo argentino foi uma surpresa, pois há um acordo entre exportadores brasileiros e argentinos para trocar informações a cada 40 dias:

— Infelizmente, os empresários argentinos não nos avisaram de que isso aconteceria, o que nos leva a ter de analisar se vale a pena continuar com essa integração.

Rússia deve suspender embargo

• O Ministério da Agricultura também divulgou nota afirmando que o governo russo deve suspender o embargo às importações de carnes do Brasil ainda hoje.

— Com o embargo, tudo o que foi produzido está parado. Temos de ter uma solução até o fim desta semana — disse o presidente do Sindicato das Indústrias Frigoríficas de São Paulo (Sindifrio), Edivar de Queiroz.

Ao contrário da Argentina, a Rússia responde por 12% das exportações de carnes do Brasil. De janeiro a maio, os russos compraram 217.800 toneladas de carnes. Em 2003, foram 612 mil toneladas, com receita de US$ 595,2 milhões. ■

(*) *Correspondente*

O comércio entre os dois países



Exportações brasileiras para a Argentina *(em US$ FOB)*



	CARNE BOVINA IN NATURA	CARNE BOVINA INDUSTRIAL	FRANGO IN NATURA	FRANGO INDUSTRIAL	CARNE SUÍNA
2000	US$ 307.532	US$ 37.881	US$ 88.998.280	US$ 5.674.420	US$ 55.517.471
2001	US$ 1.477.537	0	US$ 22.480.477	US$ 2.408.888	US$ 52.224.845
2002	0	US$ 1.852	US$ 559.587	US$ 373.435	US$ 11.216.524
2003	0	US$ 24.537	US$ 5.480.529	US$ 654.552	US$ 40.480.240
2004*	0	0	US$ 466.815	US$ 447.787	US$ 16.058.166

*janeiro a maio

FONTE: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior

O controle da epidemia

• BRASÍLIA. O foco de febre aftosa encontrado no Noroeste do Pará, às margens do Rio Amazonas, não deve prejudicar a intenção do Brasil de erradicar a doença até o ano de 2005. Pelo menos é o que esperam os técnicos do Ministério da Agricultura que estão à frente desse desafio. Além disso, outro argumento é que a área afetada está situada à distância de 700 quilômetros da zona livre de aftosa, o que não justificaria a suspensão das exportações de carne brasileira.

Há 34 meses o Brasil não registrava um único caso da doença no país. A última ocorrência foi no Maranhão, em 2001. Atualmente, cerca de 90% do rebanho brasileiro, de 182 milhões de cabeças, são considerados livres de febre aftosa, em conseqüência de vacinação.

Para valorizar a imagem do rebanho brasileiro, o ministro da Agricultura, Roberto Rodrigues, afirmou, recentemente, que o governo vai intensificar a campanha para erradicar de vez a doença no país. Assim, estados como Goiás, Amapá, Pará, Amazonas e Acre terão todo o rebanho vacinado. Preocupado com os países fronteiriços, o Ministério da Agricultura doou, no ano passado, um milhão de doses de vacina contra a febre aftosa à Bolívia e outras 500 mil ao Paraguai.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 1 12 13 14 15 16 17 18

ANEXO Q

PT X PT *Nove deputados e três senadores estão impedidos de representar bancada e partido*

PT pune 12 por voto contra mínimo

DA FOLHA ONLINE
DA SUCURSAL DE BRASÍLIA

A Executiva Nacional do PT decidiu ontem, em São Paulo, punir os nove deputados e três senadores do partido que votaram contra o salário mínimo de R$ 260.

O documento, aprovado por 9 a 3, impede os congressistas de serem indicados para funções de representação de bancada e do PT.

Em 2003, a Executiva do partido expulsou os deputados Babá (PA), João Fontes (SE) e Luciana Genro (RS), além da senadora Heloísa Helena (AL), por votarem contra a reforma da Previdência.

Os punidos na Câmara são Orlando Fantazini (SP), Paulo Rubem (PE), Maria José Maninha (DF), Mauro Passos (SC), Chico Alencar (RJ), Ivan Valente (SP), Doutora Clair (PR), João Alfredo (CE) e Walter Pinheiro (BA). Os senadores Paulo Paim (RS), Flávio Arns (PR) e Serys Slhessarenko (MT) completam o grupo.

A Executiva decidiu ainda abrir um processo de discussão para tentar melhorar a relações desses parlamentares com o partido.

Os punidos se reunirão amanhã para decidir que resposta darão ao PT. Três dos nove deputados ouvidos pela **Folha** criticaram a decisão, mas concordaram com a necessidade de uma repactuação na relação entre eles e o partido.

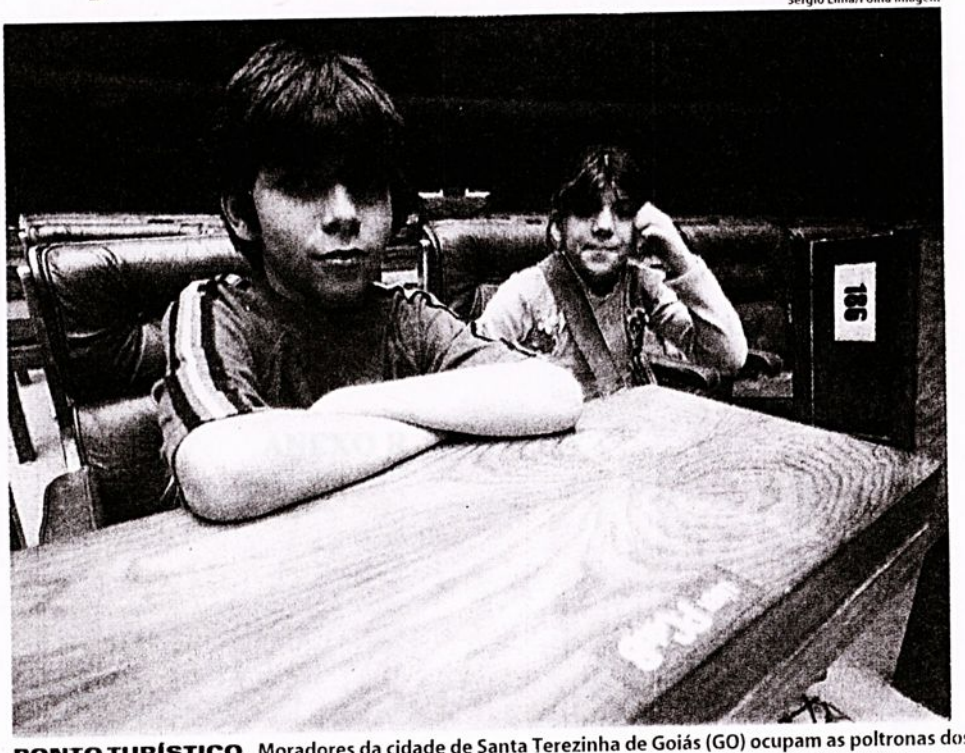
"A novidade na decisão não é a 'geladeira', onde já estamos há muito tempo. A novidade é a palavra 'repactuar'. É tudo o que queremos", disse Maninha. "Vamos agir em conjunto, temos poder de pressão, que não é pequeno. Alguns partidos da base têm menos deputados do que nosso grupo e são ouvidos", afirmou, em referência ao PC do B, que, com nove deputados e nenhum senador, tem dois ministros.

"A resolução é inusitada: pela primeira vez na história, um partido popular, de viés socialista, reprova quem defendeu um salário um pouco maior para quem menos ganha", disse Chico Alencar, para quem o governo Lula trata a bancada como um conjunto de "meros apertadores de botão".

"Somos os primeiros a querer um novo pacto de relacionamento com o partido e com o governo, pois os canais andam entupidos e as decisões mais importantes do Executivo são acatadas muito mais pelo disciplinamento."

Doutora Clair afirmou que é a favor de um recurso ao Diretório Nacional do PT. "Não podemos ser punidos por defender bandeiras históricas do partido", disse.

Sergio Lima/Folha Imagem



PONTO TURÍSTICO Moradores da cidade de Santa Terezinha de Goiás (GO) ocupam as poltronas dos deputados federais no plenário da Câmara durante visita que fizeram ontem ao Congresso Nacional

ANEXO R

PT dá punição branda a rebeldes do mínimo

Executiva nacional evita expulsão e decide que parlamentares não poderão representar partido no Congresso

Soraya Aggege

• SÃO PAULO. A executiva nacional do PT puniu de forma branda, mas por tempo indeterminado, os nove deputados e três senadores do partido que votaram contra o salário-mínimo de R$ 260, proposto pelo governo. A resolução, aprovada ontem por 9 votos a 3, proíbe que os 12 parlamentares representem o partido ou assumam novas funções em comissões no Congresso.

O castigo vai durar até que os 12 parlamentares firmem um novo pacto de relacionamento político com o partido, segundo a decisão da cúpula. As condições para que o pacto seja firmado, e o prazo para que isso ocorra, não foram revelados.

— Queremos repactuar com os parlamentares. O caso foi de indisciplina, mas não de ruptura. O laço existe e nós não queremos esgarçar a fita — disse o presidente nacional do PT, José Genoino.

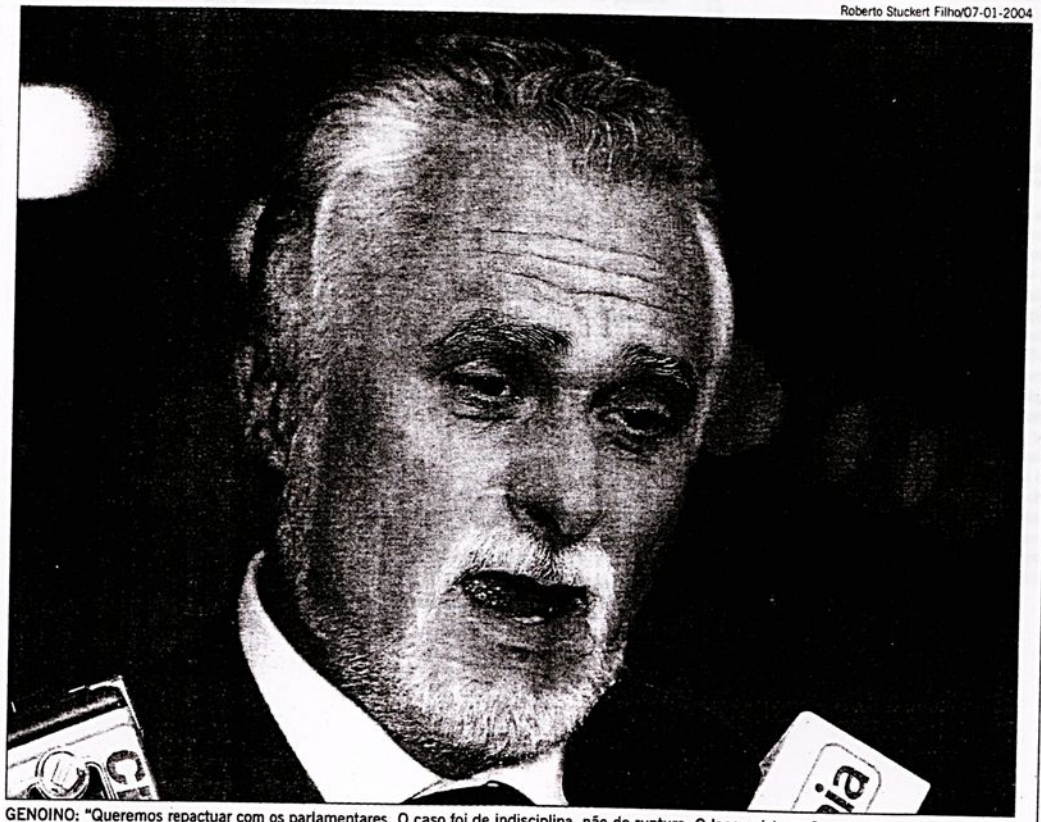
Parlamentares punidos pretendem recorrer

Alguns dos punidos pretendem recorrer da decisão ao diretório nacional, alegando que não foram ouvidos pela executiva. Amanhã à tarde, eles devem se reunir em Brasília para tomar uma decisão comum.

— A punição, de não permitir que representemos o PT, já vem ocorrendo. A única novidade é esta palavra: repactuação. Não sabemos ainda o que significa — reagiu a deputada Maninha (DF).

O deputado Chico Alencar (RJ), que já havia sido punido por seu voto na reforma da Previdência, disse ser inusitado que um partido dos trabalhadores, de viés socialista, puna, ain-

Roberto Stuckert Filho/07-01-2004



GENOINO: "Queremos repactuar com os parlamentares. O caso foi de indisciplina, não de ruptura. O laço existe e não queremos esgarçar a fita"

A lista dos punidos

• Estes são os parlamentares petistas que perderam o direito de representar o partido em comissões na Câmara dos Deputados e no Senado Federal por não terem votado a favor da medida provisória do governo federal que fixou o novo valor do salário-mínimo em R$ 260. Eles foram favoráveis à proposta do PFL, que fixava o salário-mínimo em R$ 275.

SENADORES

- Flávio Arns (PR)
- Paulo Paim (RS)
- Seris Shlessarenko (MT)

DEPUTADOS FEDERAIS

- Chico Alencar (RJ)
- Dra. Clair (PR)
- Ivan Valente (SP)
- João Alfredo (CE)
- Luiz Alberto (BA)
- Maninha (DF)
- Mauro Passos (SC)
- Orlando Fantazzini (SP)
- Walter Pinheiro (BA)

Pesquisa mostra PT mais estruturado

Em 91 cidades prioritárias, partido tem candidato ou apóia aliados

Ilimar Franco

• BRASÍLIA. O PT decidiu priorizar as candidaturas do partido em 91 municípios de maior eleitorado do país. O Grupo de Tra-

Editoria de Arte

O PT nos municípios

Candidaturas próprias 65

Governo faz cartilhas para divulgar ações

Material servirá para candidatos petistas

Cristiana Lôbo* e Catia Seabra

Era a terceira crise de con-

(RJ), que já havia sido punido por seu voto na reforma da Previdência, disse ser inusitado que um partido dos trabalhadores, de viés socialista, puna, ainda que de forma moderada, os filiados que defenderam R$ 15 a mais para os salários dos que menos ganham no país.

— Valeu mais o disciplinamento que o convencimento. Não me sinto intimidado e nem me sinto menos petista. Mas essa repactuação é um reconhecimento de que falta diálogo entre o Executivo, as bancadas e o partido. Lamento que parlamentares de alto gabarito não possam participar de novas comissões e representações. Isso empobrece o PT.

Ivan Valente (SP), também punido pela segunda vez este ano, disse que todos têm direito de recorrer da medida.

A direção do PT também interveio no diretório municipal de Mogi das Cruzes (SP), cidade onde mora o presidente nacional do PL, Waldemar da Costa Neto. O PT lançou candidato próprio, Iduígues Martins, mas a direção do PL exigiu que o partido apóie a candidatura de Luiz Carlos Godim, do PL. O PT decidiu sacrificar seu candidato. ■

➤ **NO GLOBO ONLINE:**
Leia a íntegra da resolução do PT

www.oglobo.com.br/pais

• BRASÍLIA. O PT decidiu priorizar as candidaturas do partido em 91 municípios de maior eleitorado do país. O Grupo de Trabalho Eleitoral (GTE) fez um levantamento sobre o desempenho do partido nas eleições de 2000 e constatou que o partido teve 8 milhões de votos nestas cidades, o que corresponde a dois terços da votação petista naquela eleição. Os petistas concluíram que, a cem dias das eleições municipais, a situação do partido é melhor hoje do que há quatro anos.

— O PT está muito bem situado na largada do processo eleitoral. O que tenho dito é que não podemos entrar nesta disputa nem de salto alto nem pessimistas com os resultados das pesquisas. Vamos crescer na campanha — disse o presidente do PT, José Genoino.

Em 2000, 23 petistas elegeram-se prefeitos

Nas eleições de 2000 o PT teve 65 candidatos nestes 91 municípios e apoiou 24 aliados. As candidaturas petistas somaram 8 milhões de votos e 23 petistas se tornaram prefeitos. O número de candidatos do PT cresceu para 79 nestas eleições. O partido vai apoiar 12 candidatos aliados. O aumento das candidaturas próprias, acredita a direção do PT, deve ampliar a votação do partido.



Nos grandes centros, o partido está fazendo muitos acordos com PTB e PL, além do tradicional aliado PCdoB. Outros aliados tradicionais como o PDT, que rompeu com o governo, o PSB e o PPS, que preferiram lançar candidaturas próprias, não estarão coligados em muitas eleições importantes, o que não impede que os petistas apóiem candidatos destes partidos em 12 dos 91 maiores municípios.

Na avaliação dos petistas, está superada a possibilidade de o partido ser derrotado nas urnas por causa da avaliação do governo Lula. Com a melhoria dos indicadores econômicos e com a ampliação dos programas sociais, a avaliação é de que o partido será competitivo como no passado. Segundo o levantamento da direção petista, que tomou como base as pesquisas eleitorais, o partido tem 15 candidatos que lideram as pesquisas. Há 18 petistas em segundo lugar nas pesquisas. Outros 19 candidatos estão em terceiro, muitos deles próximos do primeiro colocado. Nas capitais o PT terá cabeça de chapa em 23 das 26 eleições que disputará.

— As avaliações do partido indicam que podemos atingir nossos objetivos — disse Genoino. ■

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 unesp 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28

ANEXO S

AMÉRICA LATINA *Paraguai detém o ex-general após seu anunciado retorno ao país, onde é acusado de golpismo e assassinato*

Oviedo volta, jura inocência e é preso

FABIANO MAISONNAVE
ENVIADO ESPECIAL
A FOZ DO IGUAÇU E A ASSUNÇÃO

Sob um forte esquema de segurança e de marketing, o ex-general Lino Oviedo, 60, desembarcou ontem no Paraguai após um exílio de cinco anos. Condenado a dez anos por uma tentativa de golpe e acusado de ligação com o assassinato do vice-presidente Luis María Argaña, em 1999, ele saiu preso do avião, vindo do Brasil.

Nas últimas semanas, após anunciar a data de sua volta, o ex-general concedeu entrevistas negando as acusações e afirmando confiar na renovada Corte Suprema de Justiça, que recentemente trocou seis de seus nove juízes.

A estratégia de marketing atingiu o ápice ontem, durante a curta viagem, em vôo comercial, entre Foz do Iguaçu (PR), cidade fronteiriça onde Oviedo estava morando, e a capital paraguaia.

Patrocinados por um vereador de Ciudad del Este, cerca de 200 manifestantes paraguaios aguardavam o ex-general no acesso ao aeroporto de Foz com bandeiras, música típica e duas enormes pinturas —numa delas, Oviedo está ao lado de um leão.

No inevitável discurso, realizado em guarani, de cima de uma camionete, o ex-general, envolto na bandeira paraguaia, voltou a alegar inocência e deixou claras as suas pretensões políticas: "No futuro, serei presidente do Paraguai", disse, segundo traduziu uma simpatizante à **Folha**. O ex-general foi ovacionado.

"Se este homem pisar no Paraguai, será presidente", disse o motorista Mario Roa, 47.

Já no aeroporto, um humorista da TV paraguaia entregou a Oviedo o troféu "Cagada da Semana", simbolizado por uma pequena privada pintada de ouro.

A estátua ficou cerca de cinco segundos nas mãos de Oviedo, de onde foi tirada por um assessor. Sem perder a pose, ele agradeceu a "manifestação democrática".

"Ele ganhou o prêmio porque vai se entregar a uma Justiça que não vai lhe dar um tratamento justo. Isso é uma cagada", disse Julián Croco, que realizou a cerimônia em nome do popular programa "Terceiro Olho".

O momento mais tenso ocorreu durante a checagem de documentos da Polícia Federal. O agente se negou a liberar o ex-general sob a alegação de que ele teria de entregar um salvo-conduto.

Assustado, Oviedo disse que tinha direito de ir e vir porque "era um cidadão do Mercosul" e pediu que o policial entrasse em contato com o governo.

O impasse só foi resolvido alguns minutos depois. Segundo um advogado de Oviedo, houve um equívoco por parte do agente.

Durante o vôo, aplausos quando o avião cruzou o rio Paraná e ao chegar ao aeroporto de Assunção. Quase todas as poltronas estavam ocupadas em torno de Oviedo —sua mulher, políticos paraguaios, amigos e a imprensa —alguns jornalistas tiveram a passagem paga pelo ex-general. Quatro agentes da Polícia Nacional paraguaia ocupavam a primeira fileira.

No aeroporto, esperavam na pista e na saída do túnel de desembarque cerca de 14 policiais fortemente armados e oficiais do Exército. Depois de cerca de 30 minutos de empurra-empurra e algum impasse, Oviedo foi escoltado sem algemas até uma ambulância. Em seguida, embarcou num helicóptero até o presídio militar Viñas Cué, em Assunção.

"Foi um verdadeiro seqüestro", disse o senador Alejandro Velázquez Ugarte, da Unace (União Nacional dos Cidadãos Éticos), partido de oposição fundado por Oviedo que tem a terceira maior bancada no Congresso.

Jorge Saenz/Associated Press



O ex-general Lino César Oviedo (centro) é escoltado pela polícia ao desembarcar no Paraguai

COMENTÁRIO

Uma alegoria da América Latina

MARCOS GUTERMAN
EDITOR-ADJUNTO DE MUNDO

A volta de Lino Oviedo ao Paraguai, o mesmo general que já se fantasiou de imperador romano, é daqueles eventos que reafirmam o caráter alegórico da América Latina. Ao descer do avião, Oviedo sabia que seria preso e esperava por isso, pois lhe interessava transformar sua volta num dramalhão típico deste continente.

A América Latina oviedista é a realização de um certo "etos barroco", no qual a modernidade é incorporada quase sempre como farsa. O espetáculo teatral de Oviedo prova que a simulação, neste lado do mundo, é muito mais importante do que o real. "A aparência triunfa sobre os significados políticos, ditando os motivos que irão gerenciar a ação histórica", diz Janice Theodoro em "América Barroca".

Oviedo obviamente não está sozinho nessa carnavalização da história. Para ficarmos somente no século 20, tomemos como exemplo o peronismo, cujo eixo é o desprezo pelas teorias, pelo jogo político e, em última análise, pelas lições do passado. "Julgamos tudo empiricamente pelos resultados. Todas as demais considerações são inúteis", escreveu Perón em "Conducción Política". Para o caudilho, liderar é uma arte e, portanto, depende não da racionalidade, mas da "inspiração, que os homens têm ou não".

O resultado disso é que a retórica peronista —e oviedista, e chavista, e castrista, afinal— "não presentifica nada ausente e não estende nenhuma linha de distinção na dimensão do passado, mas mostra exclusivamente a plenitude do presente e da proximidade", diz Hans Ulrich Gumbrecht em "Modernização dos Sentidos". Isto é, a linguagem desse caudilhismo é pura forma e, portanto, surge totalmente descompromissada com a verdade histórica, quando não a afronta.

Assim, Oviedo tenta, em seu site (www.oviedolinocesar.com), provar que não arquitetou um golpe em abril de 1996, apesar de todas as evidências em contrário. É assim que Chávez procura passar por democrata, tendo ele mesmo tentado dar um golpe em 1992. É assim que Fidel defende as "conquistas" cubanas, enquanto aqueles que discordam de seu ponto de vista estão presos, exilados ou mortos.

É como na Macondo de Gabriel García Márquez, em que, após o massacre de 3.000 trabalhadores rebelados, os militares dizem: "Claro que foi um sonho. Em Macondo não aconteceu nada, nem está acontecendo, nem nunca acontecerá. É um povoado feliz".

Ex-general é novo problema para o governo

DO ENVIADO ESPECIAL

A volta do líder oposicionista Lino Oviedo é mais um foco de instabilidade para o presidente paraguaio, Nicanor Duarte Frutos.

Empossado no ano passado, ele tem mostrado sinais de desgaste, como derrotas na Câmara, uma onda de greves de servidores públicos e a perda de apoio dentro de seu partido, o Colorado.

Oficialmente, o governo paraguaio tem evitado fazer comentários sobre o caso Oviedo. "Ele tem pendências com a Justiça, não é um tema do governo", afirmou ontem à **Folha** o vice-ministro de Segurança, Eustáquio Colmán Rodriguez.

Já os oviedistas apostam que seu líder ficará na cadeia por pouco tempo.

A estratégia de defesa ainda não foi divulgada, mas deve alegar que a condenação de Oviedo, feita por um tribunal militar e mantida pela Corte Suprema de Justiça, é inconstitucional e deve ser anulada.

Segundo um dos advogados que acompanharam Oviedo até a prisão, o ex-general, por ter se aposentado, não poderia passar por um tribunal militar: "Obviamente, o general Oviedo é um cidadão civil."

Oviedo diz confiar na nova Corte Suprema, que recentemente trocou seis dos nove juízes, após acordo entre governo e oposição.

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 unesp 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28

ANEXO T

Oviedo é preso ao voltar ao Paraguai

Governo isola área em torno do aeroporto para evitar manifestação de apoio

Adauri Antunes Barbosa

Enviado especial

• FOZ DO IGUAÇU e ASSUNÇÃO. O ex-general paraguaio Lino Oviedo foi preso ontem em Assunção ao desembarcar no aeroporto Silvio Pettirossi, depois de cinco anos e três meses de exílio no Brasil. Uma unidade especial com 25 policiais armados de fuzis, acompanhada por três efetivos do Exército paraguaio e agentes a paisana deu voz de prisão ao ex-militar, conduzindo-o numa ambulância para exames médicos e, em seguida, para a penitenciária militar de Viñas de Cué, a cerca de dez quilômetros do aeroporto. Lá, Oviedo se recusou a assinar a ata de reclusão.

— Confio no país. Temos novas administrações jurídicas e políticas, e um presidente eleito democraticamente — disse Oviedo pouco antes de desembarcar em Assunção.

Para evitar que manifestantes saudassem a volta de Oviedo, uma área de dois quilômetros em torno do aeroporto foi isolada pelo governo do Paraguai desde domingo.

Com 61 anos, o ex-general deverá cumprir pena por tentativa de golpe de Estado contra o presidente Juan Carlos Wasmosy, em 1996. Seus advogados tentaram suspender a sentença, mas ela foi ratificada em última instância pela Suprema Corte de Justiça do país.

Oviedo embarcou para o Paraguai no aeroporto de Foz do Iguaçu, onde foi saudado por cerca de 400 partidários que atravessaram a fronteira em ônibus especiais. Ele deu entrevista afirmando que sua volta será uma prova para a democracia em seu país:

— O presidente Nicanor Duarte foi eleito democraticamente. (Meu retorno) vai ser uma prova para a democracia no país. Além disso, a Justiça do país tem 70% de novas autoridades. Por isso nossa gente não vai ficar à margem dos tratados internacionais — afirmou o ex-general. ■

Reuters



OVIEDO DANÇA com uma paraguaia no aeroporto de Foz do Iguaçu

Biblioteca - Unesp - Bauru

Proc. 65/44/01/05 D R$ 10,00
Procedência: Denise Paro

Incorporado em: 15/08/05



unesp